

cicatrizes

Encontrando paz e propósito nas feridas do seu passado

sharon jaynes

SHARON JAYNES

CICATRIZES

ENCONTRANDO PAZ E PROPÓSITO NAS
FERIDAS DO SEU PASSADO

Traduzido por MARIA EMÍLIA DE OLIVEIRA

MC
mundocristão
São Paulo

Mídias Sociais

 curta

 siga

 confira

 assista

 acesse

Copyright © 2006 por Sharon Jaynes
Publicado originalmente por Harvest House Publishers, Eugene, Oregon, EUA.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei no 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Preparação: Rosa Ferreira
Revisão: Josemar de Souza Pinto
Diagramação: Triall Composição Editorial Ltda
Diagramação para e-book: Felipe Marques
Capa: Julio Carvalho

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

J46c
Jaynes, Sharon
Cicatrizes [recurso eletrônico] : encontrando paz e propósito nas feridas do seu passado / Sharon Jaynes ; tradução Maria Emília de Oliveira. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2017.
recurso digital

Tradução de: Your scars are beautiful to god
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-433-0218-8 (recurso eletrônico)

1. Espiritualidade. 2. Vida espiritual - Cristianismo. 3. Livros eletrônicos. I. Oliveira, Maria Emília de. II. Título.

16-38624

CDD: 248
CDU: 2-584

Categoria: Autoajuda

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

1ª edição eletrônica: fevereiro de 2017

Este livro é dedicado a meu padrasto, Pete Wright.
Ele foi um exemplo de amor incondicional, amado por todos os que tiveram o privilégio de conhecê-lo.

Sumário

Agradecimentos

1. As cicatrizes contam uma história
2. Reconhecendo Jesus em nossas cicatrizes
3. Meditando no propósito de nossas cicatrizes
4. Investindo em outras pessoas para redimir o sofrimento
5. Substituindo as feridas por cicatrizes
6. Restaurando o coração despedaçado
7. Recebendo graça e perdão
8. Abandonando a nuvem de vergonha
9. Retirando a máscara e mostrando a face verdadeira
10. Resistindo ao medo da rejeição
11. Rejeitando a mentira da desqualificação
12. Revelando a verdade
13. Liberando o poder de nossas cicatrizes

Bibliografia

Agradecimentos

A publicação deste livro não teria sido possível sem a colaboração de homens e mulheres corajosos que não se envergonharam de suas cicatrizes e se dispuseram a usar o próprio sofrimento para ajudar outras pessoas. Um agradecimento especial a Bob e Audrey Meisner, Patricia Dilling, Marita Yerton, Karl Kakadelis, Patricia Campbell, Micca Campbell, Wendy Blight, Carol Sittema, Tom e Lyndalyn Kakadelis, Katie Signaigo, Melissa Taylor, Blake Taylor, Dylan Taylor, Tricia Groyer, Rod Huckaby, Huck Huckaby, Carol e Gene Kent, Kathy Klein, Susie Pietrowski, Ginger Plowman, Many Nash e a meu filho, Steven Jaynes. Ao observar a paz e o propósito no sofrimento que cada um de vocês enfrentou no passado, senti-me encorajada a compartilhar com o mundo a esperança e a cura proporcionadas por Jesus Cristo.

Agradeço mais uma vez aos funcionários e dirigentes incríveis da Harvest House Publishers por acreditarem neste projeto.Vocês estão mudando verdadeiramente o mundo para Cristo e trabalhando em prol de uma farta colheita.

Para sempre serei grata a meu maravilhoso marido, Steve, por suas orações, amor e apoio durante os meses em que escrevi este livro e pelos anos de aprendizado com suas lições.

Acima de tudo, sou eternamente grata a meu Pai celestial por ter curado minhas feridas profundas, transformando-as em belas cicatrizes.

1

As cicatrizes contam uma história

Assim o digam os que o SENHOR resgatou.

Salmos 107:2

Da mesma forma que a lombada de um bom livro, as cicatrizes, por sua natureza, sugerem que há uma história para contar. Elas representam uma marca no tempo no qual a vida de uma pessoa mudou para sempre, são lembranças constantes de um incidente que, de uma forma ou outra, deixou uma impressão permanente na vida de alguém. Travis levanta uma das pernas da calça para mostrar o local onde dois projéteis penetraram durante a Guerra da Coreia. Melanie usa uma corrente de ouro logo abaixo de uma incisão feita de um lado a outro de seu pescoço delicado para salvá-la de um câncer na tireoide. Aparecendo furtivamente logo abaixo da barra da bermuda de Gayle há a lembrança da cirurgia no joelho do qual foi retirado um tumor. Sob a maquiagem de Beth é possível notar a sombra de uma cicatriz deixada por um namorado violento durante um acesso de fúria. Sob a manga da blusa de Rachel esconde-se a lembrança diária de sua tentativa de suicídio há dez anos. Bobby, de quatro anos, aponta, como se fosse um troféu, para uma ferida no joelho, símbolo de sua coragem.

Cada cicatriz representa um momento no tempo em que algo aconteceu *conosco* ou *por nosso intermédio* e que nunca será esquecido.

Tenho várias cicatrizes no corpo, e todas têm uma história para contar. Uma delas localiza-se bem no meio da testa. Conquistei-a na terceira série.

Na infância, eu era uma moleca valentona e briguenta que subia em árvores, saltava de uma pedra a outra e deixava marcas de freadas no asfalto com os pneus de minha bicicleta de selim alongado. O quintal de casa causava inveja a todos os garotos da vizinhança. Por ele passava uma vala para drenagem que atravessava a

linha divisória dos fundos e se prolongava por seis quarteirões da cidade, formando um túnel nos cruzamentos das ruas e terminando em uma vala grande que chamávamos de cânion. Ele ficava a três quarteirões de casa. Do outro lado desse terreno baldio moravam os "garotos do cânion". Eram meninos que cresceram em conjuntos habitacionais, casas com fachadas brancas, as quais eram subsidiadas na época. Havia grande animosidade entre os garotos do cânion e os garotos da vizinhança (dos quais eu imaginava fazer parte). Em certa ocasião, as duas facções rivais decidiram travar uma grande batalha em meu quintal, separadas apenas pela vala de drenagem. Em vez de espingardas ou facas, as armas escolhidas foram torrões de terra.

Cada grupo escolheu um lado da vala para reunir-se, carregando uma pilha de munições. Ao som do grito de guerra, a batalha começou. Palavras horrorosas que eu nunca ouvira foram disparadas de um lado a outro, como "mexicano nojento", "monte de lixo", "metido a besta"... ah, como os tempos mudaram.

A certa altura da batalha, um dos garotos do cânion violou as regras e atirou um tijolo. No exato momento em que ele o atirava, resolvi espiar por detrás de uma árvore e servi de alvo para o ataque. O tijolo acertou-me no meio da testa e imediatamente o sangue jorrou, escorrendo por entre as sobrancelhas. Um silêncio tomou conta do campo de batalha. E eu quebrei o silêncio com: "Você jogou sujo!".

Ao ver o sangue, os inimigos fugiram em todas as direções. Meus companheiros soldados (ou valentões) reuniram-se à minha volta, temendo que eu tivesse sofrido um golpe fatal. Pelo que me lembro, o ferimento não doeu muito — nem chegou perto da dor da surra que levei de minha mãe naquela noite.

Bem, o médico raspou uma parte do cabelo acima da testa e suturou o local. Usei orgulhosamente, por algumas semanas, um curativo ao estilo ciclope, como símbolo de coragem e bravura.

E agora? Meu cabelo não voltou a crescer completamente, e ainda tenho uma cicatriz bem no meio da testa, perto do contorno do couro cabeludo. Desde então as franjas passaram a ser problema para mim.

Tenho outras cicatrizes no corpo, entre elas uma na panturrilha direita. Eu a chamo de cicatriz da desobediência.

Na quinta série, a fase de moleca já havia sido deixada para trás. O responsável por isso deve ter sido Isaac Thorpe, que, com seus grandes olhos azuis, convenceu-me de que ser uma garota não era tão mau assim. Ganhei meu primeiro modelador elétrico para cabelo, uma sombra azul para os olhos e um frasco de gel para cabelo, só meus. Minha mãe chegou a permitir que eu usasse de vez em quando meia-calça trançada, ao estilo de redes de pesca, típicas da época. Mas as pernas. Ah, as pernas. Eram assustadoramente peludas.

— Você só vai poder raspar as pernas depois dos doze anos — mamãe avisou.

— Doze anos? — contestei. — Até lá vou estar na metade da sexta série.

Achei que minha mãe não estava sendo razoável, e minha forte teimosia infantil aflorou com toda a força. Em um sábado, enquanto mamãe saiu para fazer compras, entrei furtivamente no banheiro, desatarraxei o barbeador de meu pai, coloquei uma lâmina de corte duplo no local e voltei a atarraxá-lo. Depois, ensaboei as pernas, prendi a respiração e mandei ver. "Minha mãe nunca vai saber", pensei.

Na época não havia aparelhos de depilação para mulheres nem cera depilatória. Apenas lâminas de corte duplo, tão afiadas que conseguiriam dividir um fio de cabelo ao meio. Na primeira passada da lâmina na perna peluda, levei junto uma tira de pele da canela, de baixo para cima. Sim, sangrou. Sim, tenho a cicatriz até hoje. Sim, minha mãe ficou sabendo.

Tenho muitas histórias de cicatrizes. Há uma no lábio causada por desobediência (outra), quando atravessei uma rua movimentada para ir ao encontro de minha melhor amiga... o que me levou a cair sobre um prego, que me furou o lábio. Há uma no joelho quando entrei de bicicleta em um estacionamento de automóveis, sem olhar para os lados. Há mais uma na testa onde espetei um lápis, sem querer, quando estava na primeira série e quebrei o grafite ao tentar arrancá-lo. O grafite continua no mesmo lugar até hoje.

No entanto, algumas cicatrizes em meu corpo não são tão engraçadas assim. Por exemplo, tenho duas cicatrizes em forma de quarto crescente, logo abaixo do umbigo. Não foram causadas por *piercing*, mas por uma cirurgia laparoscópica

para tentar descobrir por que eu não conseguia engravidar. Elas me fazem lembrar os anos em que Steve, meu marido, e eu lutávamos contra a infertilidade e a perda de um filho. Há também a cicatriz no seio direito que me lembra as semanas de espera e dúvidas para saber se o nódulo era maligno ou benigno. Não, nem todas as cicatrizes são engraçadas.

Talvez minhas cicatrizes mais dolorosas sejam aquelas que ninguém vê. Você sabe do que estou falando. Todos nós temos essas cicatrizes. Elas estão no coração e na alma. A cicatriz da rejeição de um pai que não sabia me amar. A cicatriz de crescer em um lar dilacerado pelo álcool e pela violência física. A cicatriz da decepção pela perda de um filho. A cicatriz de sonhos desfeitos.

Adquirimos cicatrizes de uma destas formas: por alguma coisa que *nos* foi feita por outra pessoa ou por alguma coisa que foi feita *por nosso intermédio* decorrente de nossos erros e fracassos. Seja como for, creio que não precisamos esconder as cicatrizes nem nos envergonhar delas. As cicatrizes são um convite para compartilharmos o poder de cura de Jesus Cristo com este mundo ferido. Porque a cicatriz, pela própria definição, envolve a palavra cura.

Talvez você nunca tenha pensado nas feridas de sua vida como possíveis tesouros. Eu gostaria de que você cavasse um pouco mais fundo, jogasse a terra para o lado e descobrisse as joias sob a superfície. Da mesma forma que diamantes cintilantes, rubis resplandecentes e esmeraldas reluzentes, nossas cicatrizes são bonitas para Deus.

No decorrer da leitura, é provável que você perceba que suas feridas ainda não estão curadas. Tudo bem. Vamos trabalhar juntas.

Convido minhas leitoras a participarem comigo de uma jornada incrível em busca de paz e propósito nos sofrimentos do passado. Mas previnam-se. Essa jornada poderá mudar sua vida.

2

Reconhecendo Jesus em nossas cicatrizes

Tendo dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos alegraram-se quando viram o Senhor.

João 20:20

Alguns dias depois da Páscoa decidi ler a narrativa sobre a ressurreição de Jesus no capítulo 20 do evangelho de João. Já havia lido a história muitas vezes, mas dessa vez Deus me abriu os olhos para ver algo que eu nunca notara.

Vislumbrei em pensamento a névoa do alvorecer pairando sobre o jardim ao redor do sepulcro onde o corpo de Jesus fora colocado três dias antes. Lá estava Maria Madalena, profundamente triste e chorando a morte de seu amado Jesus. Mas, de repente... Maria hesita... pisca os olhos, tentando enxergar melhor... e depara com o inimaginável. A pedra enorme havia sido removida da entrada do sepulcro de Jesus.

"Como isso pode ter acontecido?", Maria pensou. "Quem teria levado o corpo de Jesus?"

— Preciso sair daqui e contar aos outros — ela disse, afastando-se rapidamente do túmulo vazio.

— Eles o levaram! — ela exclamou ao atravessar a porta do cômodo onde os discípulos estavam escondidos. — O corpo dele não está lá!

Sem perguntar nada, Pedro levantou-se imediatamente do chão onde estava sentado e disparou pela porta afora. João, bem mais moço e mais ágil, correu atrás de Pedro e chegou primeiro ao sepulcro.

— Ele não está aqui — João disse em voz baixa ao olhar através da entrada da gruta. — Levaram o corpo dele.

Momentos depois, Pedro chegou. Estava atordoado.

— Olhe! — João disse ao amigo esbaforido. — Ali naquele canto.

Um raio de sol atravessava a escuridão como se fosse um holofote iluminando um ator solitário no palco. No fim do feixe de luz viam-se as roupas com as quais Jesus fora enterrado. Pedro passou rápido pelo tímido João e entrou decidido na gruta escura. Mal se podiam enxergar as faixas de linho e o lenço que cobrira a cabeça de Jesus.

— O que aconteceu aqui? O que significa isso? — eles se perguntavam.

Pedro e João voltaram para casa, mas Maria continuou no jardim, chorando a morte de seu amado Jesus.

Ajoelhada perto da entrada do sepulcro vazio, ela cobriu com as mãos os olhos cheios de lágrimas. De repente, um feixe de luz chamou-lhe a atenção. Ali, no lugar onde o corpo de Jesus fora sepultado, ela viu a figura reluzente de dois anjos vestidos de branco — um sentado à cabeceira e outro sentado aos pés do sepulcro.

— Por que você está chorando, mulher? — os anjos perguntaram.

— Levaram o meu Senhor — Maria respondeu entre lágrimas. — Não sei onde o puseram.

Ao ouvir um ruído nos arbustos atrás de si, Maria virou a cabeça e viu uma nova figura, como se estivesse sonhando. Era Jesus, mas Maria não o reconheceu porque não esperava vê-lo.

Jesus repetiu as palavras dos anjos.

— Por que você está chorando, mulher?

Maria imaginou que o homem fosse o jardineiro. Ah, mas ela não estava enganada. Ele era o *Mestre Jardineiro*.

— Por favor — disse com voz chorosa —, o senhor sabe para onde levaram Jesus, para que eu possa cuidar dele?

Então Jesus disse uma só palavra:

— Maria!

Ao ouvir o próprio nome, ela reconheceu o Senhor.

Após uma rápida conversa, Maria voltou correndo para onde os discípulos estavam.

— Eu o vi! — ela anunciou. — Eu vi o Senhor!

Mais tarde, naquele mesmo dia, enquanto um grupo de desiludidos reunia-se às escondidas, Jesus apareceu no meio deles. Jesus não bateu na porta. Não abriu a porta. Simplesmente apareceu.

— Paz seja com vocês! — ele disse.

Os discípulos não o reconheceram. Ele se parecia com Jesus, falava como Jesus, mas... como poderia ser?

Para convencer os discípulos de que era realmente o Cristo ressurreto, Jesus fez um gesto simples. Abriu os braços e mostrou-lhes as mãos perfuradas por pregos. Ele levantou a túnica para mostrar a marca da lança que perfurara seu lado.

Só então eles acreditaram.

Enquanto eu lia aquele capítulo, Deus repassou as imagens várias vezes em minha mente, mas foi esta cena que mais me chamou a atenção: "'Paz seja com vocês!' Tendo dito isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos alegraram-se quando viram o Senhor" (Jo 20:19-20).

"Oh, Deus", orei, "eles só reconheceram Jesus depois que ele lhes mostrou as cicatrizes".

"Sim, minha filha", ele parecia dizer. "Era o que eu queria que você entendesse. Os discípulos só reconheceram Jesus depois que ele lhes mostrou as cicatrizes, e é assim que os outros o reconhecem até hoje... quando os homens e as mulheres cujas feridas do passado foram curadas não se envergonham de mostrar as cicatrizes a este mundo ferido."

Foi uma manifestação divina. Uma revelação. Uma mudança cataclísmica de pensamento.

Jesus não precisava ter mantido as cicatrizes da crucificação em seu corpo ressurreto. Poderia ter voltado sem elas. Afinal, foi ele quem revestiu de carne as mãos e os pés dos leprosos. Mas Jesus preferiu manter as cicatrizes, creio eu, porque lhe eram preciosas... porque só assim os outros reconheceriam quem ele era.

Nos seis meses seguintes, Deus despertou-me todas as manhãs com as mesmas palavras: "Não se envergonhe de suas cicatrizes".

“Deus, não me envergonho de minhas cicatrizes. Conto minha história com total naturalidade aonde quer que eu vá.”

“Não se envergonhe de suas cicatrizes”, ele continuou a dizer.

Assim como Pedro — cujo coração se angustiou diante das repetidas perguntas de Jesus ao lado da fogueira: “Pedro, você me ama?” —, meu coração se agitava, confuso. “Não me envergonho, Senhor. Por que continuas me despertando com as mesmas palavras dia após dia?”

“Há mais. Ajude os outros a entender.”

Deus continua falando comigo sobre o poder de nossas histórias pessoais e diz que as cicatrizes do passado são lindos tesouros. Jeová Rafa, o Deus que cura, põe a mão nas feridas abertas de nosso coração e as transforma em bonitas cicatrizes. Cura... é o que ele faz. Contar aos outros a respeito de seu poder de cura em nossa vida... é o que ele deseja que façamos. É assim que os outros reconhecerão seu Filho.

O PODER DE UMA HISTÓRIA

Nasci poucos dias antes do Natal. Claro que não me lembro de minha chegada a este mundo, mas sei que foi em um dia de muita neve em uma cidadezinha na zona rural de Spring Hope, Carolina do Norte. Spring Hope era pequena demais para manter um hospital, por isso meus pais fizeram uma rápida viagem de carro a Rocky Mount, onde o grande drama de minha vida estava prestes a começar. Evidentemente, minha vida foi apenas parte de uma série de dramas da saga das famílias Edwards e Anderson, porque nossa vida não é, de forma alguma, um livro sozinho na prateleira de uma estante.

Não me lembro muito de meus primeiros anos de vida. Tenho vagas lembranças de vovó, que parecia eternamente velha. Lembro-me da dentadura que ela colocava no copo à noite, das calçolas franzidas, que pendurava no varal para secar, e da trança fina e comprida que enrolava na cabeça durante o dia e soltava à noite, deixando a cabeleira cair até a cintura.

A maior parte de meus primeiros cinco anos de vida é meio nebulosa. Lamentavelmente, as lembranças mais marcantes são desagradáveis. Tenho

certeza de que há dias felizes escondidos nos registros de minha mente, mas os tristes têm a tendência de ofuscar a intensidade da luz, fazendo os reluzentes perderem o brilho.

Morávamos em uma região agradável. A casa, do tipo casarão de fazenda, era cercada por pinheiros de quase vinte metros de altura. Algumas azaleias enfileiravam-se na frente da casa. Colunas em estilo colonial sustentavam a extensa varanda, e uma cadela da raça collie, chamada Lassie, servia-nos de sentinela. Embora a casa fosse o retrato da tranquilidade do Sul, no interior de suas paredes fermentava uma atmosfera de hostilidade e medo.

Meu pai não bebia todos os dias, mas, quando bebia, não sabia o momento de parar. Meus pais se agrediam física e verbalmente diante de mim, e passei grande parte da vida com medo. Tinha a sensação de estar vivendo sobre uma falha geológica, sem saber quando ocorreria o grande terremoto. Houve muitos grandes terremotos.

Lembro que ia para a cama à noite e puxava as cobertas até o queixo, orando para pegar logo no sono, só para não ter de ouvir os gritos, os berros e as brigas no quarto ao lado. Na cômoda de meu quarto havia um porta-joias musical cor-de rosa, com uma bailarina que saltava para fora assim que a tampa fosse aberta. Muitas noites eu ia pé ante pé até o porta-joias, girava a chave e abria a tampa, na esperança de que o tilintar da música abafasse o som da briga no quarto ao lado.

Muitas feridas foram abertas involuntariamente em meu coração de menina. Eu tinha a sensação de estar sempre atrapalhando, de que não era esperta nem bonita o bastante e de que meus pais não gostavam de mim. Meu objetivo era sair do caminho deles e tornar-me independente e autossuficiente. O relacionamento tumultuado de meus pais foi responsável por muitas de minhas ações e decisões.

Sentia-me insegura, deslocada, e a sensação de inferioridade fazia parte de meu dia a dia. Eu me achava feia. Não por fora, mas por dentro, porque o interior é o mais importante de tudo.

Agora, preste atenção nisto. Lembre-se, a história de nossa vida não é um livro sozinho na prateleira de uma estante. Meus pais faziam o melhor que

podiam. Mamãe era a filha do meio de uma fileira de doze irmãos, todos criados em fazenda, e papai era o caçula dos seis irmãos. Ele perdeu o pai quando tinha cinco anos e foi criado pela mãe viúva no período subsequente à Depressão. Creio que a insegurança de meus pais foi transferida para o casamento, e nenhum deles sabia como criar uma família bem estruturada.

Deus, porém, interveio em nossa vida, e tudo começou comigo. Quando eu tinha doze anos, a mãe de uma amiga minha que morava na vizinhança falou-me de Jesus Cristo, e aos quatorze aceitei-o como meu Senhor e Salvador. Posso dizer que nunca mais fui a mesma pessoa. Embora meu pai terreno nunca me tivesse carregado no colo, nunca me tivesse dito que eu era a menina de seus olhos nem me tratado como uma filha querida, eu tinha agora um Pai celestial que me amava incondicionalmente.

Depois que me tornei cristã, minhas amigas e eu começamos a orar por minha família como nunca havíamos feito. Embora fossem um pouco céticos a respeito de minha nova religião, meus pais não podiam negar a alegria e a paz que eu tinha na vida.

Dois anos após minha conversão, minha mãe entregou a vida ao Senhor. E, três anos depois, foi a vez de meu pai entregar a vida a Cristo. Contei em detalhes essa transformação espetacular em *A Woman's Secret to a Balance Life* [O segredo de uma mulher para ter uma vida equilibrada] e *A mulher dos sonhos de seu marido*, por isso não quero repetir o que muitos de vocês já leram. Quero apenas contar por alto a história de meu pai. Peço sua permissão para revelar a história de minha família neste capítulo especial sobre a vida dele.

O álcool não era o único vício na vida de papai. Embora nunca fosse assunto de discussão em casa, o envolvimento dele com jogatina, pornografia e mulheres fazia parte da realidade não verbalizada. Ele era um sujeito durão. Mas, quando começamos a orar, a grossa camada externa de papai foi amolecendo aos poucos, e as paredes espessas ao redor de seu coração começaram a desmoronar.

Depois que mamãe se converteu ao cristianismo, papai anunciou:

— Vou parar de beber, mas não posso me tornar cristão. Fiz coisas terríveis na vida, e acho que Deus nunca vai me perdoar. Jamais serei bom o suficiente.

— Ah, papai — repliquei. — Deus vai perdoar você assim que pedir perdão a ele. Além disso, ninguém consegue ser bom o bastante. Se fosse assim, Jesus não precisaria ter morrido na cruz por nossos pecados.

À medida que Deus começou a amolecer o coração de papai, ele parou de beber — parou de vez. Aquilo foi um milagre. Mas havia ainda um vulcão de ira que ribombava continuamente sob a superfície, e nunca sabíamos quando aquela ira entraria em erupção, cuspindo em nossa vida a lava do ódio e da amargura. Continuamos a orar.

Meu pai sempre foi um homem de negócios bem-sucedido, mas, por volta de meus vinte anos, ele começou a sofrer uma série de reviravoltas que só Deus poderia ter orquestrado. Pediu demissão da empresa na qual trabalhava como gerente e deu início, com outros quatro investidores, a um negócio próprio no ramo de materiais de construção. No entanto, seu ex-empregador ameaçou processá-lo porque havia uma cláusula em seu contrato que o proibia de trabalhar dentro de um raio de cem quilômetros em uma empresa concorrente. Papai enfrentou um tribunal — só Deus sabe por quê — e teve a reputação manchada na cidadezinha na qual morava. Vergado sob o peso da opressão, ele estava caminhando rumo a um colapso nervoso e perda total do controle.

Agora Deus tinha meu pai no lugar exato que queria. Papai chegou ao fundo do poço, e só havia uma alternativa: sair dali. Enquanto estava na Pensilvânia, a cerca de oitocentos quilômetros de casa, ele percebeu que entraria rapidamente em colapso. Dirigiu o carro até uma igreja e perguntou se havia alguém ali que pudesse ajudá-lo.

— Há um pastor aqui que possa orar por mim? — ele perguntou.

— Lamento muito — respondeu a recepcionista. — Ele não está no momento. Mas há um aqui — ela continuou a falar enquanto rabiscava um mapa improvisado em uma folha de papel. — Nosso pastor não está hoje, mas sei que Clyde Barnes, o pastor de uma igreja nesta região, está colaborando na construção do novo templo da igreja dele. Recomendo que o senhor vá até lá. Tenho certeza de que ele poderá ajudá-lo.

Papai entrou novamente no carro e dirigiu-se a uma igreja na zona rural, onde encontrou um homem com um martelo na mão e Jesus no coração.

— O que posso fazer por você? — o pastor perguntou.

— Preciso que o senhor ore por mim — papai explicou, com lágrimas correndo pelo rosto marcado pelo tempo.

— Vamos sentar-nos aqui neste tronco de madeira enquanto você me conta o que está acontecendo.

Papai passou várias horas sentado em um tronco de madeira ao lado daquele colega de profissão e contou-lhe tudo o que havia feito. Terminada a confissão, o pastor passou a mão ao redor dos ombros trêmulos de papai e contou sua história.

— Veja só, Allan — ele começou a dizer —, fui um homem muito parecido com você.

E, nos minutos seguintes, o pastor revelou seu passado tenebroso e a maravilhosa esperança de vida e cura em seu relacionamento com Jesus. Da mesma forma que o Cristo ressurreto, o pastor revelou suas cicatrizes, e papai aceitou o Salvador.

Naquele dia, meu pai e o pastor, que nunca conheci, ajoelharam-se no bosque da Pensilvânia e fizeram a "oração do pecador". Meu pai chegou ali como um pecador e saiu como um santo.

O que provocou aquela guinada na vida de meu pai? Bem, com toda a certeza foi o poder do Espírito Santo, que vivificou seu espírito morto. E creio que, graças à disposição daquele pastor em mostrar as próprias cicatrizes, um homem com as feridas sangrando e necessitando de cura encontrou a ajuda que procurava. Quase sempre me pergunto o que teria acontecido se o pastor tivesse sentido vergonha de seu passado e decidido guardar segredo dos detalhes sórdidos. Ouso dizer que meu pai não teria aceitado Cristo naquele dia.

Quando não nos envergonhamos de nossas cicatrizes, mas contamos a história de como Deus nos tirou do abismo, as pessoas são capazes de ver Jesus em nossa vida. Ele se torna real para elas. De repente, Jesus deixa de ser um homem descrito em um livro ou um rosto pintado em um quadro. Ele torna-se o Médico, o Sustentador, o Redentor... torna-se real.

Posteriormente papai explicou:

— Contei àquele homem tudo o que eu havia feito, e ele disse que havia feito as mesmas coisas. Imaginei que, se Deus o perdoou e até permitiu que ele fosse pastor, também poderia me perdoar.

Todos nós temos uma história para contar

Todo seguidor de Cristo tem uma história para contar. "Eu era assim... e fiquei assim." Por tradição, podemos chamar nossas histórias de "testemunho". Em um tribunal, testemunho é um relato feito por uma testemunha ocular. Um homem ou uma mulher não pode sentar-se no banco das testemunhas e contar o que alguém lhe contou sobre um incidente. A testemunha só pode contar o que viu com os próprios olhos ou ouviu com os próprios ouvidos. Da mesma forma, a história mais poderosa que podemos contar é o que Cristo fez por nós, como ele nos tirou da morte para a vida!

Um dia, Jesus avistou um cego sentado à beira da estrada. O Senhor cuspiu no chão, misturou terra com saliva para formar lodo e aplicou-o nos olhos do cego.

— Vá lavar-se no tanque de Siloé — ele disse ao cego.

Depois que se lavou para retirar o lodo, o homem viu, pela primeira vez na vida, os raios do sol, as ondulações na superfície da água e as linhas na palma das mãos. Ele recuperou a visão.

Não foi o lodo que tinha poderes miraculosos. O lodo nunca teve tais poderes. Foi o que Jesus fez *com* o lodo que o transformou em bálsamo medicamentoso. E o mesmo ocorre em nossa vida.

Os moradores da cidade ficaram atônitos. — Não é este o mesmo homem que costumava ficar sentado, mendigando? — perguntaram.

— Sou eu mesmo — ele respondeu com alegria.

— Então, como foram abertos os seus olhos? — voltaram a perguntar.

— O homem chamado Jesus misturou terra com saliva, colocou-a nos meus olhos e me disse que fosse lavar-me em Siloé. Fui, lavei-me, e agora vejo.

Os líderes religiosos não gostaram do fato de Jesus ter curado aquele homem no sábado. Estavam mais preocupados com a rigidez da lei que com o cego, por

isso mandaram chamar o homem para interrogá-lo sobre como ele recuperara a vista.

— Ele colocou uma mistura de terra e saliva em meus olhos, eu me lavei e agora vejo — respondeu ele.

Ainda não satisfeitos, mandaram chamar os pais dele e os interrogaram. Eles disseram:

— Sabemos que ele é nosso filho e que nasceu cego. Mas não sabemos como ele pode ver agora ou quem lhe abriu os olhos. Perguntem a ele. Idade ele tem; falará por si mesmo.

Os líderes religiosos chamaram o ex-cego para outro interrogatório.

— Para a glória de Deus, diga a verdade. Sabemos que esse homem é pecador.

O cego replicou:

— Não sei se ele é pecador ou não. Uma coisa sei: eu era cego e agora vejo!" (cf. João 9:1-25).

Não podemos desmentir a história pessoal de outra pessoa. Em *Uma vida com propósitos*, Rick Warren diz:

> Histórias pessoais são mais fáceis de relatar do que princípios, e as pessoas adoram ouvi-las. Elas prendem nossa atenção e ficam em nossa memória por mais tempo. Os incrédulos provavelmente perderiam o interesse se você começasse a citar teólogos, mas têm uma curiosidade natural sobre experiências que nunca tiveram. Histórias compartilhadas criam uma ponte de relacionamento por onde Jesus pode atravessar de seu coração para o delas.

Sim, agora o cego tinha uma história para contar. Deus planejou tudo isso. Antes de o milagre ser realizado, os discípulos de Jesus perguntaram:

— Mestre, quem pecou: este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?

— Nem ele nem seus pais pecaram — Jesus respondeu —, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele (cf. Jo 9:2-3).

Às vezes, a vida não caminha como *nós* gostaríamos que caminhasse, e gritamos: "Por que, Senhor? Por quê?". E a resposta de Deus é a mesma: "Para que a obra de Deus seja manifestada em sua vida".

A HISTÓRIA PESSOAL DE PAULO

A história do cego incluiu a cura de uma deficiência física, mas alguns dos testemunhos mais poderosos falam da cura da alma. Esse foi o caso de Paulo. Ele tinha um passado, e não se envergonhava dele. Várias vezes, quando falava ou pregava às multidões, Paulo iniciou o discurso mencionando as cicatrizes de sua história pessoal. Ele começou o discurso em Jerusalém revelando seu passado:

> Sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas criado nesta cidade. Fui instruído rigorosamente por Gamaliel na lei de nossos antepassados, sendo tão zeloso por Deus quanto qualquer de vocês hoje. Persegui os seguidores deste Caminho até a morte, prendendo tanto homens como mulheres e lançando-os na prisão, como o podem testemunhar o sumo sacerdote e todo o Sinédrio; deles cheguei a obter cartas para seus irmãos em Damasco e fui até lá, a fim de trazer essas pessoas a Jerusalém como prisioneiras, para serem punidas.
>
> Atos 22:3-5

Paulo admitiu que cometera atrocidades contra Jesus Cristo e contra os que se autodenominavam cristãos. E ele prossegue:

> Por volta do meio-dia, eu me aproximava de Damasco, quando de repente uma forte luz vinda do céu brilhou ao meu redor. Caí por terra e ouvi uma voz que me dizia: "Saulo, Saulo, por que você está me perseguindo?" Então perguntei: Quem és tu, Senhor? E ele respondeu: "Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem você persegue". Os que me acompanhavam viram a luz, mas não entenderam a voz daquele que falava comigo. Assim perguntei: Que devo fazer, Senhor? Disse o Senhor: "Levante-se, entre em Damasco, onde lhe será dito o que você deve fazer".
>
> Atos 22:6-10

Paulo começou dizendo quem ele era e o que havia feito, e depois falou da estupenda transformação que lhe ocorreu no momento em que acreditou. O apóstolo não dourou a pílula de seu passado nem tentou justificar suas ações. Simplesmente disse: "Eu era daquele jeito. Tive um encontro face a face com Jesus, e agora sou assim".

O ÚLTIMO BEIJO

"Quando Porter saiu naquela manhã para trabalhar na casa de minha irmã", Micca contou, "eu não fazia ideia de que ele nunca mais voltaria para casa. Quando ele me deu um beijo de despedida, eu não sabia que aquela era a última vez que o veria e que seu filho recém-nascido nunca o conheceria. Depois

daquele dia, Porter não envelheceu junto comigo como imaginei. Ao contrário, ele permanecerá sempre jovem em meu coração e em minha mente".

Micca conheceu Porter aos dezenove anos de idade. Ele trabalhava para a Shoney's carregando caixas de alimentos congelados para serem colocadas em caminhões de dezoito rodas que transportavam os produtos por todo o país. Tinha músculos bem definidos, olhos escuros penetrantes e uma encantadora fenda no queixo. Após o primeiro encontro, Micca teve certeza de que ele era o homem com quem desejava passar o resto da vida.

Um ano depois desse encontro, Micca e Porter se casaram.

"Parecia que o mundo inteiro havia sido criado apenas para nós", Micca contou. "Nada seria capaz de interferir em nosso amor. Se o mundo terminasse, não nos importaríamos, desde que continuássemos juntos."

Os recém-casados eram pobres ao extremo, mas viviam de amor e grandes sonhos. Quando a noite chegava, ficavam abraçados no sofá de sua pequenina casa geminada, idealizando o porvir, escolhendo nomes para os futuros filhos e planejando a casa de seus sonhos. Depois de dezoito meses de vida conjugal, esse amor se manifestou na forma de um lindo pacotinho: um filho. Como ocorre nos contos de fadas, os sonhos de Micca tornaram-se realidade. Mas, de repente, um capítulo inesperado surgiu no livro da história de sua vida. Ela contou:

"Lembro-me de ter andado de um lado para o outro com o bebê no colo, imaginando onde Porter estaria. O jantar estava esfriando, ele não havia ligado e comecei a me preocupar. De repente, ouvi uma batida na porta. Ao ver o rosto extremamente pálido de meu pai, perguntei: 'O que aconteceu? Houve algum problema?' 'Porter sofreu um acidente', ele respondeu. 'Precisamos ir ao hospital.'

"Como ele está?", repliquei. 'Não sei ao certo', ele respondeu.

"O trajeto de carro ao hospital pareceu durar uma eternidade. Não me lembrava de ter percorrido uma distância tão longa. A cada momento que passava, eu ficava mais ansiosa. Pensava em muitas coisas ruins, mas não estava nem um pouco preparada para o que veria em breve."

No início daquela manhã, o marido de Micca havia ido à casa do cunhado para ajudá-lo a impermeabilizar o porão. Porter e Pat cavaram um fosso de pouco mais de dois metros em volta do alicerce e começaram a aplicar um

material impermeabilizante altamente inflamável. Enquanto trabalhavam, os gases nocivos impregnaram o fosso. Faltando apenas um metro e meio para terminar a obra, o aparelho externo de ar condicionado ligou, e os gases entraram em combustão. O fosso explodiu em chamas, transformando-se em um inferno abrasador. Pat conseguiu subir e saiu do fosso, mas, ao olhar para baixo, viu Porter envolto em chamas. Voltou imediatamente para o meio do fogo e tirou Porter. Ambos transformaram-se em tochas humanas, com as chamas queimando-lhes as roupas e a carne.

Os bombeiros estavam terminando um trabalho a algumas casas dali. Ao ver as chamas, correram ao local. Quando chegaram, encontraram Porter e Pat em estado de choque. Os homens queimados foram imediatamente colocados em macas e transportados na viatura dos bombeiros para o Centro de Queimados de Vanderbilt.

"Meu cunhado recebeu queimaduras em mais de 40% do corpo", Micca lembra, "mas ainda havia chances de recuperar-se totalmente. Porter recebeu queimaduras em mais de 80% do corpo, tanto internas quanto externas, e suas chances de sobreviver eram de 50%. Nunca me esquecerei da longa caminhada pelo corredor do hospital, enquanto o médico me conduzia ao quarto de meu marido e de meu cunhado. Tudo parecia movimentar-se em câmera lenta, e o eco de nossos passos ressoava-me aos ouvidos. Tenho a impressão de ter prendido a respiração durante todo o trajeto. Quando abrimos a porta, fiquei paralisada. O corpo deles estava tão queimado que não fui capaz de identificar quem era quem. A pele estava completamente preta, a cabeça deles tinha quase o dobro do tamanho normal, e a carne começava a despregar-se do corpo".

Micca retraiu-se ao ver seu amado marido Porter. Ao endireitar-se, caminhou até o leito desejando ardentemente abraçar seu amor. A única parte do corpo que não recebera queimaduras foram os pés. Ela tocou neles e tentou imaginar como estaria o corpo todo.

Nos oito dias seguintes houve um burburinho nebuloso de visitas, médicos e orações. Cada dia de sobrevida de Porter representava um tesouro inestimável. Enquanto ele se agarrava à vida, Micca agarrava-se à esperança.

Oito dias após a explosão, os médicos tentaram um enxerto de pele para cobrir as partes mais críticas do corpo queimado de Porter. No entanto, quando o médico entrou na sala de espera com o olhar abatido e a expressão de tristeza no rosto, Micca percebeu que uma notícia terrível pairava no ar.

"No meio da cirurgia", o médico começou a dizer, "Porter teve uma parada cardíaca. Seu corpo não conseguiu vencer o trauma da cirurgia, e ele entrou em coma. Poderá despertar dentro das próximas 24 horas. Temos de esperar para ver".

Micca começou a chorar profundamente, suplicando a Deus que salvasse Porter. Lutou contra o pensamento de que talvez fosse melhor Porter ir para o céu e deixar o sofrimento de seu corpo para trás. Os médicos disseram que provavelmente ele perderia os braços e, se sobrevivesse, ficaria com o corpo coberto de cicatrizes. Mas Micca o queria vivo! "Eu deveria deixá-lo partir", ela pensou. "No céu ele estará completamente curado e não sofrerá mais." Mas ela se agarrava à esperança de que o marido sobreviveria.

Nenhum sinal de movimento das ondas cerebrais. Nenhum sinal de respiração voluntária. Nenhum sinal de acordar. Um a um, os órgãos de Porter começaram a entrar em falência. Ele morreu.

Após o enterro, Micca viu-se sozinha. Viúva aos 21 anos de idade e com um filho recém-nascido. Seu coração atormentado igualava-se ao corpo atormentado do marido. Ambos estavam desfigurados, queimados, destruídos pela dor. Micca, contudo, sabia que Porter estava no céu adorando a Deus, completamente restaurado. Mas e ela? Seria restaurada? Poderia continuar a viver neste mundo com um vazio enorme no coração?

Vou ser sincera com você. Este livro gira em torno de sinceridade e franqueza. Micca ficou furiosa. Ficou indignada com o Deus que levou seu marido, o pai de seu filho, o filho de sua sogra. Sentiu-se abandonada pelo Deus a quem amava desde menina.

— Por que fizeste isto comigo? — ela gritava.

Em uma das noites de solidão, depois de ter colocado o filho para dormir, Micca pensou na hipótese de ir ao encontro de Porter. Estava dividida entre morrer para estar com ele e viver para estar com o filho. Em um momento

dramático, o som da respiração profunda do filho através do monitor tornou-se mais forte, como se Deus houvesse aumentado o volume.

— Por que fizeste isto comigo? — ela clamou aos céus.

Micca recorda-se do que aconteceu naquela noite:

"Da mesma forma que a mãe corre para atender o filho que grita, meu Pai celestial correu para mim. Não o vi com os olhos nem toquei nele com as mãos, mas senti sua presença envolver-me por inteiro. Ele abraçou todo o meu ser. Peguei a Bíblia e abri-a no salmo 139. 'Para onde poderia eu escapar do teu Espírito? Para onde poderia fugir da tua presença? Se eu subir aos céus, lá estás; se eu fizer a minha cama na sepultura, também lá estás. Se eu subir com as asas da alvorada e morar na extremidade do mar, mesmo ali a tua mão direita me guiará e me susterá' (v. 7-10). Eu sabia que, mesmo naquele abismo de morte, Deus viera para me dizer: 'Estou aqui com você'. Através das lágrimas, continuei a ler: 'Os teus olhos viram o meu embrião; todos os dias determinados para mim foram escritos no teu livro antes de qualquer deles existir'" (v. 16).

"Foi como se Deus me estivesse dizendo que a morte de Porter não foi um ataque pessoal nem uma punição por meus pecados. Deus, em seu plano soberano, simplesmente sabia quantos dias Porter viveria, e tive o privilégio de participar deles."

Dezenove anos se passaram desde que Porter partiu desta vida para morar com Deus na eternidade. Micca casou-se novamente e teve mais dois filhos, mas a lembrança de Porter permanece com ela todos os dias. Deus curou-lhe o coração despedaçado e as feridas profundas. Mas as cicatrizes são bonitas para ela, para sua família e para um sem-número de mulheres a quem ela presta assistência. A cicatriz da perda de Porter faz parte de sua história de redenção, restauração e renovação. Satanás fez o possível para que Micca não voltasse a confiar em Deus, porque ele sabe que nosso desejo de entregar a vida nas mãos de Deus nos levará à completa redenção. Micca aprendeu que Deus está sempre com ela, em qualquer situação.

Embora a cicatriz dessa mulher seja invisível a olho nu, as cicatrizes de seu cunhado podem ser vistas por qualquer um. Ele se recuperou, mas os braços, as costas e o peito deixam à mostra as marcas de carne queimada. Ele sempre usava

camisas de mangas compridas para ocultar as cicatrizes dos olhares do público. Um dia Micca contou-lhe o que pensava daquelas cicatrizes.

— Pat — ela disse —, sei que você se sente constrangido com essas cicatrizes, e para algumas pessoas elas podem parecer feias. Mas quero que saiba que suas cicatrizes são bonitas para mim. Por causa delas, você me deu oito dias com Porter que, de outra forma, eu não teria. Pat, suas cicatrizes são bonitas para mim, e creio que sejam bonitas para Deus.

Micca e Pat abraçaram-se em meio a uma profusão de lágrimas.

Hoje, Pat usa camisas de mangas curtas.

O ÚLTIMO DISCÍPULO

Quando Jesus apareceu pela primeira vez aos discípulos após a ressurreição, um deles estava ausente daquele grupo heterogêneo: Tomé. Assim que ele retornou ao grupo, todos estavam alvoroçados, falando da aparição de Jesus. Tomé, porém, não acreditou em nada do que eles disseram.

> "Se eu não vir as marcas dos pregos nas suas mãos, não colocar o meu dedo onde estavam os pregos e não puser a minha mão no seu lado, não crerei". Uma semana mais tarde, os seus discípulos estavam outra vez ali, e Tomé com eles. Apesar de estarem trancadas as portas, Jesus entrou, pôs-se no meio deles e disse: "Paz seja com vocês!" E Jesus disse a Tomé: "Coloque o seu dedo aqui; veja as minhas mãos. Estenda a mão e coloque-a no meu lado. Pare de duvidar e creia". Disse-lhe Tomé: "Senhor meu e Deus meu!"
>
> João 20:25-28

O mundo está cheio de "Tomés". Eu fui um, e talvez você também seja. Embora eu não tenha colocado o dedo nas mãos de Jesus perfuradas por pregos, nem tenha colocado a mão no lado de Jesus traspassado por espada, eu o reconheci nas cicatrizes de homens e mulheres que não tiveram medo de contar suas histórias de cura e redenção... e acreditei nelas.

Em Apocalipse 12:11, João escreve: "Eles o venceram [Satanás] pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do testemunho que deram". Um poder incrível é liberado quando abandonamos os grilhões da amargura, do medo e da vergonha, para mostrar as cicatrizes ao mundo. Satanás sabe que nossas histórias são fundamentais para sua derrota final, por isso fará qualquer coisa para convencer-nos a manter os tesouros escondidos. Ah, minhas queridas, Deus não nos chama

para sentir vergonha de nossas cicatrizes, pois será por meio delas que outras pessoas reconhecerão o Salvador, Jesus Cristo.

3

Meditando no propósito de nossas cicatrizes

Nisso vocês exultam, ainda que agora, por um pouco de tempo, devam ser entristecidos por todo tipo de provação. Assim acontece para que fique comprovado que a fé que vocês têm, muito mais valiosa do que o ouro que perece, mesmo que refinado pelo fogo, é genuína e resultará em louvor, glória e honra, quando Jesus Cristo for revelado.

1Pedro 1:6-7

Meu filho, Steven, e eu estávamos sentados no chão do quarto dele jogando cartas. Alguns minutos antes, havíamos saído às pressas para matriculá-lo no curso de natação de verão e queríamos jogar mais uma partida. Aquele verão tinha tudo para ser melhor que todos os outros. Ginger, nossa cadela retriever de pelo dourado, acabara de dar à luz sete adoráveis cãezinhos, Steven estava curtindo seu sexto verão de vida, e, após quatro anos de sucessivos testes de gravidez negativos, Deus nos surpreendera com uma nova vida desenvolvendo-se dentro de mim.

Todavia, enquanto estava sentada ao lado de Steven no chão, senti um líquido quente e viscoso descer pela perna. A ida ao banheiro confirmou meu maior medo. Na tarde daquele mesmo dia, nosso bebê morreu e está esperando por nós no céu.

Aquilo que começou com um verão cheio de vida e alegria se transformou rapidamente em tempo de grande perda e tristeza. Chorei por aquele filho pelo qual havia orado e sofri a dor de ter os braços vazios. Alguém disse certa vez: "Nunca imaginei que pudesse sentir saudades de alguém que não conheci". Mas, ah, que saudades senti dela! Nunca soubemos ao certo, mas, no fundo do coração, eu achava que o bebê era menina.

Durante aqueles meses de verão, passei por todas as etapas do sofrimento. Admito que fiquei zangada com Deus por ele ter "zombado" de mim com a

dádiva de um bebê e, em seguida, o tivesse levado embora. Mas, nos meses e anos seguintes, Deus ensinou-me muitas lições a meu respeito, a respeito dele e a respeito de confiar em seu amor infalível.

Creio que, quando passamos por uma provação que nos causa feridas profundas, Deus pode usá-la para ensinar-nos lições preciosas. Algumas delas são dar-nos conhecimento mais profundo de quem ele é, de quem somos e de nossa fé, ou seja, de em que realmente acreditamos. Nossa fé desenvolve-se na placa de Petri das lutas no laboratório da vida. Uma de minhas lições mais preciosas, em meio a todas as feridas e cicatrizes, foi a decisão de parar de indagar: "Por que eu?" e começar a perguntar: "E agora?". A lição, porém, que continua a repercutir como um leve trovão é a verdade do amor infalível de Deus.

Lutei com o Senhor nos meses seguintes à perda do bebê. Lutei da mesma forma que Jacó lutou com Deus durante a noite na escuridão de sua alma. "Como ele pode me amar e permitir que isso aconteça? Por que Deus não realizou meu sonho? Ele é poderoso? Ele é bondoso? Está presente de fato?".

Foi um verão árido... dentro de meu coração e de minha alma. Ninguém me podia ajudar, consolar-me ou tirar-me do desespero. E, embora eu não quisesse falar com Deus, ele nunca saiu de perto de mim. Esperou pacientemente que eu clamasse a ele... para dizer: "Eu confio em ti, apesar de não entender".

Por que coisas ruins acontecem?

Não é fácil explicar por que as tragédias acontecem. Seria castigo de Deus, trapaça do Diabo ou resultado de vivermos em um mundo decaído e degenerado? Todas as opções são válidas.

O rei Davi sofreu castigo de Deus quando fez o recenseamento dos homens de combate (1Cr 21). Assim que o último homem foi recenseado, Davi entendeu que havia desagradado a Deus e pediu perdão. Deus perdoou Davi, mas Davi teve de sofrer as consequências de suas ações.

> "Assim diz o SENHOR: 'escolha entre três anos de fome, três meses fugindo de seus adversários, perseguido pela espada deles, ou três dias da espada do SENHOR, isto é, três dias de praga, com o anjo do SENHOR assolando todas as regiões de Israel'. Decida agora como devo responder àquele que me enviou."
> 1Crônicas 21:11-12

Isso me faz lembrar dos tempos em que meu filho estava perto de completar dez anos e foi pego contando uma mentira. Meu marido deu-lhe duas opções de castigo.

— Pois bem, Steven, você pode escolher entre ficar sete dias sem o Nintendo e a TV ou levar cinco pancadas com a pá do remo.

Steven pensou por alguns instantes e disse:

— Quem vai me dar as pancadas?

Incrédula, olhei para o alto e perguntei:

— Que diferença faz?

Meu marido caiu na gargalhada e disse:

— Claro que faz.

Talvez a mamãe fosse mais delicada para dar pancadas com a pá do remo. (A propósito, Steven preferiu as cinco pancadas... dadas pelo pai.)

Em geral, não temos escolhas quando se trata de receber castigo de Deus, mas tenha certeza, minha amiga, de que ele disciplina a quem ama (cf. Pv 3:11).

Quando Miriã inventou histórias a respeito de seu irmão Moisés e tentou usurpar-lhe a autoridade, Deus castigou-a com lepra e retardou por sete dias a caminhada de Israel rumo à terra prometida (cf. Nm 12). Quando Saul desobedeceu e agiu como se fosse sacerdote, Deus tirou-lhe o reino (cf. 1Sm 13). Quando Ananias e Safira mentiram a respeito da quantia que haviam ofertado à igreja, Deus matou-os imediatamente (cf. At 5).

O autor da carta aos Hebreus explica:

> Nossos pais nos disciplinavam por curto período, segundo lhes parecia melhor; mas Deus nos disciplina para o nosso bem, para que participemos da sua santidade. Nenhuma disciplina parece ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza. Mais tarde, porém, produz fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados.
>
> Hebreus 12:10-11

Em Jó, vemos outra possibilidade de tragédia em nossa vida: Satanás.

> Certo dia os anjos vieram apresentar-se ao SENHOR, e Satanás também veio com eles. O SENHOR disse a satanás: "de onde você veio?" Satanás respondeu ao SENHOR: "de perambular pela terra e andar por ela". disse então o SENHOR a Satanás: "Reparou em meu servo Jó? Não há ninguém na terra como ele, irrepreensível, íntegro, homem que teme a Deus e evita o mal". "Será que Jó não tem razões para temer a

Deus?", respondeu Satanás. "Acaso não puseste uma cerca em volta dele, da família dele e de tudo o que ele possui? Tu mesmo tens abençoado tudo o que ele faz, de modo que os seus rebanhos estão espalhados por toda a terra. Mas estende a tua mão e fere tudo o que ele tem, e com certeza ele te amaldiçoará na tua face."

Jó 1:6-11

Deus permitiu a Satanás que atingisse Jó de todas as maneiras possíveis, exceto tirar-lhe a vida. Jó perdeu tudo, menos sua mulher irascível, sem jamais saber o que (ou quem) o atingiu. Nunca entendeu o motivo. Ao longo de todo o sofrimento, Jó não amaldiçoou o Senhor, apenas confiou em sua mão soberana.

Ah, como gosto do final dessa história. Satanás perde. Deus vence. Jó é abençoado. "Depois que Jó orou por seus amigos, o SENHOR o tornou novamente próspero e lhe deu em dobro tudo o que tinha antes" (Jó 42:10).

Há uma guerra em andamento... uma guerra que não podemos enxergar com os olhos, mas podemos sentir com o espírito. Paulo adverte-nos de que "a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais" (Ef 6:12). Essa guerra não é um combate corpo a corpo, mas de espírito a espírito, acompanhada de oração. "Estejam alertas e vigiem. O Diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar" (1Pe 5:8).

Satanás não deve ser temido. Tiago nos diz: "Resistam ao Diabo, e ele fugirá de vocês" (4:7). Ele não tem poder maior sobre nossa vida do que aquele que lhe permitimos.

Há uma terceira consideração para explicar por que as tragédias se abatem sobre nós: vivemos em um mundo pecaminoso. Vemos maldade por todos os lados, e às vezes as desgraças acontecem simplesmente porque vivemos em uma sociedade degenerada. Após a queda de Adão e Eva, registrada em Gênesis 3, o pecado entrou no mundo. Você se lembra do castigo para quem comesse do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal? Deus disse que eles morreriam. Apesar de Adão e Eva não terem sofrido uma morte física imediata, assim que o fruto proibido lhes tocou os lábios o espírito deles morreu.

A Bíblia nos diz: "Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a

todos os homens, porque todos pecaram" (Rm 5:12). Embora a maioria das pessoas pense que o castigo pela desobediência de Adão e Eva tenha sido a expulsão do jardim do Éden, o castigo verdadeiro foi a morte espiritual.

Desde então, todos os homens e mulheres nasceram com espírito morto. Deus, porém, proporcionou-nos uma dádiva por meio de seu Filho, Jesus Cristo. Por meio da morte e ressurreição de Jesus, todos os que creem nele como seu Senhor e Salvador "nascem de novo". Recebem um novo espírito, uma nova natureza e uma nova identidade. Mas continuamos a viver neste mundo pecaminoso.

Gosto de pensar desta maneira. Quando aceitamos Cristo, somos salvos do castigo do pecado. Enquanto vivemos neste mundo, somos continuamente transformados para nos livrar do poder do pecado. Quando partirmos deste mundo e formos para o céu para passar a eternidade com o Pai, seremos salvos da presença do pecado. Até lá, viveremos em um mundo pecaminoso e cercados pela presença do pecado.

A GRANDE LIÇÃO

Embora não haja nada de errado em tentar entender por que as feridas da vida ocorrem, a Bíblia diz claramente que não devemos depender de nossa capacidade para responder à difícil pergunta: Por quê? "Confie no SENHOR de todo o seu coração", escreve o autor de Provérbios, "e não se apoie em seu próprio entendimento" (3:5). Não dependa de seu raciocínio para tentar entender a vida.

Afinal, Deus está no controle, e seus caminhos são mais altos que os nossos. A Bíblia diz:

> "Pois os meus pensamentos
> não são os pensamentos de vocês,
> nem os seus caminhos
> são os meus caminhos",
> declara o SENHOR.
> "Assim como os céus são mais altos
> do que a terra,
> também os meus caminhos
> são mais altos do que os seus caminhos,
> e os meus pensamentos,

mais altos do que os seus pensamentos".

Isaías 55:8-9

Em *Quando Deus não faz sentido*, dr. James Dobson diz: "Tentar analisar sua onipotência [de Deus] é o mesmo que uma ameba tentar entender o comportamento humano". É simplesmente impossível.

Há, porém, um aspecto do qual não podemos duvidar. "Todos os caminhos do SENHOR são amor e fidelidade" (Sl 25:10), quer os entendamos, quer não. "Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido" (1Co 13:12). Provavelmente só depois de cruzarmos a linha entre a vida neste mundo e a vida eterna é que encontraremos explicação para as muitas indagações da vida. Até lá, precisamos confiar na soberania de Deus.

Não importa o que já sofremos ou o que ainda sofreremos, Deus promete:

"Por isso não tema, pois estou com você;
não tenha medo, pois sou o seu Deus.
Eu o fortalecerei e o ajudarei;
eu o segurarei
com a minha mão direita vitoriosa".

Isaías 41:10

Deus quer saber se confiaremos nele em quaisquer circunstâncias — mesmo que isso signifique morte. Repetiremos as palavras de Jó: "Embora ele me mate, ainda assim esperarei nele" (13:15)?

Para a maioria de nós, a crise de fé ocorre durante uma situação difícil. Sabemos que Deus, que criou o universo inteiro com uma palavra, é todo-poderoso e absolutamente capaz de nos resgatar, curar e salvar — por isso temos a tendência de nos sentir abandonados ou ludibriados quando ele não age. E você pode apostar que Satanás estará de tocaia para sussurrar dúvidas em seu ouvido. Ele anda ao redor como um leão, Pedro explica (cf. 1Pe 5:8), à procura do momento certo para desencorajar o cristão com feridas abertas.

No capítulo anterior, analisamos o dia em que Jesus ressuscitou dentre os mortos, deixando o túmulo vazio. Vamos voltar à cena por alguns instantes e ir

ao encontro dele no caminho de Emaús.

No mesmo dia em que Pedro e João encontraram o túmulo vazio, dois discípulos estavam se dirigindo ao povoado de Emaús, a pouco mais de dez quilômetros de Jerusalém. Eles deixaram a cidade santa para trás com seus sonhos e esperanças. Enquanto discutiam os eventos trágicos da semana anterior, outro homem apareceu e começou a caminhar com eles.

— Sobre o que vocês estão discutindo enquanto caminham? — o homem perguntou.

— Você é o único visitante em Jerusalém que não sabe das coisas que ali aconteceram nestes dias?

— Que coisas? — ele perguntou (cf. Lc 24:13-19).

A seguir os discípulos fizeram um relato minucioso ao viajante sobre a prisão, crucificação e desaparecimento do corpo de Jesus do túmulo. Os olhos deles estavam cegos por causa do desespero, e não perceberam que a esperança caminhava ao lado.

Talvez você já tenha percorrido o caminho empoeirado de Emaús em situações que a deixaram confusa, perturbada e deprimida. Se a resposta for sim, lembre-se disto, minha amiga. O fato de não conseguirmos ver Jesus ou sentir sua presença não significa que ele esteja ausente. Jesus está caminhando conosco. Ele nos garante com estas palavras: "Nunca o deixarei, nunca o abandonarei" (Hb 13:5). O Senhor deu sua palavra. Deu sua vida.

Deus não tem nenhuma obrigação de responder ao nosso "por quê?". Ao longo do livro de Jó, Deus permaneceu em silêncio e só nos últimos capítulos deu atenção às perguntas de Jó.

> Então o SENHOR respondeu a Jó do meio da tempestade e disse:
> "Quem é esse que obscurece
> o meu conselho
> com palavras sem conhecimento?
> Prepare-se como simples homem;
> vou fazer-lhe perguntas,
> e você me responderá.
>
> "Onde você estava quando lancei
> os alicerces da terra?
> Responda-me, se é que você sabe tanto.

Quem marcou os limites
    das suas dimensões?
Talvez você saiba!
E quem estendeu sobre ela
    a linha de medir?
E os seus fundamentos,
    sobre o que foram postos?
E quem colocou sua pedra de esquina,
enquanto as estrelas matutinas
    juntas cantavam
e todos os anjos se regozijavam?"

Jó 38:1-7

Deus continuou a falar com Jó. Eu a incentivo a ler as palavras maravilhosas em Jó 38—41. Elas nos fazem lembrar quem é Deus e quem nós não somos. Na análise final, Jó replicou: "Sou indigno; como posso responder-te?" (Jó 40:4).

A história de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego é um dos exemplos mais belos de confiança na soberania de Deus. Os três recusaram-se a se curvar diante do ídolo do rei Nabucodonosor. O castigo para tal rebeldia contra o rei era morrer em uma fornalha em chamas. Quando foram levados à presença do rei pouco antes de enfrentar a morte, os homens explicaram respeitosamente:

"Se formos atirados na fornalha em chamas, o Deus a quem prestamos culto pode livrar-nos, e ele nos livrará das tuas mãos, ó rei. Mas, se ele não nos livrar, saiba, ó rei, que não prestaremos culto aos teus deuses nem adoraremos a imagem de ouro que mandaste erguer".

Daniel 3:17-18

Isso é que é fé verdadeira — posta à prova no fogo. Deus poderá libertar-me, mas, se ele não quiser, mesmo assim o servirei. Deus pode curar-me, mas, se ele não quiser, mesmo assim o amarei.

A propósito, os três homens saíram da fornalha em chamas sem nenhum fio de cabelo chamuscado nem cheiro de fumaça nas roupas! E há um fato mais surpreendente ainda. Quando os viu andando no meio do fogo, o rei notou que havia quatro homens na fornalha, não três. De uma coisa podemos ter certeza: quando estamos caminhando através das chamas das provações da vida, não caminhamos sozinhos. Jesus está conosco (cf. Is 43:1-2).

WENDY E SUA CRISE DE FÉ

Wendy cresceu em uma família de militar que viajava pelo mundo inteiro e nunca permanecia em um local por mais de dois anos. A família frequentava a igreja com regularidade, mas não tinha um relacionamento pessoal com Jesus Cristo; tinha apenas uma religião. Deus era alguém cuja história Wendy lera em um livro, não um Pai celestial que ela conhecia pessoalmente. Jesus era um ícone em uma cruz, não um Senhor pessoal.

Depois de completar o ensino médio, Wendy ingressou na Universidade Baylor, em Waco, Texas. Lá, ela conheceu muitos estudantes maravilhosos cuja vida exemplificava o significado de ser cristão. Seu interesse foi despertado, mas a fé era quase inexistente.

Aparentemente, tudo corria a favor de Wendy. Seu corpo esguio de um metro e setenta centímetros de altura, cabelos longos e escuros e olhos castanhos penetrantes atraíam os olhares de muita gente. Recebia notas excelentes, tinha uma vida regrada e todos admiravam seu sucesso. No final do quarto ano na faculdade, ela usava um anel de noivado no dedo, tinha um emprego garantido na universidade e a promessa de, um dia, ingressar na faculdade de direito.

No entanto, uma semana após a formatura na faculdade, a vida de Wendy tomou um rumo inesperado. Na tarde de uma sexta-feira, ela se reuniu com algumas amigas ao redor da piscina do conjunto de apartamentos assobradados onde morava. Wendy adorava banhar-se ao sol, por isso foi uma das últimas a sair do local. Despediu-se das amigas que continuaram à beira da piscina e dirigiu-se a seu apartamento pela porta dos fundos. Quando atravessou a porta dos fundos e entrou no apartamento, ela notou que a porta da frente estava trancada. "Não me lembro de ter trancado aquela porta", pensou. Um arrepio de frio percorreu-lhe a espinha, mas Wendy desvencilhou-se dele e subiu a escada em direção ao quarto.

Assim que entrou no corredor, Wendy viu um homem em pé. Ele tinha o rosto coberto por um lenço, recortado apenas no lugar dos olhos. Usava luvas de couro para caça e segurava nas mãos uma faca grande e ameaçadora.

A princípio, Wendy imaginou que fosse alguém querendo pregar-lhe uma peça.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou em tom de brincadeira. Mas, após a primeira palavra proferida pelo homem, Wendy teve a certeza de que não se tratava de nenhuma brincadeira.

— Desça e feche todas as persianas — ele ordenou, apontando a faca na direção de Wendy. Ela obedeceu.

— Agora, deite-se na cama e tire as roupas — ele exigiu.

— Por favor, não faça isso — ela implorou. — Acabo de ficar noiva.

— Cale a boca — ele disse. — Sei tudo sobre você e sua vida.

O homem cobriu o lindo rosto de Wendy com uma toalha de mão e violentou-a várias vezes.

— Se você contar a alguém que fiz isso, vou voltar para matá-la — ele disse ao atravessar a porta.

Após um sofrimento tão medonho, Wendy passou pelas horríveis consequências daquela invasão: várias idas ao hospital, pó branco espalhado por todo o apartamento para encontrar impressões digitais, retirada das roupas de cama para colher provas, e infinitas repetições dos detalhes. Wendy contou-me:

"Fiquei muito confusa. Sempre achei que, se eu tivesse uma vida de obediência a Deus, ele seria bondoso comigo. Eu não bebia, não fumava nem consumia drogas. Tinha uma vida pacata e sempre fui 'boa menina'. Por que Deus permitiu que aquilo acontecesse comigo? Lembro-me de ter ficado furiosa com Deus. Tentava dormir à noite, mas acabava socando o travesseiro e gritando: 'Por que permitiste que aquilo acontecesse? Por que as pessoas te amam e te adoram? Eu te odeio! Eu te odeio!'. Cheguei a ter uma crise de fé e tinha diante de mim três opções aparentemente lógicas. Primeira, Deus não é todo-poderoso, portanto é incapaz de proteger-me. Segunda, Deus é todo-poderoso, mas não se deu ao trabalho de cuidar de mim. Terceira, Deus é todo-poderoso e me ama muito, e mesmo assim permitiu que tudo aquilo acontecesse. A última opção era a que mais me assustava".

Nos anos seguintes, Wendy viveu aprisionada pelo medo. Até para tomar banho era necessário ter alguém no banheiro com ela.

Wendy casou-se conforme planejado. Recorreu a vários terapeutas na tentativa de livrar-se do trauma.

"O desânimo tomou conta de mim. Frequentei grupos de apoio a mulheres estupradas e constatei que algumas continuavam a lutar com esse problema, mesmo depois de dez anos. 'É assim que tem de ser?', pensei."

A frustração, o medo e as tentativas fracassadas de libertar-se do trauma levaram Wendy a recorrer ao único lugar onde poderia encontrar paz verdadeira: a Bíblia.

"Abri a Bíblia pela primeira vez para conhecer esse Deus em quem sempre acreditei, mas que, a meu ver, havia me abandonado. Queria respostas, por isso comecei a estudar a Bíblia e aprendi que Deus é soberano, sábio, amoroso e santo. Comecei a enxergar a vida pela perspectiva de Deus. Ele tem grandes propósitos em nossas provações. Provações não são atos aleatórios com a finalidade de tornar-nos profundamente infelizes ou destruir-nos. Elas têm o objetivo de nos aperfeiçoar e nos fortalecer.

A jornada de Wendy rumo à liberdade foi esplêndida — e é sempre assim que Deus realiza sua obra miraculosa em nossa vida. Ele a libertou da prisão do medo e ensinou-a a compartilhar a esperança que existe dentro dela. No decorrer do processo de cura, Wendy teve um encontro face a face com Jeová Rafa — aquele que cura.

"Não estou dizendo que aquele estupro me deixou feliz. Mas vejo a mão de Deus no processo de cura. Se aquela tragédia não tivesse acontecido, eu jamais teria tido um relacionamento tão profundo e íntimo com Deus. Jamais teria tido a coragem ou o desejo ardente de auxiliar outras mulheres em grupos de apoio a vítimas de estupro, de dirigir estudos bíblicos e de conduzir mulheres a conhecerem o coração de Deus. Esse é o significado do 'bem' em Romanos 8:28. Deus sempre age em todas as coisas para o 'bem'."

Wendy encontrou propósito no sofrimento. As mulheres sentem-se atraídas por seus estudos bíblicos porque anseiam por conhecer o Deus que proporcionou tanta paz a elas após uma tragédia no passado.

O TESOURO ESCONDIDO

Então, qual foi o "bem" que Wendy mencionou? Romanos 8:28 é um versículo bíblico que tem sido amado e desprezado por muitas pessoas que choram. "Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito." O que Deus quer dizer com "todas as coisas"? É bem provável que ele queira dizer tudo: o bem, o mal e o feio. O objetivo fundamental de Deus não é consolar-nos do jeito que desejamos. Em cada situação tenebrosa da vida, creio que exista uma pepita de ouro, um tesouro escondido à espera de ser descoberto. No entanto, para que isso aconteça, precisamos retirar a terra, jogá-la para o lado e olhar sob a superfície.

É fácil? Não. É complicado? Em geral, sim. Vale a pena? Sempre.

Muitos anos depois da perda de nosso bebê, parei na porta do quarto de Steven e o vi com as pernas enroladas nos lençóis. Na época ele tinha um metro e oitenta centímetros de altura, precisava fazer a barba e exibia uma vasta cabeleira castanho-escura.

— Senhor — orei —, tu sabes que adoro crianças e sempre desejei ser mãe. Teus caminhos são mais altos que os meus, e sei que és meu Pai celestial e sabes o que é melhor para mim, mas hoje, Senhor, eu preciso de uma pepita de ouro. Preciso que me mostres qual é o teu propósito por detrás deste sofrimento.

Então, a Palavra de Deus inundou meu ser.

"Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3:16).

— És tu, Senhor? — perguntei.

"Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu *Filho Unigênito*, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna."

As palavras trouxeram-me refrigério como a chuva da primavera caindo em terra seca, e pela primeira vez na vida compreendi qual era a altura, a profundidade e a largura daquelas palavras tão conhecidas.

Eu tenho *um filho unigênito*. Amo muitas pessoas neste mundo, mas não há ninguém... ninguém... que eu ame a ponto de sacrificar meu filho. No entanto, Deus me amou a esse ponto. Ele me amou a ponto de sacrificar seu único Filho para me dar vida. Com lágrimas descendo pelo rosto, rendi graças a Deus por ter-me ajudado a compreender seu grande amor — por ter-me dado um retrato

vivo e real, marcado indelevelmente minha mente e coração. Se esse foi o único propósito por detrás dos anos de infertilidade e perda de um filho, posso dizer que foi o suficiente.

José enxerga o propósito maior

José foi um homem com muitas cicatrizes na vida. Sua história está registrada em Gênesis 37—50. Era o filho favorito do pai, mas não era nem um pouco favorito dos irmãos. Jacó, pai de José, demonstrava um favoritismo marcante pelo filho de sua amada esposa Raquel, e isso provocou inveja, zombaria e ódio em seus irmãos. O ingênuo José não se importava com isso. Exibia a túnica vistosa que o pai mandara fazer especialmente para ele, delatava o mau comportamento dos irmãos e, um dia, contou um sonho que deveria ter guardado para si.

"'Ouçam o sonho que tive', disse-lhes. 'Estávamos amarrando os feixes de trigo no campo, quando o meu feixe se levantou e ficou em pé, e os seus feixes se ajuntaram ao redor do meu e se curvaram diante dele'" (Gn 37:6-7)

Após essa revelação, os irmãos dele o odiaram mais ainda. Mas o pobre do rapaz não percebeu e contou outro sonho. "'Tive outro sonho, e desta vez o sol, a lua e onze estrelas se curvavam diante de mim'" (Gn 37:9).

Esse sonho foi a gota d'água que faltava para fazer o copo transbordar. Um dia, os irmãos de José vislumbraram a possibilidade de livrar-se para sempre daquele sonhador. A princípio, atiraram-no em um poço, sujaram de sangue sua preciosa túnica e planejaram contar ao pai que José havia sido morto por um animal selvagem. Mas, enquanto José continuava no poço, sua libertação estava a caminho. Judá avistou uma caravana que seguia para o Egito e, diante da oportunidade de obter algum lucro, os irmãos decidiram vender José a um mercador de escravos em vez de deixá-lo morrer. E, assim, ele partiu para viver como escravo.

Os tempos difíceis, porém, não pararam por aí. Quando a caravana de escravos chegou ao Egito, José foi levado à casa de Potifar, um dos oficiais do faraó. Potifar viu que Deus estava com José. Este prosperava em tudo o que fazia, por isso Potifar o nomeou seu administrador pessoal para cuidar de todos os seus

bens. Mas a mulher de Potifar começou a cobiçar aquele rapaz bem-apessoado e de físico perfeito. Em várias ocasiões aquela mulher desesperada tentou atrair o novo servo para sua cama, mas José a rejeitou todas as vezes.

Certa vez, José entrou na casa para fazer algumas tarefas, e não havia nenhum empregado ali. "Ela o agarrou pelo manto e voltou a convidá-lo: 'Vamos, deite-se comigo!' Mas ele fugiu da casa, deixando o manto na mão dela" (Gn 39:12).

Conforme diz o ditado: "Nem no inferno existe fúria maior que a fúria de uma mulher desprezada". Quando Potifar chegou, a mulher mostrou-lhe o manto de José e acusou-o falsamente de ter tentado violentá-la: "Aquele escravo hebreu que você nos trouxe aproximou-se de mim para me insultar. Mas, quando gritei por socorro, ele largou seu manto ao meu lado e fugiu" (Gn 39:17-18).

O dono da casa acreditou na história da mulher e lançou José na prisão.

Os tempos difíceis, porém, não pararam por aí. Enquanto estava na prisão, José interpretou os sonhos do ex-copeiro e do ex-padeiro do rei do Egito. Seu único pedido foi este: "Lembrem-se de mim quando forem soltos".

O padeiro foi enforcado, conforme José havia predito. E, quando saiu da prisão, o copeiro esqueceu-se completamente de José.

Vendido como escravo, acusado falsamente, traído e esquecido. Em seus primeiros trinta anos de vida, José enfrentou mais angústias e problemas do que a maioria de nós enfrentaria, mesmo se vivêssemos dez vezes mais.

No entanto, dois anos depois, a vida de José tomou um rumo diferente. O faraó teve um sonho perturbador, e ninguém foi capaz de interpretá-lo. O copeiro, que reassumira sua posição, lembrou-se dos tempos de prisão e de José e disse ao rei que ele sabia interpretar sonhos. O faraó mandou chamar o rapaz.

"Respondeu-lhe José: 'Isso não depende de mim, mas Deus dará ao faraó uma resposta favorável'" (Gn 41:16).

José interpretou o sonho do faraó, predisse uma fome de sete anos e salvou a nação inteira do Egito de morrer de inanição. Como recompensa, José foi encarregado de comandar toda a terra do Egito. O faraó colocou seu anel-selo no dedo de José, vestiu-o com o manto real e pôs uma corrente de ouro em seu pescoço. E, quando José tinha trinta anos, o faraó deu-lhe uma esposa.

José teve dois filhos antes de completar 37 anos de idade. A um, ele deu o nome de Manassés, que significa: "Deus me fez esquecer todo o meu sofrimento e toda a casa de meu pai" (Gn 41:51). Ao segundo, deu o nome de Efraim, que significa: "Deus me fez prosperar na terra onde tenho sofrido" (v. 52). As cicatrizes emocionais de José foram tão reais quanto as físicas que ele teria se houvesse sido atacado por um animal selvagem.

Passaram-se muitos anos. Durante aqueles tempos de fartura, os egípcios recolheram mais grãos do que se poderia contar. Quando chegaram os sete anos de fome, havia grãos suficientes para sustentar o Egito e os países vizinhos. Entre os que foram comprar alimento estavam ninguém mais que os irmãos trapaceiros de José. Ele pavimentou a estrada do perdão e estabeleceu um padrão de comportamento inigualável, com exceção do padrão de comportamento na cruz. Ele reuniu-se com a família, inclusive com o pai ancião e o irmão mais novo.

Os irmãos mais velhos de José ficaram aterrorizados ao pensar no castigo que lhes seria imposto. Mas José viu o tesouro escondido em suas circunstâncias dolorosas: "Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem, para que hoje fosse preservada a vida de muitos" (Gn 50:20). Ah, minha amiga, agarre estas palavras, apegue-se a elas: "Vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus o tornou em bem". Elas pavimentam a estrada que nos levará diretamente ao destino que Deus planejou para nós desde o início dos tempos. José enquadrou seu sofrimento na soberania de Deus.

Quando esquecer não é suficiente

Ao saber que Jacó, seu pai, estava doente, José foi vê-lo com seus dois filhos, Manassés e Efraim. Aquela seria a última visita. Quando os filhos de José chegaram, Jacó disse: "Traga-os aqui para que eu os abençoe" (Gn 48:9).

José levou os dois filhos para perto da cama de seu pai. Colocou Efraim à sua direita, perto da mão esquerda de Jacó, e Manassés, o filho primogênito, à sua esquerda, perto da mão direita de Jacó. Mas, em vez de abençoar o primogênito de José, Jacó estendeu a mão direita e colocou-a sobre a cabeça de Efraim, apesar de ele ser o filho mais novo, e, cruzando os braços, colocou a mão esquerda na

cabeça de Manassés. José tentou impedir o pai de abençoar o filho mais novo. "Mas seu pai recusou-se e respondeu: 'Eu sei, meu filho, eu sei. Ele também se tornará um povo, também será grande. Apesar disso, seu irmão mais novo será maior do que ele, e seus descendentes se tornarão muitos povos'" (Gn 48:19). E, assim, ele abençoou Efraim antes de Manassés.

Que cena maravilhosa! Sim, José teve muitos problemas na vida e sofreu nas mãos daqueles que o maltrataram, o desprezaram e o traíram. Deus, porém, não quis que José simplesmente *esquecesse* o sofrimento, conforme ele disse no nascimento de Manassés; Deus quis que José *prosperasse no sofrimento*.

O mesmo se aplica a você e a mim. Deus não deseja que esqueçamos o sofrimento do passado. Ele quer que prosperemos na terra de nosso sofrimento! Use o sofrimento para o bem. Ajude outras pessoas. Plante as sementes da esperança.

> "Vou compensá-los
> pelos anos de colheitas
> que os gafanhotos destruíram: [...]
> Vocês comerão até ficarem satisfeitos,
> e louvarão o nome do SENHOR,
> o seu Deus,
> que fez maravilhas em favor de vocês;
> nunca mais o meu povo será humilhado."
>
> Joel 2:25-26

PURIFICADOS COMO OURO

Há muitos propósitos nas cicatrizes do passado. Elas ampliam nosso conhecimento a respeito do caráter de Deus, fortalecem nossa fé, amadurecem nosso caráter, purificam nossa alma, clareiam nossa visão, inflamam nossas paixões e amolecem nosso coração. Evidentemente, em meio a essas qualidades positivas, poderá ocorrer uma negativa. Por exemplo, poderá ocorrer que nosso conhecimento a respeito de Deus fique distorcido, a fé enfraqueça, o caráter fique comprometido, a alma fique manchada, a visão fique turva, as paixões se extingam e o coração endureça. O sol endurece o barro e amolece a cera; podemos endurecer ou amolecer. Não temos condição de mudar o passado, mas

podemos determinar o efeito que ele terá no futuro para nos tornar pessoas melhores ou mais amargas.

Penso em tudo o que Jó sofreu: três empregados dele foram mortos, desceu fogo do céu e queimou suas ovelhas, os caldeus roubaram seus camelos e um vento muito forte derrubou a casa onde todos os seus filhos estavam participando de um banquete... matando todos... e tudo isso aconteceu em um só dia (cf. Jó 1:13-19)

O que Jó fez após todas essas perdas? Rasgou as roupas e rapou a cabeça em sinal de luto. Isso eu até posso entender. Mas em seguida lemos: "Então prostrou-se, rosto em terra, em adoração" (v. 20).

Ao longo desse livro lemos que outras tragédias se abateram sobre Jó. Ele fez perguntas a Deus? Sim. Amaldiçoou Deus conforme sua mulher sugeriu? Não. No final, depois que Deus falou a Jó, ele replicou: "Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram" (Jó 42:5). A história de Jó foi uma jornada difícil, mas o que ele aprendeu a respeito de Deus compensou a viagem! Deus o tornou próspero novamente e deu-lhe o dobro do que ele tinha antes. "O SENHOR abençoou o final da vida de Jó mais do que o início" (v. 12).

Quem Deus escolhe

Quando Deus quer treinar um homem,
Emocionar um homem, adestrar um homem,
Quando Deus quer moldar um homem,
Para representar seu mais nobre papel,
Quando Deus anseia de todo o coração por
Criar um homem notável e ousado,
Que causará admiração ao mundo,
Observe seus métodos, observe seu jeito.
Veja como ele não se cansa de aperfeiçoá-lo
Quando faz uma escolha esplêndida!
Veja como ele o malha e fere,
E com golpes poderosos o transforma
Em pedaços de barro submetidos à provação,
Que só Deus é capaz de entender,
Enquanto seu coração torturado chora,
E ele levanta as mãos num gesto de súplica!
Veja como ele se verga, mas nunca se quebra
Quando se dedica a essa obra,

Como ele usa o homem que escolhe
E o forja para cumprir todos os seus propósitos.
Mas cada ato o induz
A tentar exibir seu esplendor —
Deus sabe o que está fazendo!

Henry F. Lyte

JESUS ME AMA

Era o primeiro aniversário do atentado terrorista de 11 de setembro de 2001. Os escombros do World Trade Center haviam sido retirados, e o Pentágono passara por uma restauração, mas homens e mulheres do país inteiro ainda choravam a perda de três mil vidas naquele dia de horror. Em um imenso terreno de minha cidade foi construído um memorial com uma infinidade de cruzes brancas de trinta centímetros de altura, representando os homens e as mulheres mortos no atentado.

Kathy e sua família foram visitar o memorial. Ela levou consigo a filha Heather, de dezessete anos, e a sobrinha Taylor, de três anos. A pequena Taylor teve dificuldade em entender exatamente o que se passava e por que muitas pessoas estavam tristes, mas caminhou obedientemente por entre as cruzes, sempre de mãos dadas com a prima. A certa altura, Taylor afastou-se da família.

O grupo enorme de pessoas enlutadas estava silencioso, em atitude de respeito, olhando os nomes inscritos nas cruzes brancas. Algumas estavam enfeitadas com flores; outras, com ursinhos ou objetos de estimação. Nada, porém, era mais comovente que o silêncio quebrado apenas por soluços abafados. De repente, uma voz fraca tremulou em meio à brisa, como se tivesse vindo do céu. Todos se viraram ao mesmo tempo e viram uma garotinha com os braços abertos rodopiando entre as cruzes.

Com o rosto erguido para o céu, ela cantava...

Sei que Jesus me quer bem,
Pois a Bíblia assim o diz.
Frágil sou, mas força ele tem:
Quer levar-me ao bom país.

Sei que me quer bem,
Quer ver-me feliz.

Sei que me quer bem:
A Bíblia assim o diz.

O tempo pareceu parar enquanto centenas de pessoas voltaram a atenção para uma garotinha proclamando uma grande mensagem. Mesmo em meio ao sofrimento, vidas perdidas, sonhos desfeitos e esperança despedaçada... Jesus continua a nos amar. Esse amor é capaz de carregar o fardo do desespero, ressuscitar sonhos e restaurar a esperança.

Paulo lembra-nos:

> Pois Deus, que disse: "Das trevas resplandeça a luz", ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo. Mas temos esse tesouro em vasos de barro, para mostrar que este poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós. De todos os lados somos pressionados, mas não desanimados; ficamos perplexos, mas não desesperados; somos perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não destruídos. [...] Por isso não desanimamos. Embora exteriormente estejamos a desgastar-nos, interiormente estamos sendo renovados dia após dia, pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles. Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno.
>
> 2Coríntios 4:6-9,16-18

Sei que Jesus me quer bem...

As cicatrizes não representam cura nem o fim de uma luta, mas o começo de um ministério! Vamos descobrir como Deus deseja que usemos o tesouro de nossas cicatrizes para investirmos na vida de outras pessoas.

4

Investindo em outras pessoas para redimir o sofrimento

Sentindo, assim, tanta afeição por vocês, decidimos dar-lhes não somente o evangelho de Deus, mas também a nossa própria vida, porque vocês se tornaram muito amados por nós.

1Tessalonicenses 2:8

Eu acabara de falar em um retiro para mulheres e decidi recostar-me no banco do carro e relaxar enquanto Susie me levava ao aeroporto.

— Susie, conte-me sua história — eu disse.

— Bem, vamos lá — ela começou a falar. — Meu pai morreu quando eu tinha quatro anos de idade. Não me lembro muito de sua doença, mas sinto falta dele desde aquela época. Parece que o procurei a vida inteira. Em cada homem com quem me relacionei, eu tentava encontrar meu pai e o amor que certamente ele teria me dado se não tivesse morrido. Mamãe trabalhava desde o amanhecer até a noite em uma fazenda, tentando fazer o melhor para alimentar cinco crianças. Trabalhava na roça e preparava nossas refeições, tentando ser mãe e pai ao mesmo tempo. Em razão disso, eu me sentia órfã de pai e mãe. Pelo que me lembro, ela não me abraçava, não me beijava nem dizia que me amava. Talvez fizesse isso, mas em segredo, e muito bem guardado. Sempre me senti inferiorizada diante de minhas amigas por ser pobre. Eu era uma menina muito tímida e insegura.

Susie prosseguiu contando-me que começou a procurar alguém que a amasse e lhe dissesse que ela era bonita e tinha muito valor. Casou-se após completar o primeiro ano da faculdade, e nos dezoito anos seguintes sua vida transcorreu sem muitos altos e baixos. Mas, durante o décimo oitavo ano de casamento, a vida começou a desmoronar. Três de suas irmãs contraíram câncer, e o irmão divorciou-se. Susie começou a sentir um vazio na vida, e seu marido não demonstrava interesse em ajudá-la.

— Meu marido cuidava de seus interesses e não tinha condições de me dar o apoio ou o amor de que eu tanto necessitava. Para ele, era divertido *não* demonstrar afeto. Lembro-me de certa vez ter corrido pela rua atrás do carro dele para dar-lhe um beijo de despedida, mas ele fechou o vidro e partiu em disparada. Nós dois achamos graça, mas chorei por dentro. Tentei de tudo para chamar sua atenção. Chorei, resmunguei, reclamei e até me submeti a cirurgias desnecessárias. Nada funcionou.

O marido de Susie começou a reclamar que ela era patética na cama.

— Talvez você precise ter um caso com outro homem — ele disse. —Talvez isso possa ajudá-la!

Susie ficou horrorizada. Afinal, eles frequentavam uma igreja. O marido era diácono, e ela era solista e diretora do coral de adolescentes.

A semente, no entanto, foi plantada e começou a criar raízes. Susie decidiu construir uma piscina em seu quintal. Quando o pedreiro musculoso e de pele bronzeada comentou que ela era muito bonita e perfumada, Susie absorveu aquelas palavras como se fosse terra seca. Ligou para o marido.

— Ei, Carl, lembra-se de ter comentado que eu deveria ter um caso com outro homem? Você estava falando sério?

— Claro — ele respondeu. — Por quê? Encontrou alguém?

— Acho que sim.

— Então seja discreta — foi seu único comentário.

Susie iniciou uma relação amorosa com Danny, e, posteriormente, o marido ameaçou matar os dois. Ela amava o marido, mas não conseguia viver sem o afeto e a atenção que recebia do amante. O marido de Susie tomou-lhe o talão de cheques, os cartões de crédito e a casa. E, assim, ela saiu de casa, deixando os filhos para trás, em busca da atenção que nunca encontrara no lar.

— Danny era um homem enredado nas mentiras de Satanás, da mesma forma que eu. Dava-me a atenção e o amor que nunca encontrei em outra pessoa, desde que eu não o irritasse. Quando se zangava, agredia-me verbalmente, dizendo que seria melhor eu ser boazinha com ele porque não havia mais ninguém no mundo que me quisesse. O relacionamento durou quatro anos.

A promiscuidade de Susie aumentou como uma bola de neve depois que ela rompeu com Danny. Passou de um homem a outro, sempre em busca de amor e de ser valorizada. Casou-se novamente, mas a união durou apenas dezoito meses. Voltou a frequentar a igreja, mas continuou a ter o mesmo comportamento.

Susie casou-se mais uma vez.

— Steve foi atencioso e romântico na época do namoro, mais do que qualquer outro homem que conheci. Mas tudo aquilo terminou repentinamente depois do casamento. Aliás, o casamento foi realizado à tarde, e, naquele mesmo dia, ele pintou a casa, deixando claro que estava cansado demais para fazer amor na hora de dormir. Assim como eu, ele já havia passado pela experiência de dois casamentos. Mas Deus, pela sua graça, tocou em nosso coração em uma igreja na Flórida. Steve tornou-se cristão, e nós dois aceitamos Cristo. Depois de alguns anos, nos mudamos para o Texas. Sharon, pedi perdão a Deus por tudo o que fiz. Ele tem sido muito bondoso comigo. Sempre esteve a meu lado, mesmo quando eu não sabia, mesmo quando eu não sentia sua presença, mesmo quando eu não queria estar com ele. Deus perdoou-me e extraiu coisas boas da terrível confusão em que me meti. Steve e eu vivemos bem e temos vários netos que amamos muito. Somos um exemplo maravilhoso de como Deus pode tomar uma vida miserável e fazer uma linda peça com os pedaços destroçados.

Endireitei o corpo no banco do carro. Estávamos entrando no estacionamento do aeroporto.

— Susie, quantas pessoas da igreja conhecem sua história? — perguntei.

— Nenhuma — respondeu. — Nunca contei a história inteira a ninguém.

Fiquei chocada. No entanto, isso já havia acontecido antes.

As mulheres sentem segurança em contar sua história para mim, porque costumo contar a minha. Já perguntei em várias ocasiões: "Quantas pessoas conhecem sua história?". E a maioria responde: "Nenhuma".

Muitas mulheres guardam segredos no coração como se ele fosse um cofre bem trancado. Se a chave não está com Deus, está com o inimigo. No entanto, quando compreendemos o poder de nossas cicatrizes e investimos em outras pessoas para redimir o sofrimento, Satanás perde todo o controle, e a chave do cofre escorrega por entre seus dedos viscosos.

Quando conheci Susie, ela era uma mulher entusiasmada, de cabelos loiros e curtos — o tipo de mulher de meia-idade que todas as mais jovens de sua igreja queriam imitar. Trabalhava no ministério de mulheres, cantava no coral e tinha um relacionamento íntimo com Jesus Cristo. Também tinha um tesouro escondido... sua história pessoal de quebrantamento e cura.

Eu gostaria de saber quantas pessoas Susie teria ajudado se elas conhecessem sua história de redenção. Gostaria de saber quantas moças que lutam contra a tentação do pecado sexual Susie poderia ter amparado e encorajado se conhecessem a estrada pedregosa que ela percorreu. Gostaria de saber quantas outras pessoas teriam conhecido o Deus que cura se Susie tivesse tido a coragem de deixar de lado sua vida aparentemente perfeita e revelado a verdade.

Susie escondeu suas cicatrizes por muitos anos. Após nossa conversa, pedi-lhe que não desperdiçasse o que havia aprendido, mas investisse o tesouro que desenterrara depois daqueles anos de promiscuidade. Ela concordou em tentar. Voltaremos ao assunto de Susie mais adiante.

Um exemplo de redenção

Quando eu era menina, minha mãe fazia as compras de mantimentos para a casa no Supermercado White, na esquina da Rua Tarboro com a Pearl. Havia outros supermercados na redondeza, mas o White distribuía cupons verdes a cada compra. Quando íamos ao supermercado, eu observava o caixa puxar uma alavanca para registrar a compra de minha mãe. Os olhos dela brilhavam todas as vezes que ouvia o tilintar da máquina registradora, porque aquilo significava mais cupons. Após registrar o total da compra, a máquina emitia uma série de cupons, grandes e pequenos. Não costumávamos colar os cupons nos álbuns no mesmo dia. Mamãe guardava-os em um saco de papel marrom à espera de uma oportunidade para passarmos um dia inteiro colando cupons.

A cada seis meses mais ou menos, mamãe tirava da prateleira o saco de papel marrom repleto de cupons verdes. Empilhava-os na mesa e avisava: “Muito bem, Sharon, chegou a hora de colar os cupons”.

Passávamos horas lambendo e colando cupons. Os maiores representavam dólares gastos nas compras, e três eram suficientes para encher uma página. Os menores representavam *cents*, e em cada página cabiam trinta cupons. Eu gostava de colar os maiores.

Depois de seis meses colecionando cupons e de seis horas colando-os nos álbuns, minha mãe e eu íamos, ambas empolgadas, ao Posto de Troca de Cupons. Chegávamos com os braços carregados de cupons e colocávamos nosso trabalho do dia na mesa do funcionário.

— O que vamos levar? — eu perguntava enquanto percorríamos os corredores de produtos de utilidades domésticas.

— Não sei, querida — mamãe respondia. — Mas será alguma coisa boa.

Depois de muita reflexão, mamãe decidia por um tesouro, como um abridor de latas elétrico, um ferro de passar roupa a vapor ou um conjunto de tigelas de aço inoxidável. Ah, como era bom ir ao Posto de Troca de Cupons e trocá-los por um prêmio especial!

Trata-se de um exemplo muito simples de redenção, ou seja, de trocar uma coisa por outra, levar meus cupons e trocá-los (resgatá-los) por um prêmio — por algo valioso. É assim que Deus fará com nossas cicatrizes, se confiarmos nele.

> Satanás fará o possível para nos tentar a não confiar em Deus porque ele sabe que nosso desejo de nos colocarmos nas mãos santas de Deus nos levará à completa redenção. [...] A redenção ocorre quando o sofrimento é tratado e transformado de modo tão completo que não apenas perde seu poder de nos prejudicar, mas também ganha o poder de fazer algo bom.[1]

A VOLTA DO PROPRIETÁRIO DE TERRAS

Havia um proprietário de terras que decidiu fazer uma longa viagem. Chamou seus três servos e dividiu as responsabilidades entre eles, de acordo com a capacidade de cada um. Também confiou-lhes determinada quantia em dinheiro para que o administrassem. O dinheiro era representado por "talentos". A um servo ele entregou cinco talentos, a outro entregou dois talentos e ao terceiro entregou um talento.

Depois de muitos meses, o senhor daqueles servos voltou e pediu conta dos talentos entregues. O servo que recebeu cinco talentos investiu o dinheiro,

ganhou mais cinco talentos e entregou dez ao senhor. O servo que recebeu dois talentos investiu o dinheiro, ganhou mais dois talentos e entregou quatro ao senhor. A cada um o senhor disse: "Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco, eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor!" (Mt 25:21).

Havia, porém, o servo que recebeu um talento. Por ser um homem medroso e indolente, ele não quis correr riscos. Em vez de investir o dinheiro, ele o escondeu no chão e deu esta explicação: "Eu sabia que o senhor é um homem severo, que colhe onde não plantou e junta onde não semeou. Por isso, tive medo, saí e escondi o seu talento no chão. Veja, aqui está o que lhe pertence" (v. 24-25).

O senhor enfureceu-se com o servo indolente. Pegou o talento e deu-o ao que tinha dez talentos (v. 28).

Vejo nossas cicatrizes como tesouros preciosos que nosso Senhor nos confiou. Podemos optar por investir esses tesouros na vida de outras pessoas ou escondê-los por medo. Tenho observado que o investimento das cicatrizes do passado na vida de outras pessoas produz dividendos muito além de nossas expectativas. Um pequeno investimento produz efeitos retumbantes nas gerações futuras. É a história de minha vida.

Disposição para consolar

Paulo escreveu:

> Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda *consolação*, que nos *consola* em todas as nossas tribulações, *para que*, com a *consolação* que recebemos de Deus, possamos *consolar* os que estão passando por tribulações. Pois assim como os sofrimentos de Cristo transbordam sobre nós, também por meio de Cristo transborda a nossa *consolação*.
>
> 2Coríntios 1:3-5 (grifos do autor)

Deus não nos consola apenas para nos sentirmos consolados. Deus nos consola para que possamos consolar outras pessoas.

O dono de uma loja estava pregando um aviso na vitrine com estes dizeres: "Vendem-se cachorrinhos", quando um menino apareceu.

— Quanto o senhor está pedindo pelos cachorrinhos? — ele perguntou.

O homem respondeu que não venderia nenhum deles por menos de cinquenta dólares.

O menino enfiou a mão no bolso, pegou alguns trocados, olhou para o dono da loja e disse:

— Tenho dois dólares e 37 *cents*. Posso ver os cachorrinhos?

O dono da loja sorriu e assobiou. Uma cadela chamada Lady saiu correndo do canil, acompanhada de cinco bolinhas fofas. Um dos cachorrinhos demorou mais para chegar. Imediatamente o menino indagou sobre o cachorrinho manco.

— Qual é o problema dele?

— O veterinário nos contou que lhe falta um osso na junção do quadril — o dono da loja explicou. — Ele sempre vai mancar.

— É esse que quero comprar — o menino disse rapidamente.

O dono da loja replicou:

— Não, você não vai comprar aquele cãozinho. Se quiser ficar com ele de verdade, não precisa pagar nada.

O menino aproximou-se do homem e disse com raiva:

— Não quero que o senhor me dê o cachorrinho. Ele vale tanto quanto os outros, e vou pagar o preço total. Vou-lhe dar dois dólares e 37 *cents* agora e pagarei cinquenta *cents* por mês até liquidar a dívida!

O dono da loja replicou:

— Não, não, não. Você não vai querer aquele cãozinho. Ele nunca vai poder correr, saltar e brincar como os outros.

Em resposta, o menino levantou a perna esquerda da calça e deixou à mostra sua perna esquerda retorcida, sustentada por dois aparelhos.

— Bem, senhor — ele disse —, eu também não posso correr, e aquele cãozinho vai precisar de alguém que o compreenda.[2]

Querida amiga, Deus pode muito bem colocar uma pessoa em seu caminho que necessite de alguém que a compreenda. Ninguém tem mais condições de ajudar uma mulher que está sofrendo com um filho adolescente do que aquela mãe que recebeu de volta um filho pródigo. Ninguém tem mais condições de encorajar uma mulher que luta contra a depressão do que aquela mulher que conseguiu sair da mesma escuridão para a luz. Ninguém tem mais condições de

ajudar uma mulher que luta com problemas conjugais do que aquela mulher em cujo casamento ressoavam os sinos das discussões e agora ressoa uma linda sinfonia de amor. Ninguém tem mais condições de ajudar uma mulher que luta contra o sofrimento de um passado vergonhoso do que aquela mulher que trocou suas vestes rasgadas de pano de saco por um manto de princesa.

Em *Onde está Deus quando chega a dor?*, Philip Yancey observa:

> As pessoas que estão sofrendo física ou psicologicamente padecem, em geral, de uma sensação opressiva de solidão. Sentem-se abandonadas por Deus e também pelas outras pessoas, porque precisam suportar a dor sozinhas, e não há ninguém que as compreenda inteiramente.

E se houver alguém que compreenda? E se esse alguém for você ou eu? E se formos a pessoa certa para aliviar o desespero do isolamento ou solidão pelo fato de termos percorrido aquela mesma estrada?

É bem provável que Deus coloque alguém em nosso caminho para ouvir nossas histórias. Pergunto: abriremos o coração para alcançar uma mulher que necessite de alguém que a compreenda de verdade? Exporemos nossas cicatrizes para provar o poder de cura de Jesus Cristo? Investiremos nossa vida em outras pessoas?

Penso que o menino teve a ideia certa.

Dos sepulcros à cidade

Depois de ter passado um dia cansativo doutrinando as multidões e de ter acalmado uma tempestade, Jesus atravessou o mar da Galileia e chegou à região dos gerasenos. Assim que ele desceu do barco, um homem possuído por um espírito imundo, que vivia nos sepulcros, correu ao encontro de Jesus. Não foi um encontro cordial.

> Quando ele viu Jesus de longe, correu e prostrou-se diante dele, e gritou em alta voz: "Que queres comigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Rogo-te por Deus que não me atormentes!" Pois Jesus lhe tinha dito: "Saia deste homem, espírito imundo!" Então Jesus lhe perguntou: "Qual é o seu nome? "Meu nome é Legião", respondeu ele, "porque somos muitos".
>
> Marcos 5:6-9

Você sabe "quando os porcos voam?", conforme se diz por aí? Bom, naquele dia eles voaram. Jesus ordenou aos demônios que saíssem do homem e os fez entrar em uma manada de porcos nas proximidades. A manada inteira, de cerca de dois mil porcos, atirou-se no precipício em direção ao mar e morreu afogada (cf. Mc 5:9-13).

E o que aconteceu com o homem? Antes de seu encontro com Jesus, o habitante de sepulcros gritava dia e noite e cortava-se com pedras. Chegava a quebrar as correntes com as quais o prendiam para tentar dominá-lo. Mas, após o encontro daquele homem com Jesus, o povo surpreendeu-se ao vê-lo sentado, completamente vestido e em perfeito juízo.

Enquanto Jesus se preparava para entrar no barco e partir do povoado, o homem agradecido correu até ele, suplicando que o deixasse acompanhá-lo.

Jesus, porém, não permitiu. Disse-lhe que voltasse para sua família e seu povoado e lhes mostrasse suas cicatrizes. "Vá para casa, para a sua família e anuncie-lhes quanto o Senhor fez por você e como teve misericórdia de você" (Mc 5:19).

Isso lhe causou surpresa? Não deveria.

Jesus não nos consola apenas para sermos consolados. Ele nos consola para consolarmos outras pessoas.

O investimento de Tricia

Tricia Goyer engravidou na adolescência... duas vezes. Isso deixou uma cicatriz que ela carregaria pelo resto da vida, mas será que a carregaria com culpa e vergonha ou com a graça e o perdão de Deus? Será que Deus escolheu algo claramente contra a sua vontade, ou seja, um relacionamento sexual fora do casamento, com a finalidade de usá-lo para o bem? Se acreditarmos nas palavras de Romanos 8:28, a resposta será "sim". Vamos deixar que Tricia conte sua história...

"Não me lembro do rosto da enfermeira que me deu a notícia, mas lembro-me da volta silenciosa para casa em companhia de minha mãe. Lembro-me das primeiras palavras de meu namorado: 'Não acredito em você. Está tudo acabado'.

Eu tinha dezessete anos, estava grávida, sozinha e não sabia o que fazer. Não era a primeira vez. Por volta de dois anos antes, estava namorando o mesmo rapaz e recebi a mesma notícia. Para aquela gravidez, escolhi a 'saída mais fácil', mas descobri que a angústia e a vergonha causadas pelo aborto não são nada fáceis. Foi muito difícil enfrentar o fato de ter optado por não ter aquele filho. Dessa vez eu sabia que o certo seria levar a gravidez até o fim. Mas como seria minha vida? Na semana anterior, eu era líder de torcida e aluna exemplar. Na semana seguinte, não era mais nada. O constrangimento de ver minha cintura arredondar-se levou-me a desistir da escola, das atividades extracurriculares, da vida. Passava os dias dormindo até o meio-dia, estudando em casa para poder ser aprovada no colégio e vendo novelas na televisão. No sexto mês de gravidez, cheguei ao fundo do poço. Certo dia, despertei na hora de costume e estiquei o braço para pegar o controle remoto. Estava zangada porque minhas amigas não me haviam telefonado e porque meu namorado decidira sair com outra garota. De repente, comecei a chorar copiosamente ao pensar no que minha vida se transformara. Embora sentisse o coração despedaçado, algo dentro de mim dizia que eu não tinha de enfrentar aquilo tudo sozinha. Lembrei-me das aulas na escola dominical quando era menina. Lembrei-me da alegria no rosto da professora quando ela me disse que Jesus me amava. E, enquanto minha mente absorvia as palavras 'Jesus me ama', passei os braços ao redor da cintura e clamei a Deus: 'Senhor, fiz tudo errado. Se puderes fazer algo melhor com minha vida, peço-te que faças!'. Com os olhos cheios de lágrimas, senti um lampejo de esperança brilhar em minha alma. Apesar da sensação de estar sozinha, apesar das preocupações de ter de criar um filho, apesar de ainda me sentir uma criança, confiei que o plano de Deus para minha vida era melhor do que o caminho da autodestruição em que eu me encontrava. Durante o restante da gravidez, de vez em quando eu lia a Bíblia e orava. Tentei ter uma vida melhor, mas continuei a lutar contra os mesmos sentimentos de rejeição e isolamento. Mas, no dia em que meu filho nasceu, comecei a entender a fidelidade de Deus. Ao segurar aquela criança nos braços, meu coração encheu-se de amor. E pela primeira vez entendi um pouco mais a respeito do amor de Deus por mim. A confiança que vi

no olhar de meu filho ao me fitar deu-me a certeza de que eu jamais o decepcionaria."

Pouco depois de Tricia ter voltado para casa com o bebê, outro rapaz entrou em sua vida. John era filho do pastor da igreja que ela frequentava e demonstrou interesse especial pela mãe e pela criança. Tricia e John se casaram em menos de um ano. Oito anos depois, John, Tricia e os três filhos da família Goyer mudaram-se para uma região pacata de Montana. Passaram a frequentar uma igreja maravilhosa e fizeram novos amigos — amigos que não conheciam a história da gravidez e do aborto de Tricia na adolescência.

Vamos deixar que Tricia prossiga...

"Meus familiares e amigos não sabiam que os sentimentos interiores de vergonha e rejeição estavam inflamando como um espinho sob a pele. Não me sentia à vontade para falar com meus amigos dos problemas na adolescência, e o fardo do sofrimento pelo aborto ainda pesava sobre mim. Queria, mais do que tudo, deixar aqueles acontecimentos para trás, mas de que maneira, se as lembranças de minhas escolhas não paravam de me atormentar? Um dia, uma moça avisou à igreja que daria início a uma nova classe de estudos bíblicos. 'Fiz um aborto quando tinha 19 anos', ela disse. 'Encontrei cura e quero oferecer a mesma esperança a outras mulheres'. Perdi o chão! Como aquela moça pôde falar diante da igreja de um assunto que eu não era capaz de confessar nem para minhas amigas mais íntimas?"

Tricia levou um mês tentando reunir coragem para inscrever-se por telefone. Na noite do estudo bíblico, ela foi de carro à igreja, com o coração batendo forte. Mas, ao entrar na classe, constatou que havia outras mulheres enfrentando os mesmos problemas e o mesmo sofrimento.

Assim que contou a história do aborto e da gravidez subsequente, Tricia sentiu que o peso da vergonha e da dor começava a desaparecer de seu peito. As mulheres entenderam seu problema. Ela voltou para casa com a certeza de ter recebido o perdão de Deus, e deu o primeiro passo para perdoar a si mesma.

Algumas semanas depois, Tricia sentiu Deus instigando-a a contar sua história na igreja. Ela se levantou diante da congregação e contou sua história de sofrimento, vergonha e cura. Também falou das dificuldades de ser mãe na

adolescência e de como isso a fez voltar-se para Deus. Ficou perplexa quando algumas mulheres — jovens e mais velhas — aproximaram-se dela para contar suas histórias... Esse é o poder de nossas cicatrizes! Logo a seguir Tricia começou a ajudar as mulheres cujos erros passados lhes pesavam nos ombros. Investiu nelas para ajudá-las a encontrar perdão e esperança para o futuro.

Os investimentos de Tricia multiplicaram-se

Tricia continuou a aconselhar as mulheres presas pelos grilhões de erros e fracassos do passado, mas Deus tinha um plano ainda maior para aquela jovem senhora. Quando Tricia estava com 27 anos, o pastor da igreja conversou com ela a respeito da necessidade de ser organizado na comunidade um centro de gravidez inoportuna. A princípio, ela se assustou, imaginando não estar preparada para tal tarefa, mas, ao final, decidiu obedecer ao chamado de Deus. Seis meses depois foi inaugurado o Hope Pregnancy Center. Ela conta:

"A organização do centro exigiu muito trabalho e dedicação. Além de ter de entrar em contato com agências que ofereciam ajuda às mulheres durante uma gravidez inoportuna, fui forçada a relembrar problemas do passado que enfrentei como mãe na adolescência. No entanto, a cada obstáculo, Deus mostrava que estávamos no caminho certo. Em menos de um ano, uma igreja da localidade doou ao centro uma casa enorme em estilo vitoriano. Abríamos cinco dias por semana e tínhamos quarenta voluntários trabalhando conosco. O índice de aborto em nossa comunidade caiu 20%."

Deus continua a abrir portas para Tricia investir suas cicatrizes em outras pessoas. Ela deu início a um grupo denominado MOPS [sigla em inglês para Mães de crianças em idade pré-escolar] para as adolescentes de sua comunidade e escreveu um livro para mães adolescentes intitulado *Vida interrompida: entendendo o que é ser mãe na adolescência*.

Tricia tem sentido a alegria de investir suas cicatrizes em outras pessoas. Tento imaginar como seria sua vida e a de todos que ajudou se ela tivesse escondido seu tesouro na areia por causa do medo. Sou muito grata por ela ter tido a coragem de fazer aquele investimento inicial e vê-lo aumentar

exponencialmente na vida de tantos homens e mulheres... não somente em sua comunidade, mas também ao redor do mundo.

Gabriel Marcel[3] define esperança como "uma recordação do futuro". Esse é o presente que Tricia oferece todos os dias.

O DESAFIO DE PEDRO PARA INVESTIR

Gosto muito de saber que Jesus escolheu Pedro para ser um de seus discípulos. Quantas vezes o vimos morder a língua, engolir o orgulho e baixar a crista. Satanás sabia que Pedro causaria um impacto enorme na igreja em geral, e tentou várias vezes desviá-lo do caminho. Durante a última ceia, Jesus avisou Pedro de que ele em breve seria posto à prova: "Simão, Simão, Satanás pediu vocês para peneirá-los como trigo. Mas eu orei por você, para que a sua fé não desfaleça. E quando você se converter, *fortaleça os seus irmãos*" (Lc 22:31-32, grifos do autor).

Pedro estufou o peito, levantou a cabeça e disse:

"Estou pronto para ir contigo para a prisão e para a morte" (v. 33).

Imagino que Jesus tenha pensado: "Claro que está, filho".

Poucas horas depois, a peneira entrou em ação. Enquanto Pedro estava perto de uma fogueira na área externa do lugar onde Jesus era interrogado e açoitado, uma criada perguntou se ele era um dos seguidores de Jesus.

"Mulher, não o conheço" (v. 57).

Mais uma vez...

"Homem, não sou [um de seus discípulos]!" (v. 58)

E outra...

"Homem, não sei do que você está falando!" (v. 60).

E assim que a última negação partiu dos lábios de Pedro, o galo cantou para lembrá-lo das palavras de Jesus: "Antes que o galo cante hoje, três vezes você negará que me conhece" (v. 61).

Pedro afastou-se do local e chorou amargamente (cf. v. 62).

Jesus sabia que Pedro o negaria, e, mesmo assim, antes de Pedro cair em pecado, Jesus o levantou. Sim, Pedro ficou totalmente arrasado por ter sido fraco e negado Jesus três vezes. Mas, de repente, o raio do amor de Deus o fez

lembrar-se das palavras de Jesus: “E quando você se converter, fortaleça os seus irmãos” (v. 32).

Após a ressurreição, Jesus disse a Pedro que ele deveria investir em outras pessoas tudo o que havia aprendido. Jesus perguntou-lhe três vezes: “Você me ama?”. Após cada afirmação de Pedro, Jesus disse: “Cuide dos meus cordeiros [...] Pastoreie as minhas ovelhas [...] Cuide das minhas ovelhas” (Jo 21:15-17). Pedro fez exatamente o que Jesus pediu e passou o resto da vida investindo em outras pessoas.

Lembra-se de Susie, que conhecemos no início deste capítulo? Será que ela aceitou meu desafio de não envergonhar-se de suas cicatrizes, para encontrar paz e propósito nos sofrimentos do passado? Será que ela cuidou do rebanho de Deus da mesma forma que Pedro? Sim. Susie deixou de esconder suas cicatrizes sob as camadas da perfeição religiosa. Quando as oportunidades surgem, ela se senta lado a lado com as moças angustiadas e diz: “Vou contar minha história para você”.

Assim como Pedro, Susie conheceu a alegria de redimir o sofrimento ao investir em outras pessoas.

Uma rainha corajosa

Katie, um bebê de cabelos loiros, nasceu em Wichita, Kansas, para orgulho e alegria da família Signaigo. Nos anos seguintes nasceram mais duas meninas para completar a felicidade da família. Katie cresceu desfrutando todos os mimos e encantos da infância. Adorava as atividades da escola e da igreja, adorava nadar e correr e, acima de tudo, adorava suas amigas.

Quando tinha nove anos de idade, Katie notou um inchaço constante perto do tornozelo esquerdo. A dor ia e voltava, mas o inchaço permanecia. Por mais de um ano, ela e a mãe passaram de um consultório médico a outro tentando descobrir a causa daquele inchaço misterioso. Um diagnóstico errado indicou inflamação no tendão, e o problema persistiu, acompanhado de coágulos de sangue.

Em meio à fé e ao desespero, a avó e a mãe de Katie colocaram as mãos na lista telefônica de Arkansas e oraram a Deus, pedindo-lhe que as conduzisse a um médico capaz de dar-lhes o diagnóstico certo. Deus respondeu às orações.

Em 1991, Katie e seus pais dirigiram-se ao consultório de um médico no Hospital Infantil de Arkansas. Após examinar o inchaço no tornozelo de Katie, o médico recomendou uma biópsia. O procedimento forneceu a resposta definitiva, mas não era a que eles esperavam ouvir. Katie tinha um sarcoma... câncer. Em menos de uma semana, a pequena Katie de onze anos de idade estava em uma mesa na sala de cirurgia para que os médicos amputassem a perna cancerosa, logo abaixo do joelho.

— Ninguém mais vai me amar ou querer casar comigo! — a pequena Katie disse chorando à mãe, enquanto era colocada no leito do hospital. — Minha vida nunca mais vai ser a mesma. O que vou fazer? As pessoas vão rir e caçoar de mim. Nunca mais vou poder andar ou correr. Vou passar o resto da vida em uma cadeira de rodas!

— Ah, querida — a mãe disse tentando transmitir-lhe segurança —, você vai casar um dia. É uma garota bonita. Vai correr, nadar e fazer tudo o que sempre adorou fazer. Você não vai precisar de cadeira de rodas. Vai ter uma prótese no lugar da perna, que lhe permitirá fazer tudo o que fazia antes. Não, sua vida não vai ser a mesma; vai ser muito melhor. Espere para ver. Vamos atravessar isto juntas.

Por medida de precaução, Katie foi submetida a quimioterapia por um ano. Além de ter perdido a perna, Katie perdeu todos os seus cabelos loiros. “Quando tudo isto vai terminar?”, ela perguntava chorando.

A pequena Katie, sábia para sua idade, decidiu que entregaria tudo a Deus. “Sei que ele vai cuidar de mim”, disse.

Apesar de estar fraca, com náuseas e constrangida, Katie retornou à escola.

Com o passar do tempo, os cabelos tornaram a crescer, ela aprendeu a andar com a prótese e a vida voltou ao normal. No entanto, ninguém... absolutamente ninguém, a não ser os familiares mais próximos, via a perna artificial de Katie. Ela escondia a prótese do mundo.

Katie converteu-se ao cristianismo aos nove anos de idade, e seu relacionamento com Jesus Cristo continuou a crescer durante aqueles anos difíceis. Quando estava com dezesseis anos, Katie sentiu que Deus a impulsionava, dizendo-lhe que era chegada a hora de redimir o passado investindo em outras pessoas. Ela me contou:

"Senti Deus me impelindo a voltar ao hospital infantil e conversar com as outras crianças que estavam enfrentando câncer ou amputação. Resisti ao chamado. E como resisti. Mas, um dia, uma enfermeira me ligou perguntando se eu poderia fazer uma visita ao hospital. 'Temos uma menina aqui que vai fazer a mesma cirurgia que você fez há seis anos', ela disse. 'Você não gostaria de conversar com ela?' Deixei os medos de lado e dirigi-me à ala do hospital reservada a pacientes com câncer. Mostrei a perna a Amanda e permiti que ela a tocasse. Enquanto conversava com Amanda sobre o que era capaz de fazer, notei algo em seus olhos. Era esperança."

Daquele dia em diante, Katie fez várias visitas ao hospital em companhia da mãe, contando às crianças e aos pais delas o que deveriam esperar e transmitindo-lhes esperança. Juntas, mãe e filha estão mostrando suas cicatrizes, tanto físicas como emocionais, e investindo em outras pessoas.

A história, porém, não termina aqui. Katie formou-se no colégio e foi estudar na University of Central Arkansas. Enquanto esteve ali, viu um programa de Oprah Winfrey apresentando Aimee Mullins, uma moça que teve as duas pernas amputadas e se tornara atleta e modelo. Aimee falou abertamente das amputações e das pernas artificiais. Chegou a mostrar várias próteses que usava em ocasiões diferentes.

Ao ver Aimee, Katie adquiriu coragem para não se envergonhar de sua prótese. — A confiança e o bem-estar de Aimee consigo mesma deram-me forças para começar a me aceitar completamente — Katie explicou.

Com essa nova confiança adquirida, Katie decidiu fazer uma estreia em grande estilo. Candidatou-se ao concurso de Miss UCA (University of Central Arkansas). Katie parecia igual a todas as outras concorrentes quando participou das provas de talento, traje de noite e entrevista. Mas conquistou o coração da plateia quando desfilou orgulhosamente na passarela... na competição em traje de

banho. Houve momentos de muitas lágrimas quando os patrocinadores do desfile colocaram a coroa na cabeça de uma vencedora. Mas, ouso dizer, não houve momento mais precioso do que aquele quando Katie Signaigo foi coroada Miss University of Central Arkansas. Katie candidatou-se ao concurso de Miss Arkansas alguns meses depois.

Após ter ganhado a coroa, ela escreveu a Oprah Winfrey para agradecer-lhe a ideia de levar ao ar aquele programa inspirador que lhe deu ânimo para não se envergonhar da perna artificial. Contou também a Oprah sobre sua decisão corajosa de participar de um desfile e ganhar o concurso.

Alguns dias depois, o telefone de Katie tocou.

— Alô, é Katie Signaigo?

— Sim, ela mesma.

— Oi, Katie — a voz feminina prosseguiu. — Estou ligando em nome do programa de Oprah Winfrey. Recebemos sua carta e gostaríamos de convidá-la para participar do programa.

No dia seguinte, uma equipe de filmagem de Chicago bateu à porta de Katie. Ela foi filmada conversando com pacientes no hospital e interagindo com a família. Em seguida, conduziram-na rapidamente ao programa *Oprah*, onde Katie falou da paz e propósito que encontrou durante a amputação e a convalescença.

Katie tem hoje 24 anos e leciona música aos alunos de um colégio. Mas seu primeiro amor é falar de Jesus Cristo e da paz e esperança que só ele é capaz de dar. Ela enfrentou mais sofrimentos que a maioria das pessoas com o dobro de sua idade e adora ajudar aqueles que estão percorrendo a estrada da incerteza chamada câncer. Em uma reunião de mulheres, Katie declarou:

"Todas nós somos vasos trincados de uma forma ou de outra. Todas nós temos imperfeições só nossas. Não tenham medo de suas imperfeições. Olhem para as coisas positivas. Não fiquem remoendo coisas más. Eu fiz isso, e foi a maior bênção que recebi na vida".

Katie conheceu a alegria de redimir o sofrimento quando investiu em outras pessoas. E eu tenho a sensação de que esse é apenas o começo para ela.

1 Beth Moore. *The Patriarchs*, p. 158.
2 Dan Clark. *Puppies for Sale and Other Inspirational Tales*, p. 3. Publicação autorizada por Health Communications, Inc.
3 Gabriel-Honoré Marcel (1889-1973), filósofo e dramaturgo francês de renome internacional. (N. do T.)

5

Substituindo as feridas por cicatrizes

"Você quer ser curado?"

João 5:6

O rosto de Barbara revela rugas e marcas de uma mulher arrastando-se ao longo dos anos com amargura e arrependimento. Depois de ouvir minha história, ela perguntou se poderíamos conversar por alguns instantes. Afundamo-nos em um sofá macio, e ela começou a falar.

"Fui criada em um lar 'religioso', e era a caçula de doze filhos. Meu pai bebia muito e menosprezava os filhos constantemente. Minha mãe pouco fazia para proteger-nos, mesmo quando papai obrigava as filhas a desfilar pela casa com roupas íntimas. Penso que mamãe tinha medo dele. Ele sempre a ameaçava, e ela vivia nervosa. Meu pai nos contou que os quatro primeiros filhos foram planejados. O resto nasceu por acidente. Eu era um dos acidentes. Todos os filhos costumavam tomar banho juntos, e lembro-me de um de meus irmãos ter tocado em mim de maneira imprópria. Vários anos depois, lembro-me de ter tocado um de meus vizinhos de maneira semelhante. Eu ouvia frases como 'esqueça o passado' e 'Deus perdoa quando lhe pedimos perdão'. Sei que a Bíblia diz que 'se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!' (2Co 5:17), mas eu não conseguia me perdoar pelo que havia feito e não podia perdoar meu pai por ter feito de mim a pessoa que sou. Não posso esquecer!"

Barbara e eu conversamos por muito tempo, e vi que não estávamos indo a lugar nenhum. Finalmente, eu disse: "Vamos orar, Barbara".

Por favor, entenda-me. Não quero parecer rigorosa ao extremo, mas Deus fez-me uma revelação durante aquela oração. Não era verdade que Barbara *não*

podia esquecer o passado. Ela *não queria* esquecer o passado. Assim como a criança que continua a cutucar uma ferida, Barbara continuava a cutucar as feridas de sua vida, sem lhes dar chance de cura.

Esquecendo o que ficou para trás

Há muitos fatos de minha infância dos quais não me lembro. Tenho uma vaga lembrança de dois ou três incidentes desde o nascimento até os seis anos de idade. Lembro-me muito pouco de quando tinha sete anos, e só a partir dos oito anos é que as lembranças começam a aparecer claramente na tela. As poucas recordações que tenho dos meus primeiros anos de vida não são agradáveis. Lembro-me de meu pai batendo em minha mãe, atirando objetos pela casa e de discussões violentas. Lembro-me dos momentos tensos na hora das refeições, dos feriados horríveis e solitários, dos eventos escolares aos quais eu não comparecia. Lembro-me de ficar escondida em um armário escuro ou de refugiar-me no telhado e deixar a imaginação levar-me a lugares onde eu era amada e bem cuidada, mas os eventos traumáticos têm um jeito especial de cobrir de nuvens escuras os dias ensolarados. Houve tempos felizes também. Lembro-me com carinho de minha mãe preparando refeições maravilhosas à moda sulina — frango e croquetes de carne eram meus pratos favoritos. Lembro-me dos verões na casa de minha avó e da sensação de ser sua neta predileta. (Tenho certeza de que todos os netos dela pensam dessa maneira.) Lembro-me também das férias no litoral, onde minha paixão pela praia começou. Sim, houve momentos felizes.

À medida que crescia, algumas lembranças começaram a vir à tona. Passei, então, a entender a fonte de muitas de minhas inseguranças. A cura só ocorreu no momento em que comecei a entendê-las. Os cientistas comprovaram que os homens se lembram dos eventos e que as mulheres se lembram não apenas dos eventos, mas também das emoções ligadas a eles. São as emoções que impedem a cura.

Como seres humanos, temos a tendência de lembrar o que precisamos esquecer e de esquecer o que precisamos lembrar. Deus, por outro lado, esquece

o que promete esquecer e lembra o que promete lembrar. Deus disse: “Dos seus pecados e iniquidades não me lembrarei mais” (Hb 10:17).

Paulo conta-nos um dos segredos de seu sucesso como cristão e na vida.

> Irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus
>
> Filipenses 3:13-14

Ei, espere um pouco! Isso não contradiz a mensagem deste livro? Como podemos nos esquecer “das coisas que ficaram para trás” e, ao mesmo tempo, descobrir a beleza de nossas cicatrizes? O segredo está na compreensão bíblica da palavra “esquecer”.

Na Bíblia, Deus diz que “se esquece” de nossos pecados e não se lembra mais deles. Mas como um Deus onipotente e onisciente pode *esquecer*? Vamos analisar o antônimo de “esquecer” para compreender melhor.

Há muitos eventos na Bíblia que começam com as palavras “Deus lembrou-se”: “Deus lembrou-se de Noé” (Gn 8:1), “[Deus] lembrou-se de Abraão” (Gn 19:29), “Deus lembrou-se de Raquel” (Gn 30:22), “Ouviu Deus o lamento deles e lembrou-se da aliança que fizera com Abraão, Isaque e Jacó” (Êx 2:24). Em cada incidente, o fato de Deus ter lembrado significa que ele estava prestes a fazer alguma coisa — Deus estava prestes a agir.

Portanto, se, quando Deus se *lembra* é porque vai agir, então quando ele *esquece* é porque não vai agir. Deus diz: “Porque eu lhes perdoarei a maldade e não me lembrarei mais dos seus pecados” (Jr 31:34). Ele esquece nossos pecados — e não vai agir em relação a eles. Da mesma forma, apesar de não podermos esquecer fisicamente os detalhes das feridas do passado, podemos optar por não agir em relação a elas. Podemos optar por perdoar a pessoa que nos ofendeu e não permitir que a lembrança da ofensa controle nossa vida. Nesse sentido, podemos perdoar e esquecer.

Quando fala de esquecer, Paulo não está dizendo que vai conseguir apagar o incidente da memória. “[Para Paulo] esquecer não significava apagar a lembrança do passado, mas era um ato consciente de não permitir que o incidente absorvesse sua atenção e impedisse seu progresso.”[1] Paulo não permitiu que os

eventos do passado controlassem o presente. Ele falava desses eventos, mas sem sofrimento, sem rancor, sem nenhum traço de vingança.

Sim, eu me lembro das feridas do passado, mas digo com toda a sinceridade que deixei de agir sob influência delas. Quando me lembro, não sinto o ferrão, o gosto da amargura, nem ouço o retinir da injustiça. Meu passado não mais controla meu presente. Hoje, as lembranças vêm à tona com muito menos frequência, porque exercem muito pouco poder sobre minhas ações e emoções. Satanás teve de procurar um novo tipo de munição em sua sacola de artimanhas, porque seus antigos truques de lançar dardos flamejantes do passado perderam a eficácia. Para mim, isso significa esquecer o passado.

"É muito difícil", você poderá dizer. Amiga, Deus nunca exigiu nada de nós sem antes nos dar força para realizar a tarefa. Ele nos instruiu a perdoar... portanto nos dará poder para isso. Instruiu-nos a deixar o passado para trás... portanto nos dará poder para fazer isso. Instruiu-nos a despir o velho eu... portanto nos dará poder para fazer isso. Paulo disse: "Tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4:13). "Tudo" significa todas as coisas que Deus nos chamou para fazer.

Isaías escreveu:

> Quando o agricultor ara a terra
> para o plantio, só faz isso o tempo todo?
> Só fica abrindo sulcos
> e gradeando o solo?
> Depois de nivelado o solo,
> ele não semeia o endro e não espalha
> as sementes do cominho?
> Não planta o trigo no lugar certo,
> a cevada no terreno próprio
> e o trigo duro nas bordas?
>
> Isaías 28:24-25

Penso que muitas de nós temos arado o solo repetidas vezes e por muito tempo. Contamos e recontamos o que foi feito e como foi feito... percorrendo o mesmo solo e revirando a terra até o ponto de transformá-la em uma tigela gigantesca de poeira. Mas chega o momento em que é hora de parar de arar o

solo e começar a plantar sementes — enquanto não fizermos isso, jamais veremos a colheita.

Você quer ser curada?

Às vezes, os grilhões que nos acorrentam o coração tornam-se tão confortáveis que nos acostumamos com o sofrimento e esquecemos o significado de viver bem. Talvez algumas de nós nunca tenham conhecido a liberdade. Mas a grande pergunta é: Você *quer* ser curada? *Quer* ser livre? "Claro que quero", ouço você dizer. Mas quer *realmente*?

Jesus encontrou um homem que enfrentava as mesmas encruzilhadas na vida. Em Jerusalém, os homens e as mulheres com enfermidades variadas reuniam-se em um tanque na porta das Ovelhas. Em volta do tanque havia cinco entradas onde os enfermos se aglomeravam, à espera do "movimento nas águas". Eles acreditavam que um anjo do Senhor descia do céu de vez em quando e agitava as águas. Quando viam as águas se agitar, os enfermos corriam para entrar no tanque. Acreditavam que o primeiro a entrar no tanque seria curado.

Estava ali um homem paralítico havia 38 anos, à espera de entrar no tanque. Quando Jesus viu o homem deitado em uma maca e tomou conhecimento de que ele vivia assim durante tanto tempo, perguntou-lhe: "Você quer ser curado?" (Jo 5:6).

Parece uma pergunta comum, não? Às vezes nós nos acostumamos a viver "doentes". Apegamo-nos às nossas feridas. As feridas passam a fazer parte de nós, e não podemos imaginar a vida sem elas. Para aquele homem, a cura significava mudança drástica de vida. Teria de procurar um emprego, ser um adulto responsável e deixar de ficar à beira do tanque o dia inteiro.

O sofrimento pode tornar-se um ídolo. Não estou falando de adoração no bom sentido, mas o adoramos como uma força poderosa e permitimos que controle nossa vida. Quando permitimos que o passado dite as normas do futuro, estamos dando ao passado o poder de um deus e transformando-o em ídolo. "Podemos acariciar nossas feridas e fazer um santuário com nossas tristezas, ou podemos oferecê-las a Deus como sacrifício de louvor. A escolha é nossa."[2]

O paralítico queria ser curado? Ele não pediu ajuda a Jesus. Aparentemente estava agarrado à enfermidade e culpava os que o cercavam — uma vítima das circunstâncias. "Senhor, não tenho ninguém que me ajude a entrar no tanque quando a água é agitada" (Jo 5:7). Não sabemos se ele perdeu o desejo de ser curado, se estava com medo de perder sua fonte de renda como pedinte ou se simplesmente aceitava a paralisia como se fosse sua sina. De qualquer forma, inesperadamente ele ficou face a face com aquele que podia libertá-lo.

O homem não respondeu à pergunta de Jesus. Jesus apenas disse: "Levante-se! Pegue a sua maca e ande" (Jo 5:8). O homem pegou a maca e andou.

Trinta e oito anos é um período muito longo para viver imobilizado, e, mesmo assim, há em minha vida algumas coisas que me prenderam pelo mesmo período de tempo. Eu estava paralisada por sentimentos de inferioridade, insegurança e incapacidade em razão das mensagens do passado. Mas Jesus me perguntou: "Você quer ser curada?".

Satanás quer usar nosso passado para nos paralisar. Deus quer usar nosso passado para nos impulsionar. A escolha é nossa.

Mãos prestativas

Posso apresentá-la a outro paralítico? Ah, como essa história registrada em Marcos 2:1-12 mexe com meu coração!

Um dia, Jesus viajou a Cafarnaum, cidade natal de Pedro. O povo de lá ouvira falar que Jesus curava enfermos, fazia paralíticos andar e expulsava espíritos imundos. Naquela noite, o povo aglomerou-se em cada canto da casa de Pedro, e também do lado de fora, para ouvir Jesus.

No entanto, a voz de Jesus não foi o único som ouvido no meio do povo. Marteladas. Batidas. Escavações. Raspa daqui, raspa dali. Logo Jesus notou que o barro do teto começava a cair como chuva fina sobre sua cabeça e a salpicar em seus cílios. A poeira acumulou-se em seus pés calçados com sandálias e cobriu-lhe o manto. Assim que olhou para o teto, Jesus viu uma abertura que se tornava cada vez maior e quatro homens determinados.

Depois de um tempo considerável, o povo viu, de olhos arregalados, um homem deitado em uma maca descer pela abertura do teto, com a ajuda dos outros quatro, e ser colocado aos pés de Jesus. Jesus olhou para o paralítico na maca e disse simplesmente: "Filho, os seus pecados estão perdoados" (Mc 2:5).

Ei, espere um pouco. Era isso o que o homem realmente queria? Era isso que os amigos dele tinham em mente? Ah, minha amiga, às vezes *é* o pecado que nos paralisa. Uma das táticas mais destruidoras de Satanás é paralisar-nos com emoções. Ele quer cobrir-nos de vergonha, impingir sobre nós o peso da culpa e enfraquecer nosso progresso rumo à cruz. Mas Jesus veio para nos libertar! Ele nos instrui a levantar e andar!

Há outra faceta dessa história que faz meu coração cantar de alegria. Os amigos do paralítico o amavam a ponto de carregá-lo até a presença de Jesus. Às vezes não temos energia suficiente para recorrer sozinhos àquele que cura. Que bênção ter amigos dispostos a carregar a maca para levar-nos à presença do Salvador, a arriscar-se a ser repreendidos por outras pessoas e a não ter medo de se atrapalhar no meio do caminho.

Os psicólogos dizem que é difícil manter a saúde mental, a menos que a pessoa tenha alguém com quem possa ser totalmente sincera no aspecto emocional.[3] Jesus tinha doze amigos próximos e três amigos íntimos: Pedro, Tiago e João. É uma bênção ter ao nosso lado uma pessoa com quem podemos ser completamente sinceros. Bênção maior seria ter duas ou três.

Alguém disse certa vez: "O amigo ouve a canção em meu coração e canta-a para mim quando minha memória falha". O amigo pode lembrar-me da fidelidade de Deus quando minha memória se encontra anuviada pelas circunstâncias da vida.

- Você tem uma amiga que esteja paralisada emocional ou espiritualmente por causa dos pecados ou traumas do passado? Até que ponto você está disposta a ajudá-la?
- Você está paralisada emocional ou espiritualmente por causa dos pecados e traumas do passado? Está disposta a permitir que alguém a ajude a caminhar novamente?

Tiago nos diz: "Humilhem-se diante do Senhor, e ele os exaltará" (4:10). Jesus não a levará necessariamente a um lugar de honra neste mundo, mas a levantará do chão, da esteira, e colocará seus pés no caminho que escolheu para você. Às vezes ele chama uma amiga para carregar sua maca. Outras, ele a chama para ser amiga de alguém.

A CURA É UM PROCESSO

A cura é um processo. Não sabemos quase nada a respeito do que aconteceu com os dois paralíticos depois que foram curados, mas imagino que ambos aprenderam a apoiar-se nos dois pés — de maneira literal e figurada.

A cura começa quando admitimos que a ferida precisa ser tratada: uma lembrança dolorosa, uma amargura infeccionada, um coração sofrido. Em geral, a cura não ocorre imediatamente, mas ao longo de um processo de etapas e decisões. O *Webster* define "processo" como "uma série de atos ou mudanças, passando de um a outro, um método de manufaturar ou condicionar algo, um passo adiante, principalmente como parte de um avanço ou desenvolvimento".[4]

Uma de minhas palavras favoritas no Novo Testamento é "imediatamente". "Imediatamente eles recuperaram a visão" (Mt 20:34). "Imediatamente a lepra o deixou" (Mc 1:42). "Imediatamente cessou sua hemorragia" (Lc 8:44). Às vezes Deus cura... *imediatamente*. Às vezes ele decide que devemos passar por um processo de cura em etapas. De uma forma ou outra, aprendi que ele se preocupa mais com o processo que com o produto final. Eu prefiro, claro, o método "imediatamente", mas na maioria das vezes parece que caminho por vales e montanhas como fez a personagem Much Afraid na obra clássica *Pés como os da corça nos lugares altos*.

A boa notícia é que Jesus nunca encontrou alguém cuja enfermidade fosse maior que seu poder de curá-la. Talvez você imagine que não haja cura para sua enfermidade. Tranquilize-se, pois Jesus é especialista em transformar a morte em vida, não importa quanto tempo a morte tenha durado.

Na Bíblia há três passagens que mencionam Jesus ressuscitando alguém: o filho da viúva de Naim (Lc 7:11-17), a filha de Jairo (Lc 8:41-56) e Lázaro,

irmão de Marta e Maria (Jo 11:1-57). A filha de Jairo morrera poucas horas antes, o filho da viúva de Naim provavelmente morrera alguns dias antes, e Lázaro estava morto havia um bom tempo, pois seu corpo começava a decompor-se. Jesus não se preocupou com o tempo decorrido desde a morte nem com o estado de decomposição do corpo. Bastou uma palavra dele, e todos se levantaram!

Da mesma forma, Deus pode restaurar e ressuscitar nossos sonhos, seja qual for o tempo de duração da dor de um ferimento aparentemente fatal na alma. Ele pode até mesmo criar um exército enorme de uma pilha de ossos secos. Deus ordenou a Ezequiel que falasse a um amontoado de ossos.

> "Profetize a estes ossos e diga-lhes: Ossos secos, ouçam a palavra do SENHOR! Assim diz o soberano, o SENHOR, A estes ossos: farei um espírito entrar em vocês, e vocês terão vida. Porei tendões em vocês e farei aparecer carne sobre vocês e os cobrirei com pele; porei um espírito em vocês, e vocês terão vida. Então vocês saberão que eu sou o SENHOR". [...] Profetizei conforme a ordem recebida, e o espírito entrou neles; eles receberam vida e se puseram em pé. Era um exército enorme!
>
> Ezequiel 37:4-6,10

Se Deus é capaz de pegar uma pilha de ossos secos e transformá-los em um exército enorme, certamente será capaz de pegar as peças quebradas de nossa vida e transformar-nos em guerreiras poderosas para ele. Eric Liddell disse certa vez: "Aparentemente, as circunstâncias podem arruinar nossa vida e os planos de Deus, mas Deus não fica de mãos atadas no meio das ruínas".

Chorando a perda

Beth é uma de minhas amigas mais queridas. Foi casada durante 24 anos até o dia em que seu marido desistiu do casamento e foi embora. Ela é uma cristã de muita fibra, e durante cinco anos exibiu um rosto feliz, contando a todo mundo, inclusive a ela própria, que "Jesus é suficiente". Beth tem dois filhos adoráveis que amam o Senhor, e ambos atuam em ministérios diferentes. No entanto, tentei descobrir se ela era a primeira pessoa que conheci que pulou a fase do sofrimento subsequente à devastação do divórcio.

Ela não era.

Cinco anos após o divórcio, Beth e eu estávamos conversando por telefone a respeito do homem maravilhoso com quem ela saía havia dois anos.

— Beth, o que há de errado com Randy? Por que ele está demorando tanto a se decidir? — perguntei. — Estou ansiosa por ouvir o tilintar dos sinos anunciando o casamento.

— Sharon — ela respondeu —, acho que o problema não é com Randy. É comigo. Fui casada durante 24 anos e, sinceramente, tenho dificuldade de confiar em alguém novamente. Sei que Randy não se parece nem um pouco com meu primeiro marido. Ele amava a esposa, e ambos tinham um casamento incrível, centralizado em Cristo, antes de ela morrer de câncer. Mas há alguma coisa errada comigo.

— Beth, acho que você nunca se permitiu chorar sua perda. Sei que seu primeiro marido a traiu no ponto mais nevrálgico de um casamento, e a separação foi inevitável, mas houve perdas. Houve a perda de seus filhos por não terem tido o pai que mereciam, a perda de investir 24 anos em um homem que a traiu e a perda do sonho de um casamento, do que ele poderia e deveria ter sido, do que Deus pretendia desde o início dos tempos.

Beth está começando agora a chorar as muitas perdas que acompanharam o divórcio, e ela — e os dois filhos adultos — estão no processo de libertação.

Em *Sobre a morte e o morrer*, Elisabeth Kubler-Ross menciona cinco estágios do sofrimento:

- Estágio um: negação e isolamento
- Estágio dois: ira
- Estágio três: barganha
- Estágio quatro: depressão
- Estágio cinco: aceitação

Para nós, porém, que temos a vida ligada a Jesus Cristo, há o estágio seis:

- Ressurreição

O sofrimento faz parte do processo de cura. Em meu caso, tive de chorar o fato de não ter tido a família que sempre almejei. Sofri porque não era a menina dos olhos de meu pai, porque não era amada incondicionalmente e porque não pude carregar meu segundo filho nos braços. O sofrimento após cada perda ajudou-me a esquecer. Mas, depois de um tempo, tive de parar de lamentar o que não mais existia e alegrar-me com as bênçãos do que existe. Lembre-se, você não pode mudar o passado, mas pode mudar o que decidiu fazer com ele.

Talvez você necessite chorar as perdas de sua vida. Aqui estão algumas:

- Perda da inocência
- Perda de uma família carinhosa
- Perda de amor incondicional
- Perda de aceitação
- Perda de segurança
- Perda da virgindade
- Perda de um relacionamento íntimo com sua mãe
- Perda de um relacionamento saudável com seu pai
- Perda de confiança
- Perda de instrução
- Perda de emprego
- Perda do casamento
- Perda do cônjuge
- Perda de um filho
- Perda de amizade

É bom chorar uma perda, mas chega o momento em que o choro termina e uma nova vida começa.

O meu amado falou e me disse:
Levante-se, minha querida,
    minha bela, e venha comigo.
Veja! O inverno passou;
acabaram-se as chuvas e já se foram.
Aparecem flores na terra,
    e chegou o tempo de cantar;
já se ouve em nossa terra

o arrulhar dos pombos

Cântico dos Cânticos 2:10-12

Vivendo em liberdade

Quando estava na décima segunda série, tive de fazer um trabalho para avaliar meu desempenho escolar. Por um motivo estranho, fiz uma pesquisa sobre "Índice de reincidência dos prisioneiros". Eu sei, eu sei. Por quê? Posso afirmar que não me lembro. Mas aprendi alguns fatos interessantes, principalmente por que os prisioneiros que cumpriram a pena e foram libertados retornam à prisão com tanta frequência.

Gostaria de fornecer algumas estatísticas atualizadas. Nos EUA, entre trezentos mil prisioneiros libertados em quinze Estados em 1994, 67,5% voltaram à prisão em três anos por novos delitos e 49% foram condenados por um novo crime. Perto de 52% (51,8) voltaram à prisão para cumprir uma nova pena ou por violação técnica das leis após a libertação, como ser pego no teste de drogas, faltar a uma entrevista com o responsável pela liberdade condicional ou ser preso por um novo crime.[5]

Para alguns, estar na prisão é mais confortável que estar do lado de fora. Eles sabem como tudo funciona na prisão, e o fato de estar do lado de fora, vivendo em liberdade, é muito estranho, muito difícil ou muito complicado. A vida na prisão é mais fácil.

Às vezes as pessoas sentem-se tão confortáveis com suas feridas que não sabem ao certo como viver sem elas. As feridas passam a fazer parte dessas pessoas, e elas têm medo do mundo livre. As grades da prisão criam uma sensação de segurança. Pelo menos elas sabem o que esperar, e pouco lhes é exigido.

Jesus, porém, veio para libertar os cativos e dar vida em abundância.

Portanto, a pergunta permanece: "Você quer ser curado?".

Vencendo a dor

Sentei-me ao lado do leito de um amigo de 55 anos de idade, ouvindo-o repetir pela enésima vez todas as injustiças do passado. Stan sentia-se relativamente

bem, mas estava um pouco amedrontado com um tumor que aparecera na radiografia do tórax. O tumor era benigno, mas a cura da incisão levaria vários meses. Embora o cirurgião tivesse extirpado o gânglio com muita habilidade, o câncer em sua alma continuava a existir.

Durante nossa visita, Stan reprisou várias vezes o roteiro de suas mágoas de infância, passando de uma cena a outra como se fosse um crítico de cinema apontando as falhas e os pontos fracos dos atores no local de filmagem. Como se estivesse assistindo a um antigo filme em preto e branco, muito rodado e cheio de estática, ouvi o que ele pensava do passado e como esse passado continuava a influenciá-lo até hoje.

Eu queria gritar com toda a força: "Chega!". Queria agarrar a muleta invisível que se transformara em desculpa para seu péssimo comportamento e quebrá-la na cabeça daquele homem teimoso.

"Você se acha diferente do pai a quem menosprezou?", tive vontade de perguntar.

Claro que não perguntei. Apenas ouvi... mais uma vez.

O que Jesus diria a Stan? O que Jesus mais gostava de perguntar?

"Stan, você quer ser curado?"

Todos nós temos uma escolha quando se trata de substituir as feridas por cicatrizes. Tenho de admitir, é assustador — principalmente se a ferida for tudo o que conhecemos. Da mesma forma que uma avezinha se sente insegura para voar na imensidão do céu, nós nos empoleiramos na beira do ninho, imaginando se seremos capazes de sobreviver fora dos limites de segurança do ninho. Alguma coisa dentro de nós diz que não fomos feitos para ficar no ninho, mas será que queremos nos aventurar a levantar voo?

Ah, minha amiga, espero que sua resposta seja "sim"!

Vamos analisar, nos dois capítulos seguintes, os dois passos necessários para substituir as feridas por lindas cicatrizes: esquecer quem nos ofendeu e perdoar a nós mesmas. Respire fundo. Esta pode ser a montanha mais incerta da jornada a ser escalada, mas a vista lá do alto é deslumbrante.

1 *Zondervan NIV Commentary, New Testament* , vol. 2, p. 806.
2 Richard Exley. Citado por Carol Kent em *When I Lay My Isaac Down*, p. 33.
3 Neil Anderson. *Victory Over the Darkness*, p. 188.
4 *Webster's Dictionary of the English Language*, p. 797.
5 Departamento de justiça dos Estdos Unidos, Escritório de programas jurídicos, Bureau de relatórios especiais de estatísticas jurídica. "Recidivism of Prisoners Released in 1994", jun. de 2002, NCJ 193427.

6

Restaurando o coração despedaçado

O Espírito do Soberano, o SENHOR,
está sobre mim,
porque o SENHOR ungiu-me
para levar boas notícias aos pobres.
Enviou-me para cuidar dos que estão
com o coração quebrantado,
anunciar liberdade aos cativos
e libertação das trevas aos prisioneiros, [...]
para consolar todos os que andam tristes.

Isaías 61:1-2

"O que eu na verdade queria era subir no colo de minha mãe e ser abraçada, mas ela gritava: 'Saia da minha frente! Não suporto olhar para você! Se você não existisse, eu não teria tantos problemas!'. Então, eu me arrastava pelo corredor e saía da frente dela. Faminta e com medo, queria ir a qualquer lugar onde não fosse problema para ninguém... às vezes queria morrer."

Mary chegou ao mundo como uma criança indesejada, não amada. Na tentativa de abandonar a oitava filha, a mãe de Mary fugiu do hospital e deixou o bebê recém-nascido no berçário, à espera de que alguém o levasse para casa. As autoridades, porém, localizaram a mãe de Mary e emitiram uma ordem judicial para que levasse a filha para casa. E assim começou a jornada de Mary em um mundo frio, cruel e solitário. Ela me contou:

"Tudo o que eu queria era subir no colo de minha mãe e ser abraçada com carinho. Mas só ouvia palavras do tipo: 'Não suporto olhar para você"; "Saia da minha frente'; 'Você é mais uma boca para eu alimentar'. Houve muitos dias em que eu queria desaparecer. Sabia que ninguém sentiria minha falta, nem meus irmãos e irmãs, nem muito menos minha mãe, com toda a certeza. Ela gritava o

tempo todo comigo para sair da frente dela. Eu tinha mais problemas que as outras crianças porque era muito nova".

A mãe de Mary costumava deixar a filha em um jardim cheio de pedras nos fundos da casa. Embora já tivesse visto serpentes na área, a mãe continuava a levá-la ao mesmo lugar todos os dias.

"Desesperada, eu queria correr e me esconder, ou pelo menos encontrar um lugar seguro ao lado de alguém que me amasse. Mas não conhecia uma única pessoa que se alegrasse ao me ver. Passei vários dias com fome e sede. Imaginava o que Deus poderia fazer por uma garota como eu. Ninguém nunca me disse que eu servia para alguma coisa; ao contrário, estava sempre atrapalhando o caminho dos outros. Minhas irmãs costumavam inventar histórias a meu respeito e as contavam para mamãe, para que eu fosse castigada e ficasse longe delas."

Mary quase não se lembra de grande parte da infância, mas um incidente a atormentou por muitos anos. Quando ela estava com seis anos de idade, no mesmo ano em que seu pai morreu, um homem entrou na vida da família. Apresentou-se como seu tio, mas ela não acreditou. Ele lhe trazia presentes, dispensava-lhe atenção e parecia gostar de participar das atividades da família. Não demorou muito para ele concentrar a atenção na criança mais nova da família, que também era a mais solitária e vulnerável: Mary. Quando ele se ofereceu para levar a pequena Mary para casa e cuidar dela, a mãe consentiu rapidamente. O homem começou a tocar Mary em lugares impróprios, e, com o passar do tempo, o abuso sexual ultrapassou os limites do toque. Ela orava para que o homem a deixasse em paz, mas ele continuou a levar a pequena Mary para casa.

"O lar é um lugar onde a criança deve sentir-se segura. Mas aquele homem viu minha solidão e aproximou-se de mim como amigo. Estava sempre me persuadindo a confiar nele. Para a maioria das pessoas, eu parecia ser a mesma. Ia à escola, conversava com os vizinhos e brincava no jardim, mas estava caminhando rumo a um abismo de desespero por permitir que ele fizesse aquelas coisas comigo. Eu queria muito contar meu problema a alguém, mas ele ameaçava atirar-me no rio ou em um poço cheio de serpentes, se eu dissesse uma

só palavra. Estava com seis anos. Acreditava nele. Sabia que era errado, mas não tinha ideia de como detê-lo."

Portanto, aos seis anos de idade, Mary achava que a vida não tinha mais sentido. Via-se como uma menina suja, e tudo à sua volta era feio... sentia-se inútil, perdida e sozinha. Aprendeu a mentir e a colocar uma máscara para esconder o sofrimento. Andava, conversava e dormia, mas muitas vezes fingia ser outra pessoa. Mary tornou-se extremamente tímida e introvertida, sem nunca permitir que alguém visse seu passado por detrás daquela fachada.

"Todas as vezes que eu via uma menina bonita, queria ser ela. Todas as vezes que a professora falava com entusiasmo de outra aluna, eu tentava imitar o que aquela criança fazia. Esforçava-me muito para agradar aos outros, mas isso não fazia muita diferença. Imaginava alguém entrando em minha vida e levando-me para casa para ser sua filhinha. Queria muito ter alguém que me amasse e ficasse feliz por eu fazer parte de sua vida. Eu precisava de amor, mas não encontrava ninguém que me pudesse amar. Na tentativa de conseguir aprovação dos outros, envolvi-me em um jogo que jamais ganharia."

O abuso sexual continuou por três anos. Por um motivo ou outro, quando chegou aos nove anos, Mary adquiriu coragem para dizer àquele homem que, se ele a tocasse novamente, ela contaria a alguém. Mary não sabia a *quem* poderia contar, mas a ameaça funcionou, e o homem nunca mais voltou a tocá-la.

O abuso sexual foi apenas uma faceta da infância sofrida de Mary. A mãe dela era viciada em esbravejar, e tinha acessos de raiva quase todas as noites. Durante esses acessos, muitas vezes atirava todos os pratos pela casa ou rasgava as roupas da família até se transformarem em trapos.

Nesse meio-tempo, houve vislumbres de uma vida mais feliz. Uma vizinha que sentia pena dela lhe levava docinhos. Ao descobrir que ela ficava sozinha durante horas, uma assistente social decidiu levá-la consigo em suas visitas a outros lares e presenteou-a com lápis de cor e livros para colorir. Um casal que a viu com roupas esfarrapadas, tocando a campainha do Exército de Salvação no Natal, comprou-lhe uma linda malha de lã azul. Uma professora, a sra. Foster, demonstrou interesse especial por ela e escolheu-a para representar um papel no teatro da escola.

"A sra. Foster vivia feliz o tempo todo, e sempre se alegrava ao me ver. Ela não ria de minhas roupas esfarrapadas nem de meu cabelo desgrenhado. Dizia que eu era inteligente e sabia ler bem. Chegou a dar-me um papel no teatro da escola. Na peça, eu era uma árvore, mas a melhor árvore do mundo! Eu sabia ficar parada no lugar e em silêncio. A sra. Foster ajudou-me a recuperar um pouco de orgulho e dignidade. Ouviu falar que minha mãe sempre me menosprezava, e parecia haver um pacto de silêncio entre nós. Ela viu a necessidade de fazer minha mãe pensar que eu era uma boa menina. Pela primeira vez alguém me tratou com carinho sem querer nada em troca. Eu era uma menina suja e impura, mas aquela professora me amava e se importava comigo."

Sim, Deus enviou um pouco de claridade à vida sombria daquela menina. E Mary apegou-se a um raio de esperança de que, um dia, a situação melhoraria.

Cicatrizes de uma criança indesejada

A ferida de uma criança indesejada ou que se sente indesejada é uma das mais difíceis de curar. Apesar de Mary ter enfrentado muitas dificuldades na vida — abuso sexual, mãe mentalmente instável, pobreza, fome, negligência, pais e irmãos alcoólatras e, posteriormente, tumor no cérebro e câncer de mama —, a ferida mais profunda de todas foi a de ser indesejada e desprezada pela mãe.

Por que esse obstáculo é tão difícil de superar? A meu ver, porque vai de encontro à própria natureza daquilo que Deus planejou para o relacionamento entre mãe e filho. Nosso corpo foi feito para acalentar um filho. Temos seios para amamentar um recém-nascido, quadril para equilibrar um filho um pouco maior e coração para amá-lo a vida inteira. A rejeição por parte do pai ou da mãe atinge a necessidade primordial que a criança tem de ser amada.

Em *Silver Boxes* [Caixas de prata], Florence Littauer compara as palavras de incentivo a caixas de presente prateadas com laços de enfeite na tampa. Durante o dia inteiro ofertamos, recebemos e, às vezes, furtamos as caixas de prata dos outros. "Quando é a mãe que furta nossa caixa", Florence explica, "chegará o dia

em que nos sentiremos como um papel de embrulho comum à espera do brilho do papel prateado pelo resto da vida".[1]

Nenhum pai ou mãe é perfeito. Nenhum de nós está disponível o tempo todo — física ou emocionalmente. De vez em quando somos muito controladores, muito protetores ou muito permissivos. Perdemos a calma, a paciência e o controle. Saímos do sério e perdemos as estribeiras. Temos pés de barro — somos humanos. Porém, em geral os filhos, na maioria, sabem que seus pais os amam... não é verdade?

Se você perguntar às crianças, poderá surpreender-se!

A maioria das crianças tolera um acesso de raiva ocasional, desde que tenha uma boa quantidade de amor depositada em sua conta bancária emocional. Se, no entanto, a raiva e a rejeição forem constantes, a criança sofrerá falência emocional. Lamentavelmente, muitas nunca se recuperam.

A semente da rejeição, quando plantada no coração de uma criança, continua a desenvolver-se no mesmo ritmo do crescimento da criança. O resultado é um adulto que se sente desvalorizado, inútil e não amado. Cada pensamento ou mensagem é interpretado através da peneira da inferioridade, incompetência e insegurança. É fácil descrever o sofrimento de uma agressão física ou verbal, mas é difícil descrever o sofrimento do abandono físico ou emocional. "Pecados de omissão", é assim que os chamamos. Aquilo que não foi feito, não aquilo que foi feito.

Muitas vezes o pai ou a mãe que não demonstra afeto ou amor pelo filho apresenta-se como vítima de circunstâncias negativas. Portanto, o filho pequeno ou adulto sente-se culpado pelas feridas abertas e faz o possível para esquecê-las ou encobri-las.

Em *Pais tóxicos*, a dra. Susan Forward comenta:

> Seja "eles não tiveram a intenção de me prejudicar", seja "eles fizeram o melhor que puderam", essas desculpas obscurecem o fato de que esses pais delegaram suas responsabilidades aos filhos. Por meio dessa delegação de responsabilidade, esses pais tóxicos não foram exemplos positivos para os filhos, e, sem tais exemplos, o desenvolvimento emocional saudável torna-se extremamente difícil.
>
> Se você é filho adulto de um pai, ou mãe, ineficiente ou desajustado, provavelmente cresceu sem perceber que havia uma alternativa ao sentimento de se achar responsável por eles. Dançar na extremidade da corda emocional deles foi, aparentemente, uma forma de viver, não uma escolha.

Você notou na história de Mary que ela se sentia culpada, de uma forma ou outra, pela ira da mãe? Um dos motivos é que a mãe lhe dizia, com todas as letras, que a culpa era da filha. Uma criança de três anos não é capaz de raciocinar e concluir: "Ora, sei que não sou má. Não sou, de jeito nenhum, a causa de todos os problemas de minha mãe. Olhem para ela. Tem oito filhos, não tem marido e nenhuma habilidade. É mentalmente instável, bebe demais e não tem controle sobre suas emoções. Não sou má. Minha mãe é uma pessoa doente".

A criança não é capaz de raciocinar como um adulto e tende a culpar-se por ser desprezada ou maltratada. A alternativa também é muito dolorosa. O lar deveria ser um lugar seguro. Os pais deveriam ser protetores dos filhos. É mais fácil para a criança sentir-se culpada do que admitir que os alicerces de sua vida simplesmente não existem.

Talvez as feridas de infância que você enfrenta não sejam como as de Mary, mas você sabe que elas existem. Lembre-se disto: "Você não é responsável pelo que lhe fizeram quando era uma criança indefesa. Você *é* responsável por tomar agora algumas atitudes positivas quanto a isso".

Posso repetir? Você não é responsável pelo que lhe aconteceu na infância. Você era uma criança! A responsabilidade chega quando decidimos o que vamos fazer com a ferida — arrancar a casca ou permitir que se transforme em uma linda cicatriz.

Desprezado pelo homem, escolhido por Deus

Fiquei impressionada com a cena do momento em que o profeta Samuel foi enviado para ungir o novo rei de Israel. Por instrução de Deus, Samuel foi à casa de Jessé em Belém. Samuel sabia aonde deveria ir e de que família viria o novo rei. Sabia que seria um dos filhos de Jessé... apenas não sabia qual deles.

Samuel chegou a Belém e pediu a Jessé que trouxesse todos os seus filhos para serem inspecionados. Jessé trouxe seus sete filhos, um a um. E todas as vezes que Samuel se aproximou de cada rapaz em atitude de oração, Deus disse: "Não, não

é este... Não, também não é este... Não, tampouco este". Deus recusou sete vezes os filhos de Jessé. Finalmente, exasperado e confuso, Samuel perguntou:

— Estes são todos os filhos que você tem?

— Ainda tenho o caçula — Jessé respondeu. — Quase me esqueci dele. O pequeno Davi está cuidando das ovelhas. Vou mandar buscá-lo (cf. 1Sm 16:11).

Davi era tão insignificante para seu pai que, quando o profeta pediu para falar com *todos* os rapazes, Jessé nem sequer pensou em chamar Davi. No entanto, ele era aquele que Deus escolhera para ser o novo rei de seu povo escolhido. Que emocionante! Talvez você se sinta desprezada, desconsiderada e menosprezada por sua família terrena, mas Deus a escolheu para ser filha dele!

Abuso sexual

Além de violência verbal e sensação de abandono, Mary sofreu abuso sexual por parte de um amigo da família. Abuso sexual é uma invasão terrível no coração e na alma da criança, porque a pessoa a quem ela deveria recorrer em busca de proteção é justamente aquela de quem ela necessita ser protegida.

O elemento principal do abuso sexual é o "fator segredo". Os criminosos sempre ameaçam a criança para mantê-la em silêncio. Há chantagens emocionais como: "Se você contar, vou matar sua mãe"; "Se você contar, mato você"; "Se você contar, ninguém vai acreditar". Trata-se de um segredinho sujo, e na maior parte do tempo a criança fica tão envergonhada que se dispõe a ficar em silêncio. Vergonha é o fluxo de água por baixo da superfície que corre nas veias de uma criança violentada sexualmente. E o rio não para simplesmente porque a criança se torna adulta ou porque a violência chegou ao fim. Continua a fluir silenciosamente como canos de esgoto subterrâneos de uma cidade movimentada.

Há alguns pecados que podemos jogar fora como lixo. Mas o problema com o pecado sexual ou abuso sexual é que o carregamos no corpo. Não há maneira de nos livrarmos dele.

Se o abuso sexual for cometido por um membro da família, como ocorre na maioria dos casos, a criança poderá ficar em silêncio por medo de desintegrar a

família. A maioria das crianças anseia por manter a união da família, por mais desajustada que essa união possa ser.

A dra. Susan Forward, que já aconselhou centenas de vítimas de incesto e abuso sexual, disse:

> Todo adulto que foi molestado quando criança traz da infância sentimentos difusos de ser irremediavelmente incapaz, inútil e genuinamente mau. Por mais diferente que sua vida pareça ser na superfície, todos os adultos vítimas de incesto carregam um legado de sentimentos trágicos. Estas são as três características do incesto: sujo, danoso e diferente.

Em *A cura das memórias*, David Seamands explica por que as lembranças de abuso sexual são tão dolorosas.

> Existem muitas razões para as memórias sexuais. A primeira é que *nossa sexualidade está bem no centro de nossa identidade*. Nossa masculinidade ou feminilidade se encontra profundamente envolvida com aquilo que somos e como vemos a nós mesmos. Qualquer dano nessa área irá provavelmente afetar muito nossa autoestima.
>
> A segunda razão é que o sexo *é uma emoção poderosíssima*. [...] Um dos fatos mais terríveis sobre o abuso sexual de crianças é o de despertar emoções assim intensas em idade muito tenra e sob condições tão amedrontadoras. [...] Mas, talvez, a razão mais importante para o sofrimento causado por essas lembranças seja o fato de *os sentimentos sexuais poderem ser as emoções contraditórias experimentadas pelos seres humanos*. [...] O que [as mulheres vítimas de abuso] passaram pode resultar em uma incrível combinação de desejo e horror quanto à prática do sexo, assim como prazer e sofrimento, fascinação e medo. [...] Por esta razão os traumas sexuais não curados até o casamento podem produzir um terrível conflito interno de desejar e odiar o sexo ao mesmo tempo.[2]

Quero apresentar-lhe uma estatística impressionante. Um estudo feito pelo Departamento de Serviços Humanos dos Estados Unidos revelou que ao menos uma em cada dez crianças é molestada por um membro confiável da família antes de completar dezoito anos.[3] Se você foi vítima de abuso sexual, saiba que não é a única.

Sempre ouço alguém dizer: "O tempo cura todas as feridas". Mas não concordo com isso. O tempo não cura. Só Deus cura todas as feridas.

A RESTAURAÇÃO DE MARY

Será que Deus foi capaz de curar a vida de Mary, uma vida tão despedaçada? Será que ele é capaz de curar seu coração despedaçado, minha amiga? Claro!

Um dia, quando Mary tinha doze anos, duas senhoras foram à casa dela e

contaram que uma nova igreja abriria as portas a alguns quarteirões dali. Convidaram-na para a escola dominical e disseram-lhe que Jesus a amava.

"Tinha certeza de que elas estavam enganadas", Mary contou. "Ninguém me amava. Eu era indigna de ser amada."

As senhoras, porém, conseguiram atrair o interesse de Mary, e em uma manhã de domingo, enquanto sua família estava ocupada com outros afazeres, Mary saiu furtivamente e foi à igreja. As pessoas deram as boas-vindas a Mary e chegaram a oferecer-se para buscá-la no domingo seguinte. Contudo, ela não queria que as senhoras da igreja conhecessem sua mãe violenta, por isso não aceitou o convite. Resolveu ir a pé.

Foi naquela pequenina igreja batista de cerca de cinquenta membros que Mary ouviu falar pela primeira vez do amor maravilhoso de Jesus Cristo. Foi apresentada a um Salvador que sabia tudo a respeito dela e a amava incondicionalmente.

"Aprendi que Jesus me apresentaria limpa e sem mácula ao Pai. Meu coração transbordou de felicidade quando li em Judas 24 que ele me apresentaria sem mácula e com grande alegria ao único Deus, meu Salvador. Maravilhei-me ao pensar que aquela menina suja de tempos atrás estava sendo oferecida ao Pai, limpa e sem mácula, como um cordeiro recém-nascido."

O salmo 27 passou a ser a corda salva-vidas de Mary. "Ainda que me abandonem pai e mãe, o SENHOR me acolherá" (v. 10). Ela entendeu que, apesar de sua mãe ter-lhe dito a vida inteira: "Saia da minha frente", o Pai celestial a queria perto dele. Deus enviou a Mary muitos amigos cristãos que a incentivaram, ampararam e até mesmo quiseram ter certeza de que ela estudaria em uma faculdade após terminar o colégio. Por meio de um conselheiro cristão, Mary conseguiu enfrentar seus medos e deu início ao processo de cura de anos de violência e rejeição. E hoje? Mary dirige grupos de apoio a mulheres vítimas de abuso sexual.

"Eu sabia que havia mulheres em minha igreja que, como eu, sofreram abuso sexual na infância. Aquele não era um assunto que eu gostaria de tornar público, mas senti que Deus estava me chamando para cuidar de outras mulheres. A parte mais importante de minha cura tem sido acreditar que Deus me ama de verdade

e deseja o bem para minha vida. Finalmente, quando aceitei essa verdade, fui capaz de cavoucar meu íntimo e depositar a mágoa e o sofrimento do passado no lugar ao qual pertencem. O amor de Deus é poderoso para matar ervas daninhas, e ele queria matar as ervas daninhas do passado que sufocavam meu futuro."

Mary encontrou paz e propósito nas feridas do passado. Hoje ela ajuda outras pessoas a fazerem o mesmo. Sua atenção concentra-se nas mulheres nas prisões, e ela fala do Deus que a libertou e que fará o mesmo a qualquer pessoa que se disponha a ouvi-la.

O unguento de Deus

Quando eu era menina, minha avó tinha sempre um frasco de unguento de *mentholatum* à mão. Fosse qual fosse a natureza ou a causa do mal-estar, vovó abria o frasco de unguento e friccionava o líquido viscoso em todo o meu corpo. Além de ser viscoso, o cheiro era suficiente para afugentar qualquer germe ou bactéria que estivesse tentando atravessar as paredes epiteliais de minha pele.

Deus também tem um unguento. Chama-se perdão.

Perdoar quem nos ofendeu ou violentou é, talvez, um dos aspectos mais difíceis da cura, mas, sem perdão, creio que jamais seremos livres para encontrar beleza e propósito nas cicatrizes do passado. Na verdade, sem perdão, creio que a ferida nunca cicatrizará completamente. Todas as vezes que nos lembramos do que nos fizeram, do que nos disseram ou de como foi dito e de como fomos injustiçadas quando nos achávamos tão certas, arrancamos a casca da ofensa e reabrimos a ferida.

> A falta de perdão pode ser comparada a um parasita; alimenta-se da ira e da mágoa de seu hospedeiro e encontra seu maior nutriente no sofrimento humano. Prospera no ciclo de cenas repetidas, angústia relembrada e justificação requentada para agarrar-se firme aos rancores. Essencialmente, a falta de perdão aumenta nosso desejo de vingança.[4]

A maioria de nós não tem um plano exato de vingança, por isso achamos que não perdoar é uma vingança suficiente. A ironia é que a pessoa que nos recusamos a perdoar provavelmente não se importa com o fato de estarmos carregando o peso da falta de perdão ou nem sabe disso. A única pessoa que está

sendo magoada quando decido não perdoar... sou eu. A única pessoa que está sendo magoada quando você decide não perdoar é... você. É como se estivéssemos batendo a cabeça na parede para castigar a outra pessoa.

A palavra grega para perdão é *aphieme*. Um dos significados da palavra é "libertar do poder exercido por alguém, mandar embora, soltar".[5] Significa cortar as amarras. Portanto, não perdoar significa amarrar alguém. Pense um pouco. Quando decidimos não perdoar, amarramos a pessoa nas costas e carregamos o fardo pesado do ódio, da amargura e da vingança. Não é de admirar que muitas de nós não estejam participando corretamente da grande corrida da vida. É difícil correr com todo esse peso nas costas.

À medida que percorremos a estrada para descobrir paz e propósito nos sofrimentos do passado, há um ponto em que muitos decidem que o terreno é excessivamente acidentado para atravessar. "É difícil demais para mim", choraminga o viajante cansado. "Não gosto desta estrada", o viajante rebelde protesta. "Não existe outro caminho?", o viajante relutante implora.

Lamentavelmente, o perdão é o único caminho para a liberdade. Quando pensamos nisso, vemos que o perdão é o único meio de libertação para todos nós. Todos nós somos escravos do pecado desde o dia em que nascemos. Não nos tornamos pecadores na primeira vez que fizemos algo errado. Nascemos em pecado, com um corpo vivo, mas um espírito morto. O pecado separou-nos de Deus.

Deus, porém, não nos abandonou a uma vida de escravidão, para passarmos a eternidade no inferno. Deus enviou seu Filho, Jesus Cristo, que nasceu de uma virgem, teve vida perfeita, morreu como sacrifício por nossos pecados e ressuscitou dentre os mortos para reinar eternamente. Deus não esperou até o dia em que seríamos "bons o suficiente", porque esse dia jamais chegaria. "Cristo morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores" (Rm 5:8). Deus tirou o maior obstáculo de nossa vida — a herança do pecado — e mudou nosso DNA espiritual. "Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo" (Rm 10:9).

"Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, porque por meio de Cristo Jesus a lei do Espírito de vida me libertou da lei do

pecado e da morte" (Rm 8:1-2). Deus liberta-nos no momento em que cremos.

E o que isso tem a ver com perdoar a pessoa que nos ofendeu? Tudo. A Bíblia diz: "Perdoem como o Senhor lhes perdoou" (Cl 3:13).

"Ele não merece ser perdoado", eu a ouço dizer. Eu também não mereço. Nem você. Se a pessoa merece ou não ser perdoada, é outro problema. O perdão está completamente desvinculado disso. Perdoar não é concordar com o que a pessoa fez ou deixou de fazer. É simplesmente dizer que estamos tirando a pessoa de nosso anzol e colocando-a no anzol de Deus. Que a estamos tirando de nossas costas e entregando o fardo a Deus. Que não mais permitiremos que ela nos torne *cativos* de uma ofensa cometida contra nós.

Enquanto não perdoamos, ficamos presos na armadilha de Satanás. Essa é a isca principal com a qual ele atrai sua presa. Paulo escreveu: "Livrem-se de toda amargura, indignação e ira, gritaria e calúnia, bem como de toda maldade" (Ef 4:31). Por quê? "A fim de que Satanás não tivesse vantagem sobre nós; pois não ignoramos as suas intenções" (2Co 2:11).

Perdoar não significa voltar a sofrer violência ou maus-tratos. Se você convive com esse problema, é muito importante estabelecer limites ou livrar-se da situação. Há livros excelentes para ajudá-la a estabelecer limites em relacionamentos saudáveis. Um deles é *Limites*, de Henry Cloud e John Townsend.

Não há nada que nos torne mais amargos do que um espírito rancoroso. E nada dissolverá mais rápido a amargura do que a decisão de perdoar e esquecer a ofensa ou decepção. Não podemos ser amargos e viver bem ao mesmo tempo.

Perdoar não é:

- dizer que aquilo que a pessoa fez não estava errado;
- absolver a pessoa da responsabilidade por suas ações;
- negar que houve um erro;
- fingir que a violência não aconteceu.

Perdoar é:

- esquecer a necessidade de vingança;

- libertar a pessoa das amarras;
- recusar-se a permitir que a amargura e o ódio controlem sua vida;
- deixar o passado para trás e não permitir que ele controle suas ações e emoções.

Seis passos para o perdão

Perdoar é uma tarefa difícil. É o mesmo que escavar a terra para procurar ouro ou encontrar um tesouro perdido. Mas, no final, a joia preciosa compensará todo o esforço. Vamos analisar juntas os seis passos para o perdão que poderão ajudá-la ao longo do processo.

1. Pegue uma folha de papel e escreva o nome da pessoa que a ofendeu.

2. Escreva o motivo da ofensa (estupro, agressão verbal, abuso sexual, desprezo, traição, abandono, rejeição).

3. Descreva como se sente a respeito daquela pessoa. Seja sincera. Deus sabe o que se passa em seu coração.

4. Tome a decisão de perdoar. Perdão não é um sentimento, mas uma decisão espontânea. Deus nunca nos manda fazer algo sem nos dar força para lhe obedecer. Ele disse que devemos perdoar e nos dará força para fazê-lo, mas o processo só começará quando você tomar a decisão de perdoar.

5. Entregue a lista a Deus e confesse sua dificuldade em perdoar. "Senhor, eu me apresento diante de ti hoje para libertar-me da dificuldade em perdoar. Perdoo _____ por _____. Neste momento, tomo a decisão de esquecer a ofensa e não guardar mágoa dessa pessoa. Eu a coloco em tuas mãos. Oro para que cures minhas feridas emocionais e me capacites a ajudar outras pessoas com a mesma consolação que recebo de ti. Eu corto as amarras de _____. Amém."

6. Destrua a lista de tal forma que esse momento fique gravado para sempre em sua memória. Algumas pessoas a queimam no fogo. Outras a pregam em uma cruz de madeira. Há ainda aquelas que escrevem o nome da pessoa a quem estão perdoando, colocam o papel em um balão de gás e o soltam em direção ao céu. Seja qual for sua escolha, entregue o nome da pessoa a Deus.

Vendo-nos como Deus nos vê

Perdoar quem nos ofendeu é uma das montanhas mais altas que precisamos escalar nesta jornada, mas não é a única. Para a maioria de nós, a ofensa distorce a percepção que temos a nosso respeito, e não nos vemos como Deus nos vê. "E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará" (Jo 8:32). Quando conhecemos a verdade sobre quem somos em Cristo, libertamo-nos da percepção errada que temos a nosso respeito e enxergamos o plano que Deus tem para nós.

Margaret conviveu, por quase quarenta anos, com as feridas provocadas por palavras que quase lhe destruíram a vida. Desde o primeiro dia em que se apresentou para estudar na pequena escola de uma só sala, Margaret e a professora, sra. Garner, não se entenderam. A sra. Garner era ríspida, amarga e cruel, e não tolerava as idiossincrasias infantis de Margaret. A tensão entre elas tornou-se opressiva ao longo dos anos.

Margaret tinha nove anos quando o dia cataclísmico chegou — aquele que fez seu mundo desmoronar. O fato ocorreu após o recreio, quando ela correu freneticamente para voltar à sala de aula, atrasada mais uma vez. Assim que atravessou a porta, viu os colegas rindo dela com expressão de zombaria.

— Margaret! — a sra. Garner gritou. — Estamos esperando por você! Levante-se e venha aqui! Já!

Margaret caminhou com passos lentos em direção à mesa da professora, recebeu ordens para ficar de frente para a classe, e o pesadelo começou.

A sra. Garner disse com voz afetada:

— Meninos e meninas, Margaret é uma garota má. Tentei ensiná-la a ser responsável. Mas, pelo jeito, ela não quer aprender. Por isso, precisamos dar-lhe uma lição. Precisamos forçá-la a enxergar a pessoa egoísta em que ela se tornou. Quero que cada um de vocês venha à frente da classe, pegue um giz e escreva no quadro-negro algumas palavras negativas sobre Margaret. Talvez esta experiência sirva para motivá-la a ser uma pessoa melhor!

Margaret continuou em pé, sem se mexer, ao lado da sra. Garner. Um a um, os alunos deram início a uma procissão silenciosa até o quadro-negro. Um a um, escreveram palavras que lhe sufocaram a vida, apagando lentamente a luz na alma

de Margaret. “Margaret é idiota! Margaret é egoísta! Margaret é gorda! Margaret é burra!” E continuaram a escrever até encher o quadro-negro com 25 frases rabiscadas sobre os “defeitos” de Margaret.

As acusações venenosas e de zombaria atingiram Margaret naquele dia que lhe pareceu o mais longo de sua vida. Ao voltar para casa com cada palavra cáustica marcada indelevelmente no coração, ela entrou debaixo das cobertas, alegou estar doente e tentou afastar o sofrimento por meio do choro. O sofrimento, porém, continuou e, quarenta anos depois, ela se viu afundada no sofá da sala de espera do consultório de um psicólogo, ainda encolhida de vergonha à sombra daquelas 25 frases.

Jesus entende o que sentimos quando as pessoas nos ofendem com palavras. O povo chamou-o de blasfemador (Mt 9:3), disse que ele violava as leis (Mc 2:24) e que estava possuído de um espírito imundo (Mc 3:30). A própria família de Jesus disse que ele estava fora de si (Mc 3:21). Sim, Jesus sabe o que significa ter um coração despedaçado — de maneira figurada e física.

Após Jesus ter dito “Está consumado!” (Jo 19:30) na cruz do Calvário, os soldados perfuraram seu lado com uma lança para saber se ele estava morto. Quando retiraram a lança, água e sangue verteram do corpo do Salvador. Por que água? Há somente uma explicação. Para que sangue e água vertessem daquele ferimento, o coração de Jesus precisaria ter-se rompido. Sim, os pregos perfuraram as mãos e os pés de Jesus, a coroa de espinhos encravou-lhe na testa, as chicotadas rasgaram-lhe a carne, mas no final... Jesus morreu porque seu coração se despedaçou.

Jesus entende nosso sofrimento porque o sentiu na pele. Eugene Peterson escreveu na Bíblia A Mensagem:

> Agora, que já sabemos o que temos — Jesus, esse grande Sacerdote Principal com acesso imediato a Deus —, não podemos perdê-lo jamais. Não temos um sacerdote que não conhece nossa realidade. Ele experimentou fraqueza e provações e experimentou tudo, menos o pecado. Portanto, vamos andar direito e receber o que ele tem para nos dar. Recebam a misericórdia, aceitem a ajuda.
>
> Hebreus 4:14-16

Mais um nome

Vamos voltar à história de Margaret por alguns instantes. Após décadas de depressão e ansiedade, ela finalmente decidiu recorrer a um psicólogo em busca de ajuda. Dois longos anos de sessões semanais ajudaram Margaret a libertar-se do passado, daquela estrada longa e difícil. E ela sorriu para o psicólogo (fazia muito tempo que não sorria!) enquanto conversavam sobre sua disposição em mudar de atitude.

— Bom, Margaret — o psicólogo disse com voz suave. — Acho que hoje é o dia de você receber o diploma. Como se sente?

Após um longo silêncio, Margaret falou.

— Estou... bem.

O psicólogo hesitou.

— Margaret, sei que será difícil, mas quero ter certeza de que você está pronta para mudar de atitude, por isso vou pedir-lhe que faça uma coisa. Quero que volte à sala de aula em pensamento e me conte todos os detalhes daquele dia. Não tenha pressa. Descreva cada criança e o momento em que ela se aproximou do quadro-negro. Lembre-se do que cada uma escreveu e de como você se sentiu... lembre-se de todos os 25 alunos.

De certa forma, a tarefa foi fácil para Margaret. Durante quarenta anos, ela se lembrou de cada detalhe. Mesmo assim, o exercício de lembrar mais uma vez aquele pesadelo poderia consumir todas as suas forças. Após um longo silêncio, ela começou a dolorosa descrição. Um a um, ela foi descrevendo os alunos de maneira vívida, como se os estivesse vendo. Parou algumas vezes para readquirir a calma, forçando-se a enfrentar cada aluno mais uma vez.

Quando ela terminou, as lágrimas continuaram; não podiam parar. Margaret chorou por um longo tempo até perceber que alguém estava sussurrando seu nome.

— Margaret. Margaret. Margaret.

Ela ergueu a cabeça e viu o psicólogo fitando-lhe os olhos, repetindo várias vezes seu nome. Parou de chorar por alguns instantes.

— Margaret. Você... você pulou o nome de uma pessoa.

— Claro que não! Convivo com esta história há quarenta anos. Sei o nome de cada aluno de cor.

— Não, Margaret, você se esqueceu de alguém. Veja, ele está sentado nos fundos da sala de aula. Agora está se levantando, caminhando em direção à sua professora, a sra. Garner. Ela está segurando um giz, e ele o pegou, Margaret, e o segurou firme! Agora ele está caminhando em direção ao quadro-negro e pegando o apagador. Está apagando cada frase que os alunos escreveram. Todas desapareceram! Margaret, todas desapareceram! Agora ele se virou e está olhando para você, Margaret. Ainda o reconhece? Sim, o nome dele é Jesus. Veja, ele está escrevendo novas frases no quadro-negro. "Margaret é amada. Margaret é bonita. Margaret é meiga e bondosa. Margaret é forte. Margaret é muito corajosa".

Margaret recomeçou a chorar. Mas, logo em seguida, o choro transformou-se em riso, e depois em gargalhada, e depois em lágrimas de alegria.[6]

Margaret manquejou durante quarenta anos pela vida, carregando o sofrimento de um coração despedaçado. Mas, finalmente, permitiu que Jesus, o Terapeuta, o Consolador, o Grande Médico, juntasse as peças despedaçadas de seu coração e o curasse.

O que Jesus está escrevendo no quadro-negro a seu respeito?

"Você foi escolhida por mim".

"Você é muito amada".

"Você é santa".

"Você é bonita".

"Você é pura".

"Você é minha noiva".

"Gravei seu nome na palma de minha mão."

1 P. 74.
2 P. 138-139.
3 *Pais tóxicos.*
4 Diane Dempsey Marr. *The Reluctant Traveler*, p. 113.
5 Spiros Zodhiates, et. al, eds. *The Complete Word Study Dictionary: New Testament*, p. 229.
6 Ron Lee Davis. *Mistreated*, p. 84-86.

7

Recebendo graça e perdão

Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!
2Coríntios 5:17

"Não posso acreditar no que fiz. Adoro crianças e fiz três abortos! Como fui capaz de matar meus filhos?"

Parece que essa pergunta ressoa aos ouvidos de Laura como se fosse um despertador no início de cada dia. Apesar de ter pedido perdão a Deus várias vezes, Laura não esquece os erros do passado e não se perdoa.

Poucas pessoas sabem dos abortos de Laura. Ela é uma cristã que esconde muito bem seu sofrimento — exceto daqueles que a conhecem bem de perto. Um dia, resolvi abordá-la.

— Laura, você era adolescente quando fez aqueles abortos — eu disse. — Faz mais de trinta anos que aquilo aconteceu e você não era cristã. Agora é uma nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas. A Laura de hoje não faria um aborto. A antiga Laura, a que está morta, faria, mas ela não existe mais.

— Eu sei — ela replicou —, mas não consigo me perdoar.

Laura vive sob o peso da condenação há trinta anos. Todas as vezes que olha para uma criança — até mesmo para um filho —, Laura envergonha-se do que fez. No entanto, Deus perdoou Laura anos atrás. Ele apagou o quadro-negro de seu passado e escreveu "perdoada" em letras vermelhas na contabilidade da vida dela. Deus deseja que Laura tenha um espírito de misericórdia, graça e perdão, mas não a forçará a desembrulhar a caixa, desfazer o laço de enfeite em cima da tampa e apreciar o presente acondicionado dentro da caixa. Laura precisa recebê-lo.

Da mesma forma que Deus perdoou Laura e atirou seus pecados nas profundezas do mar, Satanás, o pai da mentira, força-a a lembrar-se de cada erro e incentiva-a a "pescá-los" dia após dia. Enquanto ela se dispuser a aceitar a isca, ele continuará a lançar a linha na água.

Receber graça e perdão pelos erros que cometemos é um ato de fé.

> É difícil compreender um amor tão grande e incondicional, mas muitos de nós não abrem seu presente [de Deus]. Admiramos o invólucro e nos maravilhamos diante de seu tamanho, mas evitamos chegar muito perto dele. Alguma coisa em nosso íntimo nos impede de tomar posse da ideia de que Deus quer dar-nos aquele presente, por isso impomos condições para aceitá-lo.[1]

Deus, porém, impõe-nos uma única condição para aceitá-lo... crer em seu Filho. Deus oferece a dádiva da graça, mas precisamos aceitá-la.

Ninguém merece a graça e a misericórdia de Deus, mas, por um motivo ou outro, ele decidiu mergulhar-nos nelas. Em *O evangelho maltrapilho*, Brennan Manning explica:

> Viver pela graça significa reconhecer toda a história da minha vida, o lado bom e o ruim. Ao admitir o meu lado escuro, aprendo quem sou e o que a graça de Deus significa. Como definiu Thomas Merton: "Um santo não é alguém bom, mas alguém que experimenta a bondade de Deus".[2]

No capítulo anterior, analisamos as feridas de nossa vida causadas por outras pessoas, mas o que dizer das feridas provocadas por nós? Estou falando das más escolhas que fizemos: promiscuidade sexual, aborto, mentira, trapaça, uso abusivo de drogas, infidelidade, assassinato. Essas, minha amiga, talvez sejam as feridas mais difíceis de ser curadas. Não são difíceis para Deus, lembre-se, mas são difíceis para nós, porque temos dificuldade em nos perdoar. Permita-me contar uma das histórias mais incríveis de graça e perdão que Deus me permitiu conhecer. Aconteceu entre pessoas amigas.

Perdoando Karl

A vida de Trish Campbell estava repleta de promessas. Era sexta-feira, 27 de junho de 2003. Seu filho, Wayne, voltara da Academia Militar de Camden, na Carolina do Sul. O cadete de dezesseis anos acabara de receber um caminhão

novo e licença para dirigir veículos. Dali a quatro dias, Trish se casaria com Teddy, e o casal passaria a lua-de-mel em um cruzeiro no Alasca. A vida era boa.

Wayne tinha planos de passar o fim de semana com Karl Kakadelis, um de seus melhores amigos da Academia. Karl se formara recentemente em Camden e, no outono, começaria a estudar em The Citadel.

Trish gostava de Karl. Ele parecia extrovertido, educado e responsável. Também confiava nos pais do rapaz. Tom, o pai dele, era pastor de uma grande igreja em Charlotte, Carolina do Norte, e a mãe, Lindalyn, havia sido membro do conselho de diretores de uma escola pública.

Trish estava um pouco preocupada com o fato de Wayne viajar sozinho, dirigindo seu novo caminhão em uma estrada no horário de pico, por isso decidiu ir com ele. A noiva de Wayne os acompanhou na direção de outro carro, para trazer Trish de volta para casa.

— Eu amo você — Trish disse repetidas vezes antes de deixar o filho na casa dos Kakadelis.

— Também amo você, mãe — ele replicou, abraçando-a várias vezes.

O que Trish não sabia era que os rapazes tinham um segredo.

Karl, de dezenove anos, havia planejado uma festa. Por ser menor de idade, Karl convenceu uma pessoa de 21 anos a comprar um barril de chope para eles. O barril estava escondido no porão de um hotel a menos de um quilômetro da casa de Karl.

Com exceção de uma multa de trânsito por excesso de velocidade, Karl nunca se metera em nenhuma encrenca. Era um aluno nota "A" e se formara em segundo lugar entre seus colegas de classe em Camden. Havia sido presidente da sociedade de honra e do clube de belas-artes, vice-presidente do Key Club para os estados da Carolina do Norte e do Sul, capitão de times de futebol americano e luta romana, e comandante da companhia de 65 cadetes no último ano na Academia Militar em Camden. Mas, em 28 de junho de 2003, Karl tomou algumas decisões erradas.

Karl e os amigos planejaram a festa com precisão. Ele havia escolhido o lugar — uma área rural nas proximidades — e a mentira: o grupo passaria a noite na casa de um amigo em comum.

— Não saiam de lá — Tom ordenou, enquanto os rapazes se preparavam para sair.

— E nada de bebida alcoólica — Lindalyn acrescentou, de dedo em riste.

— Claro que não — Karl e Wayne responderam. — Nós não bebemos.

Assim que ambos partiram, Lindalyn comentou:

— Tom, estou preocupada. Alguma coisa não está certa. Eles estavam animados demais.

Os dois rapazes passaram no hotel por volta de 22 horas e pegaram o barril de chope. Karl dirigia um jipe, com Wayne sentado no banco do passageiro carregando o barril de chope no colo. Ao chegarem ao local designado para a festa, reuniram-se com outros amigos. Alguns deles haviam trazido barracas e acendido uma fogueira.

Karl controlava quem bebia e quanto bebia. Todos concordaram que ninguém se sentaria ao volante de um veículo depois de beber.

Por volta da meia-noite, o celular de Karl tocou.

— Ei, cara, aqui é o Chris — disse o rapaz que ligou. — Consegui o gelo, mas não sei chegar aí.

Em seguida explicou onde se encontrava.

— Você está a uns oitocentos metros daqui — Karl disse. — Fique aí. Vou buscá-lo e virei à sua frente para lhe ensinar o caminho.

— Karl, não seria bom você dirigir — gritou de longe um dos amigos.

— Estou bem — Karl gritou de volta.

Karl entrou no jipe e afivelou o cinto de segurança. Outro rapaz sentou-se no banco do passageiro e fez o mesmo. A capota do jipe estava arriada, e Wayne sentou-se no banco traseiro, segurando-se na barra de proteção.

Karl contornou a fogueira, atravessou o terreno e entrou na estrada. Depois de ter percorrido cerca de quatrocentos metros, o jipe derivou para a esquerda. Karl girou o volante com força para a direita e depois para a esquerda. O jipe e o motorista estavam fora de controle. Os pneus do lado direito estouraram, e os aros riscaram a estrada. Em seguida, as rodas do jipe levantaram-se do chão, e Wayne foi atirado para fora, a mais de quinze metros de altura, e caiu no pavimento.

O jipe caiu do lado direito da estrada, entre arbustos espinhosos e ervas daninhas. Wayne estava estendido na estrada, com o rosto mergulhado em uma poça de sangue. Karl e o outro rapaz continuaram no jipe, com ferimentos graves. O lábio superior de Karl foi rasgado e estava dependurado, e ele ainda não havia entendido a gravidade da situação. Pela primeira vez se deu conta de que estava embriagado.

Karl debruçou-se sobre seu melhor amigo, Wayne, e tentou conversar com ele, mas só ouviu gemidos.

A tranquilidade do início da manhã de domingo, 29 de junho de 2003, foi interrompida por sirenes, ronco de um helicóptero de resgate e choro de jovens adultos. Enquanto o helicóptero transportava Wayne para o hospital, Karl e o outro passageiro do jipe seguiram para o mesmo destino dentro de uma ambulância. Nesse meio-tempo, os pais dos rapazes foram avisados por telefone.

Havia uma mistura de emoções no rosto dos pais dos dois rapazes: raiva, mágoa, descrença e preocupação. Assim que avistou Trish no hospital, Tom a abraçou, e ambos choraram. Trish teria de aguardar dez horas para ver o filho. Enquanto isso, apegou-se às lembranças do filho, um belo rapaz de cabelos escuros, olhos castanho-esverdeados e postura de militar. Em sua mente ecoava a voz dele cantando hinos com ela no carro.

Por fim, chegou o momento de Trish ver Wayne. A cabeça dele estava machucada e envolta em faixas, e havia tubos ligados em várias partes de seu corpo.

Karl foi submetido a uma cirurgia para suturar o lábio, mas nada foi capaz de curar os ferimentos internos de sua alma, de seu coração partido. Ele estava arrasado.

— Sinto muito, muito mesmo — Karl disse chorando ao ver a mãe de seu melhor amigo. — Lamento demais o que aconteceu.

— Eu não o culpo — Trish disse. — Todos nós tomamos decisões erradas. Quando sair daqui, Wayne vai ter alguma explicação para dar.

Wayne, porém, não saiu vivo do hospital. Seis dias depois, Wayne Campbell, o filho único de Trish Campbell, morreu.

Na visita à casa de Trish após o enterro, Karl afundou a cabeça no peito do pai e chorou incontrolavelmente. Trish, ao ver Karl no outro cômodo, caminhou até lá e sentou-se ao lado dele.

— Eu sinto muito, muito mesmo — ele repetiu chorando.

Trish segurou o rosto de Wayne com as duas mãos.

— Querido, eu o perdoo. Amo você. Wayne também amava você.

As pessoas que ouviram aquelas palavras e presenciaram a cena surpreenderam-se diante de tanto perdão e graça derramados por uma mulher. Não foi um momento humano... foi divino.

Posteriormente Trish explicou:

— Sou pecadora, e Deus enviou seu único Filho para salvar-me e perdoar meus pecados. Não sou digna de seu perdão. Então, por que não posso perdoar Karl?

Aonde vamos daqui em diante?

Karl apresentou-se às autoridades. Tiraram-lhe as impressões digitais, ele foi autuado e condenado a 59 meses de prisão por homicídio culposo.

A polícia surpreendeu-se com a atitude dos pais de Karl. Eles não tentaram tirá-lo da encrenca em que se meteu. Quiseram que tudo fosse feito às claras, para que os outros jovens aprendessem com os erros do filho. Independentemente da pena que o tribunal impusesse a Karl, ele deveria cumprir a sentença sabendo que havia tomado parte na morte de seu melhor amigo.

O julgamento de Karl foi adiado por sete meses. Enquanto aguardava, ele viveu perturbado e sofrendo muito. Seus sonhos de estudar em The Citadel e tornar-se piloto da Força Aérea foram destruídos. Ao falar a um grupo de colegiais, Karl disse: "Vou lhes contar como passo os meus dias. Vivo o tempo todo com Wayne no coração e o acidente no pensamento. Acho que meu castigo é saber que cometi um erro, e esse erro custou a vida de meu melhor amigo".

Em 11 de março de 2004, Karl apresentou-se diante do tribunal. Antes do início da sessão, a mãe de Wayne, Trish, caminhou até ele, curvou-se para a frente e beijou-o.

— Karl, hoje eu vou me sentar do outro lado, mas estou orando por você. Continue a orar também — ela sussurrou.

Um a um, homens e mulheres levantaram-se e testemunharam em favor de Karl: seu treinador de futebol, os professores seculares e o professor da escola dominical. Depois que o promotor público apresentou seus argumentos, Trish pediu permissão para dirigir-se ao tribunal. A permissão foi concedida.

— Meu filho e Karl iam à escola juntos e eram muito amigos — Trish começou a falar. — Amo este rapaz como se fosse meu filho. Não desejo que vá para a prisão. Entendo que ele terá algum tipo de punição, e aceitarei isso. Mas sei que Karl está verdadeiramente arrependido e nunca teve a intenção de que aquilo acontecesse.

O local permaneceu em silêncio. O juiz olhou para o rapaz arrasado e perguntou:

— Onde estão seus acusadores? Ninguém deseja que você vá para a prisão. Não posso mandar prendê-lo.

A pena de Karl foi determinada: sentença de treze a dezesseis meses suspensa, três anos de liberdade assistida, cinquenta horas de serviços à comunidade, vinte horas de aconselhamento, palestras públicas na Academia Militar de Camden nos três anos seguintes e seis palestras para colegiais nos três anos seguintes. Nenhum dia na prisão.

Sim, Karl não foi condenado à prisão, mas ainda não se sentia livre.

Algumas semanas depois, a Academia Militar de Camden realizou um culto ao ar livre em memória de Wayne. O evento ocorreu três dias antes da data em que Wayne receberia o diploma. Karl compareceu e ficou nos fundos, encostado a um pinheiro, cabisbaixo e de braços cruzados. Quando a cerimônia terminou, Kenny, o pai de Wayne, abraçou Karl e encostou a ponta do dedo indicador em seu peito.

— Continue a contar sua história — Kenny disse. — Não faça isso só porque o tribunal o obrigou. Faça sempre. Você aprendeu uma lição. Ponha-a em prática.

Desde então, Karl tem-se tratado com um cirurgião plástico para restaurar o lábio. Mas decidiu manter a cicatriz na mão. Quer conservá-la para lembrar-se

de que uma decisão errada pode destruir uma vida.[3]

Foi difícil escrever esta história. Levei vários dias. Por quê? Porque, enquanto escrevia, meus olhos enchiam-se de lágrimas e toldavam-me a visão. Tinha de parar. Voltar no dia seguinte. Tentar novamente. Lágrimas.

Conheço essa família. Conheço essa história. Meu coração sofre só em pensar no querido Karl e na dor que teve de enfrentar por ter feito uma escolha errada. Mas sabe de uma coisa? Todos nós fazemos escolhas erradas todos os dias. A dele custou-lhe um preço muito alto.

Eu me vejo em Karl. Apesar de não ter sido condenada por homicídio culposo, fiz outras coisas que prejudicaram a alma de muita gente... e a minha também. Então, vejo a mãe de Wayne aproximar-se do banco dos réus para inocentar Karl. Vejo Jesus aproximar-se do banco dos réus para inocentar-me.

— Juiz — Jesus diria —, eu amo esta mulher. Ela é minha filha... ela *me* pertence. Sei que ela terá de enfrentar as consequências neste mundo pelas escolhas erradas que fez, mas não quero de maneira alguma que seja presa. Peço-lhe que conceda graça e misericórdia a esta mulher, que anule sua sentença e a liberte.

Então se ouvirá a batida do martelo do juiz acompanhada de seu pronunciamento:

— A ré foi considerada inocente.

Sim, o Juiz libertou-me. Aceito com gratidão sua graça e perdão. Mas vejo também outra cena... o pai de Wayne... meu Pai celestial... encostando a ponta do dedo indicador em meu peito e dizendo:

— Continue a contar sua história. Não faça isso só porque o tribunal a obrigou. Faça sempre. Você aprendeu uma lição. Ponha-a em prática.

É disto que este livro trata. Aprendemos uma lição... agora precisamos praticá-la.

Quebrantamento e arrependimento

Em toda a Bíblia vemos exemplos maravilhosos da graça e do perdão de Deus concedidos aos seres humanos fracos como você e eu. O rei Davi foi um deles.

Deus referiu-se a Davi como um "homem segundo o meu coração" (At 13:22). Não sou capaz de imaginar um aval maior que esse. Mesmo assim, Davi enredou-se na própria teia e, por alguns instantes, imaginou estar acima das leis de Deus.

Em uma primavera, no tempo em que os reis iam para a guerra, o rei Davi decidiu permanecer no palácio e descansar. Enquanto passeava pelo terraço do palácio para respirar um pouco de ar fresco, ele viu sua linda vizinha, Bate-Seba, tomando banho no terraço da casa dela. Ele olhou. Ele viu. Ele desejou.

— Quem é aquela moça? — Davi perguntou a um de seus servos.

— Aquela mulher, meu senhor, é esposa de Urias, o hitita, um de seus soldados mais fiéis.

— Mande alguém buscá-la e traga-a aqui! — Davi ordenou.

E assim, em uma noite estrelada, no calor da paixão, Davi deitou-se com a mulher de seu vizinho, e ela engravidou.

Quando soube que Bate-Seba estava grávida, Davi entrou em pânico. Ele confessou? Não. Arrependeu-se? Não. Ao contrário, tentou apagar todas as pistas. Mandou chamar Urias no campo de batalha, imaginando que o soldado dormiria com a esposa e, dessa forma, ninguém saberia que o filho no ventre de Bate-Seba era de Davi. Mas o fiel Urias não se permitiu desfrutar uma situação tão prazerosa como aquela em tempos de guerra. Em vez de dormir no conforto dos braços da esposa, Urias dormiu na entrada do palácio.

Davi decidiu, então, pôr em prática o plano B.

Enviou uma mensagem a Joabe, o comandante do exército.

— Ponha Urias na linha de frente e deixe-o onde o combate estiver mais violento, para que seja ferido e morra.

Joabe obedeceu às ordens do comandante-em-chefe. Urias ficou na linha de frente e foi morto. Após o tempo de luto, Davi casou-se com a viúva grávida (cf. 2Sm 11:1-26).

Você é capaz de imaginar como Davi, um homem segundo o coração de Deus, se sentiu depois disso? Teve medo? Ficou com remorso? Orgulhou-se de si mesmo por sua grande dissimulação?

Felizmente, Deus permitiu-nos enxergar o interior do coração desse homem. Após esse tempo de fracasso moral, Davi escreveu:

Tem misericórdia de mim, ó Deus,
por teu amor;
por tua grande compaixão
apaga as minhas transgressões.
Lava-me de toda a minha culpa
e purifica-me do meu pecado.

Pois eu mesmo
reconheço as minhas transgressões,
e o meu pecado sempre me persegue.
Contra ti, só contra ti, pequei
e fiz o que tu reprovas,
de modo que justa é a tua sentença
e tens razão em condenar-me.
Sei que sou pecador desde que nasci,
sim, desde que me concebeu minha mãe.
Sei que desejas a verdade no íntimo;
e no coração me ensinas a sabedoria.

Purifica-me com hissopo, e ficarei puro;
lava-me, e mais branco do que a neve serei.
Faze-me ouvir de novo júbilo e alegria,
e os ossos que esmagaste exultarão.
Esconde o rosto dos meus pecados
e apaga todas as minhas iniquidades.

Cria em mim um coração puro, ó Deus,
e renova dentro de mim um espírito estável.
Não me expulses da tua presença,
nem tires de mim o teu Santo Espírito.
Devolve-me a alegria da tua salvação
e sustenta-me
com um espírito pronto a obedecer.
Então ensinarei os teus caminhos
aos transgressores,
para que os pecadores se voltem para ti.

Livra-me da culpa dos crimes de sangue,
ó Deus, Deus da minha salvação!
E a minha língua aclamará a tua justiça.
Ó Senhor, dá palavras aos meus lábios,
e a minha boca anunciará o teu louvor.
Não te deleitas em sacrifícios

nem te agradas em holocaustos,
senão eu os traria.
Os sacrifícios que agradam a Deus
são um espírito quebrantado;
um coração quebrantado e contrito,
ó Deus, não desprezarás.

Salmos 51:1-17

Davi estava com o espírito esmagado, apesar de ninguém saber. Ou será que alguém sabia?

Depois que Davi tomou Bate-Seba como esposa, o profeta Natã repreendeu-o por causa de seu pecado.

Davi não tentou justificar suas ações, não culpou outra pessoa nem pediu para ser inocentado pelo fato de ser rei. Imediatamente ele disse: "Pequei contra o SENHOR!".

Depois que Davi se arrependeu, Natã proclamou: "O SENHOR perdoou o seu pecado" (2Sm 12:13).

Davi, um homem destruído pelo pecado, arrependeu-se e imediatamente recebeu graça e perdão de Deus. Reassumiu seus deveres como rei e foi um dos reis mais poderosos na história de Israel.

PERDOANDO O REFLEXO NO ESPELHO

Davi aceitou o perdão de Deus, mas, para muitas pessoas, a culpa arrasta-se à semelhança da dor causada pela artrite que lateja com a mudança de tempo. Nos dias ensolarados da vida, nós nos congratulamos por ter deixado as sombras do passado no armário. E, nos dias nublados, quando as tempestades da vida ameaçam cair sobre nós, quando os ventos da adversidade sopram e as descargas elétricas da lembrança riscam o céu, nós nos acovardamos de vergonha. Creio que essa montanha-russa de emoções ocorre quando colocamos a responsabilidade de apagar nossos erros em nós mesmas, e não naquele que pode eliminá-los verdadeiramente. Impomos condições que nunca nos foram impostas por Deus.

Aqui está uma verdade a esse respeito. Não há nada que possamos fazer para *ganhar* o perdão de Deus. Nada. Não temos esse poder. Só ele tem. Somente

quando "aceitamos a posse de nossa impotência e nosso desamparo, quando reconhecemos que somos miseráveis à porta da misericórdia de Deus, Deus pode fazer algo belo de nós".[4]

Há uma culpa saudável e uma culpa doentia. Em *O evangelho maltrapilho*, Brennan Manning explica a diferença:

> A preocupação com o eu é sempre um componente destacado de culpa e recriminações perniciosas. Ela exercita nossas emoções, agitando-nos de modos autodestrutivos, encerra-nos na poderosa fortaleza do eu, conduz à depressão e ao desespero e toma o lugar de um Deus compassivo. A linguagem da culpa doentia é dura. Ela é exigente, abusiva, censuradora, rejeitadora, acusadora, incriminatória, condenatória, reprovadora e repreensora. É uma linguagem de impaciência e de punição severa. Os cristãos ficam chocados e horrorizados porque falharam. A culpa doentia torna-se maior do que a vida. A culpa torna-se a experiência na qual as pessoas sentem que o céu está desabando.
>
> Sim, nós de fato nos sentimos culpados pelos nossos pecados, mas a culpa saudável é a que reconhece o malfeito e sente remorso, mas em seguida abraça o perdão oferecido. A culpa saudável concentra-se na percepção de que tudo foi perdoado, de que o erro foi redimido.[5]

Paulo explica desta maneira: "A tristeza segundo Deus não produz remorso, mas sim um arrependimento que leva à salvação, e a tristeza segundo o mundo produz morte" (2Co 7:10). Satanás usa a culpa para condenar-nos. Deus usa a condenação para levar-nos ao arrependimento e conceder-nos perdão.

Orgulho e presunção

Vamos agora retroceder no tempo para falar do antecessor de Davi, o rei Saul. Aquela foi uma época na história de Israel na qual Deus governava o povo e falava por meio de profetas. Esse tipo de governo é conhecido como teocracia. Mas, após algum tempo, o povo cansou-se de ser governado por Deus e decidiu que queria ser governado por um rei... da mesma forma que todas as outras nações. Deus, então, designou um homem chamado Saul, da tribo de Benjamim, para ser o rei daquele povo. A princípio, Saul apavorou-se com a nova função. Aliás, no momento da coroação, ele se escondeu no meio da bagagem! (cf. 1Sm 10:20-23). No entanto, com o passar do tempo, Saul acomodou-se à nova situação e começou a gostar de todas as vantagens especiais da função.

Deus ungiu Saul com o Espírito Santo, e Saul chegou a receber o dom da profecia. Conduziu Israel à vitória em muitas batalhas e dependeu de Deus para

buscar sabedoria e força... por uns tempos.

Após alguns meses, porém, a confiança de Saul chegou a um nível perigoso, e ele começou a cuidar dos assuntos por conta própria. Antes de partir para a batalha contra os filisteus, Saul e seus homens estavam aguardando o profeta Samuel para oferecer os sacrifícios necessários ao Senhor. Depois de sete dias — o prazo estabelecido pelo próprio profeta Samuel —, Saul cansou-se de esperar, e seus homens começaram a ficar inquietos.

"Por que tanta demora?", Saul pensou. "Eu mesmo vou oferecer o sacrifício."

E, assim, ele contrariou os mandamentos de Deus e assumiu a função de sacerdote.

Samuel chegou no momento em que Saul estava dando os últimos retoques na preparação do altar.

— O que você fez? — Samuel perguntou.

— A culpa foi sua — Saul protestou. — Por causa de sua demora, os homens começaram a agitar-se e dispersaram-se. Tive de tomar uma providência! Por isso, eu mesmo ofereci o sacrifício.

Saul não admitiu que havia cometido um erro. Ao contrário, justificou suas ações, pôs a culpa em outras pessoas e empinou a cabeça (cf. 1Sm 13:5-12).

Aquele foi o começo do fim de Saul.

Será que ele aprendeu a lição? Não. Lemos, alguns capítulos depois, que Saul voltou a desobedecer a Deus. Deus ordenou-lhe que guerreasse contra os amalequitas, destruísse todos os seres vivos e não levasse nenhum despojo. No entanto, durante o ataque, Saul poupou a vida do rei amalequita e levou consigo as melhores ovelhas, o melhor gado e tudo o que era bom.

Mais uma vez o profeta Samuel confrontou Saul.

— Fiz tudo o que o Senhor ordenou — Saul vangloriou-se. (Como se Deus não soubesse a diferença.)

— Ah, verdade? — Samuel replicou. — Então que ruído é esse que estou ouvindo?

— Ora, esse ruído? Bom, os soldados pegaram as melhores ovelhas e o melhor gado... para oferecer sacrifícios ao Senhor, entende?

Outra vez Saul não demonstrou nenhum remorso pelo que fizera. Outra vez ele justificou suas ações, pôs a culpa em outras pessoas e empinou a cabeça.

— Pare! Fique quieto! — Samuel gritou, frustrado. — Deus não deseja os seus sacrifícios. Ele quer que você lhe obedeça. Ainda não entendeu isso?

Ao contrário de Davi, Saul não se arrependeu do que fizera. Apenas lamentou ter sido pego.

Em razão disso, Deus tomou o reino de Saul. E a era de Saul terminou (cf. 1Sm 15:1-23).

A graça e o perdão de Deus estão intimamente ligados à atitude de nosso coração em relação ao pecado. "Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes" (Tg 4:6).

Graça e perdão

Aparentemente, o pecado de Davi causou muito mais escândalo que o de Saul. Apesar disso, Deus tomou o trono de Saul e concedeu pleno perdão a Davi. Qual foi a diferença? Davi arrependeu-se, sentiu remorso, ficou arrasado. Saul foi arrogante, argumentador e orgulhoso.

Em que ponto se encontram seu orgulho e quebrantamento, minha amiga? Deus deseja que nos arrependamos de nossos pecados; depois, ele pega os pedaços quebrados e junta todos para nos tornar mais fortes e mais úteis que antes. Enquanto ficarmos apegadas aos pedaços quebrados de nossa vida, eles continuarão a ser... pedaços quebrados.

Você não gostaria de abrir a mão e oferecer os pedaços quebrados de seu passado como sacrifício ao Salvador? Ele vai curá-la. Ele a usará. Ele a transformará em uma pessoa mais forte.

Aprendi que um osso quebrado fica mais forte no lugar em que foi colado. Da mesma forma, o tecido da cicatriz é mais forte e mais resistente que a carne antes de ser machucada. Deus pode pegar as feridas de nossa vida e nos tornar mais fortes que antes.

C. S. Lewis observou:

> Porque Deus não está meramente emendando, nem simplesmente restaurando o *status quo*. A humanidade redimida deve ser mais gloriosa do que a humanidade pecaminosa tem sido. [...] Quanto maior o pecado, maior a misericórdia; quanto maior a morte, maior o renascimento.[6]

A luz de Saul extinguiu-se. A luz de Davi brilhou mais que antes.

Jesus serviu a última ceia aos discípulos antes de seguir para a cruz. Ele partiu o pão, que representava seu corpo, e ofereceu-lhes o cálice de vinho que representava seu sangue. Esse sacramento, em geral conhecido como ceia do Senhor, é celebrado há séculos. Você não acha interessante saber que tanto o vinho como o pão são feitos de elementos esmagados — os grãos e as uvas? Será que nossa vida, depois de partida e esmagada, servirá como testemunho vivo do que Cristo fez por nós?

> A mais íntima comunhão com Deus ocorre, creio eu, por meio do sacramento das lágrimas. Da mesma forma que as uvas são esmagadas para produzir vinho, e os grãos, para produzir pão, também os elementos deste sacramento são obtidos da experiência esmagadora da vida.[7]

Quitado

Quando pedimos perdão a Deus pelos erros e fracassos do passado, ele nos perdoa. A Bíblia promete: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça" (1Jo 1:9). Confessamos nossos pecados, recebemos perdão e acreditamos que está tudo acertado. No capítulo anterior, analisamos a palavra grega para perdão, *aphieme*. Além de significar "cortar as amarras", ela significa "cancelar uma dívida, a remissão do castigo por causa da conduta pecaminosa".[8]

É um processo que inclui confissão e arrependimento. "Confessar" significa mais que dizer: "Sim, eu fiz aquilo". No Novo Testamento, a palavra "confessar" é *homologeo*, que significa "falar a mesma coisa, assentir, estar em harmonia, concordar com [...], confessar e admitir a culpa daquilo pelo qual a pessoa foi acusada, o resultado da condenação interior".[9] Da mesma forma que a confissão de Davi, confessar é concordar com Deus que pecamos.

"Arrepender-se" significa mudar de opinião e seguir na direção oposta. A palavra grega para "arrepender-se" é *metanoeo*, que significa "mudar de opinião ou propósito".[10] Depois de perdoar a mulher surpreendida em adultério, Jesus

disse: “Agora vá e abandone sua vida de pecado” (Jo 8:11). Em outras palavras: “Pare o que está fazendo, siga na direção oposta e não volte a cometer adultério”. Esse é o retrato do verdadeiro arrependimento.

Você está arrependida de seu pecado? Pediu perdão a Deus? Concordou com Deus que agiu de modo errado e deseja seguir na direção oposta? Se pediu perdão, ele já perdoou seu pecado. Se pediu perdão, mas ainda tem dificuldade em receber libertação, faça esta oração e receba libertação pela fé:

> Amado Senhor, eu me apresento diante de ti hoje, para confessar que _____. Estou verdadeiramente arrependida por ter pecado contra ti. Peço que me perdoes e me purifiques. Recebo, neste instante, tua graça e perdão. Creio que me perdoaste e me libertaste de meu pecado. Aceito o sacrifício que Jesus fez na cruz por meu pecado e agradeço-te porque minha dívida foi quitada. Obrigada, Deus, por teu perdão. Em nome de Jesus. Amém.

Agora, minha querida, quero que você veja mentalmente seu pecado pregado na cruz. Está consumado. Não permita que Satanás tente convencê-la do contrário. E, acredite em mim, ele vai tentar. Satanás é chamado de “acusador” porque acusa os cristãos dia e noite (cf. Ap 12:10). Eu o vejo andando de um lado para o outro diante do trono de Deus, segurando a foto de nosso rosto, como se fôssemos criminosas, e dizendo: “Olhe para ela! É uma pecadora!”. Em resposta, nosso Pai celestial diz: “Eu a conheço. Ela é minha filha querida, e eu a amo. A sentença dela deixou de existir. Ela está livre para sempre”.

Segundas chances

Talvez uma das histórias mais memoráveis e comoventes de graça e perdão seja a registrada em Lucas 15, conhecida como história do filho pródigo. Aquele rapaz exigiu receber sua herança enquanto o pai ainda era vivo, gastou tudo em libertinagem e acabou sujo, abandonado e em completo desespero. Foi trabalhar como tratador de porcos e deseja alimentar-se da comida destinada àqueles animais. Para os judeus, aquele era o trabalho mais desprezível que um homem poderia ter. Mas ele teve um momento de lucidez.

> “Caindo em si, ele disse: ‘Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome! Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados’. A seguir,

> levantou-se e foi para seu pai. Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou."
>
> Lucas 15:17-20

E onde estava o pai do rapaz? Estava esquadrinhando o horizonte à espera de um sinal de que o filho retornaria ao lar. "Estando [ele] ainda longe" (v. 20), o pai o avistou no horizonte. Cheio de compaixão, levantou a barra do manto e correu. O pai não esperou que o filho se aproximasse, ajoelhasse a seus pés e lhe pedisse perdão. Não. Assim que avistou o filho, o pai correu em sua direção, cobriu-o de beijos e levou-o para casa.

Se você se lembra da história, sabe que nem todos ficaram felizes com a volta do filho pródigo. O irmão mais velho ressentiu-se ao saber que o irmão mais novo teve uma segunda chance. E quer saber? Há pessoas que também se ressentem do fato de recebermos uma segunda chance.

> O irmão mais velho não vai se importar se você voltar, desde que se apresente de cabeça baixa e demonstre estar com vergonha. Mas, quando Deus tem a audácia de devolver-lhe um pouco de dignidade e você ousa levantar o rosto radiante para o céu em atitude de louvor e libertação, o irmão mais velho talvez fique estarrecido! [...] O orgulho não é capaz de comemorar a volta do filho pródigo. As pessoas que não comemoram continuam a enganar a si mesmas imaginando ter feito o que é certo para serem amadas pelo Pai.[11]

E eu digo: que ele fique estarrecido. Nada deixa as pessoas mais zangadas que a graça recebida de Deus. O irmão mais velho também é convidado para a festa, e cabe a ele a decisão de querer ou não participar da comemoração. Fico feliz por saber que ele não está no controle da situação.

Vendo-nos como Deus nos vê

Gostaria de terminar este capítulo da mesma forma que terminei o capítulo 6 — vendo-nos como Deus nos vê. Isso é muito importante para mim porque, muitos anos depois que me tornei cristã, eu vivia sob uma ideia falsa de quem eu realmente era. Não tinha noção da mudança que ocorreu em mim no momento em que aceitei Cristo. Não me via como Deus me vê e não sabia que a verdade dele era diferente de minha percepção a respeito dela. Acima de mim, havia um sistema de grades, semelhante a uma peneira, de inferioridade, insegurança e

incompetência. Quando eu processava as informações a respeito de meu mundo e de mim, tinha primeiro de filtrá-las naquele sistema de grades negativo.

Só depois dos trinta anos foi que comecei a compreender que o modo de Deus me ver e o modo pelo qual eu me via eram completamente diferentes. Como uma criança faminta, comecei a pesquisar e copiar versículos sobre minha nova identidade em Cristo. Aprendi que fui feita de modo especial e admirável (cf. Sl 139:14), que era filha de Deus (cf. Jo 1:12), totalmente livre (cf. Jo 8:36), escolhida (cf. Jo 15:16), filha de Deus (cf. Rm 8:14), nova criação (cf. 2Co 5:17), santa (cf. Ef 1:1), justa e santa (cf. Ef 4:24), amada (cf. Cl 3:12) e completamente perdoada (cf. 1Jo 1:9). Também aprendi que era Satanás quem controlava aquele sistema de grades negativo.

Enfrentei uma encruzilhada em minha jornada espiritual. Poderia continuar a acreditar nas mentiras ou começar a acreditar na verdade. Jesus disse: "E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará" (Jo 8:32). Decidi acreditar na verdade. A princípio foi difícil e não me sentia confortável. Da mesma forma que o paralítico readquiriu o movimento das pernas e o cego recuperou a visão, tive de adaptar-me ao novo sistema de crença.

Ah, minha amiga, Deus tem muitos planos para executarmos e também para a nossa vida, mas, se convivermos com uma noção errada a respeito de quem somos verdadeiramente, talvez fiquemos paralisadas por sentimentos de culpa e vergonha.

No primeiro dia de seu ministério público, Jesus foi batizado no rio por seu primo João. Assim que Jesus saiu da água, ouviu-se uma voz vinda do céu: "Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado" (Lc 3:22). Deus está dizendo as mesmas palavras a você... e a mim.

"Você é milha filha... amada... em ti me agrado."

> Você não pode ir além de sua opinião sobre si mesmo — por mais que Deus diga coisas boas sobre você em sua Palavra. Independentemente de todos os planos maravilhosos que Deus possa ter para sua vida, nenhum deles se cumprirá sem sua cooperação.[12]

Deus estende graça e perdão. Cabe a nós aceitá-los e crer nele.

1 Diane Dempsey Marr. *The Reluctant Traveler*, p. 155.
2 P. 25.
3 Um agradecimento especial a Charles Chandler, do *The Charlotte Observer*, pela série de artigos publicados em 11, 12 e 13 de jul. de 2004 ("Forgiving Karl", 11 de jul. de 2004, p. 1A e 8A; 12 de jul. de 2004, p. 1A e 8A; e 13 de jul. de 2004, p. 1A e 6A). Vários detalhes do julgamento de Karl foram extraídos dos artigos de Chandler. Reprodução autorizada pelo autor.
4 Brennan Manning. *O evangelho maltrapilho*, p. 80.
5 Idem, p. 117-118.
6 *Milagres*.
7 Ken Gire. *Janela da alma*.
8 W. E. Vine, Merrill Unger, William White Jr. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e Novo Testamento*.
9 Idem.
10 Idem.
11 Beth Moore. *When Godly People Do Ungodly Things*, p. 145.
12 Joyce Meyer. *Beauty from Ashes*, p. 75.

8

Abandonando a nuvem de vergonha

Os fracos e pobres olham para o Senhor e recebem luz para o seu caminho; nunca ficam envergonhados.
Salmos 34:5 (BV)

A mesa estava fria como a morte, como deviam estar as mãos do médico que trabalhavam rapidamente para retirar a pequena vida cujo coração acabara de começar a bater. A sala girava, e a vergonha do que eu estava permitindo fazer com meu bebê também ameaçava sufocar minha vida. Apesar de não haver nenhum som, nenhuma súplica verbal, eu podia ouvir uma voz pequenina gritando para mim em meu desespero. O que ela estava dizendo? Não, por favor, não. Por favor, não. Por favor, não. No entanto, era tarde demais. A voz sumiu junto com o corpo minúsculo. A mesma culpa, a depressão e a sensação total de desespero acompanharam-me enquanto eu saía da sala. "Como fui capaz de praticar um ato tão egoísta e perverso?", pensei. "Que tipo de ser humano eu sou?" Queria morrer. Ao atravessar a porta de saída da clínica, com passos trôpegos, vi uma enfermeira preenchendo uma ficha em sua gaveta. Devia ter meu nome e as informações referentes ao bebê morto. "É isso aí", pensei. "A vida inteira do bebê está em uma ficha que permanecerá espremida naquele arquivo de metal. O que está escrito na ficha? Diz se o bebê era menino ou menina?" Podem chamar de intuição, mas, para mim, era um menino. Nos dias e semanas seguintes, visualizei as mãos de Deus formando os traços do bebê, sua personalidade, preferências e aversões. Então eu dizia a mim mesma que parasse de pensar no assunto... que aquilo não era importante. Mas, de uma forma ou outra, eu sabia que era importante. Sabia que algo muito importante estava escrito em uma ficha, e não se referia a um ser vivo, que respirava, ria e era amado. A ficha jamais descreverá a expressão de seu rosto ao dar os primeiros passos ou pedalar uma bicicleta pela primeira vez. A ficha jamais descreverá as muitas noites que eu entraria de mansinho em seu quarto depois que ele dormisse, para carregá-lo nos braços, ou o jeito que eu sorriria ao ver seu cabelinho despenteado quando ele acordasse de manhã. Aquele garotinho nunca receberá beijos delicados no rosto nem sentirá a alegria de ver o papai entrando em casa depois do trabalho. Nunca conhecerá o calor e a segurança de ser abraçado pela mamãe após o banho. Não, a ficha não descreverá nada disso porque nada disso acontecerá.

Ginger

Ginger é uma linda mulher de olhos castanhos — quase 1,60 m de altura e 45 quilos de amor por Jesus. Mas sua história nem sempre foi assim.

Os pais de Ginger a amaram desde o dia em que ela nasceu. Eram generosos e indulgentes. Ao completar dezesseis anos, Ginger ganhou um carro com uma tabuleta na frente com estes dizeres: "Mimada ao extremo".

Durante a adolescência de Ginger, seus pais se interessaram pela fé cristã e aceitaram Jesus Cristo como seu Salvador. Pela primeira vez a igreja passou a ser parte importante da vida da família. Ginger não gostou da mudança. A liberdade que sempre desfrutara era agora filtrada pela nova fé professada por seus pais. "Se vou ter de ir à igreja", Ginger pensou, "então vou procurar o rapaz mais bonito e mais extravagante para namorar". E foi exatamente o que aconteceu.

"Ainda me lembro do aperto no estômago na noite em que minha melhor amiga e eu nos sentamos em minha cama para ver se a tira do teste de gravidez se tornaria cor-de-rosa", Ginger contou. "Ela se tornou cor-de-rosa."

Ginger estava no último ano do curso ginasial... e grávida.

Uma semana depois, Ginger, acompanhada do namorado, saíram de uma clínica de abortos, ambos entendendo que haviam cometido o maior erro da vida. Em questão de minutos, e ao preço de duzentos dólares, o bebê estava morto.

Ao longo de muitos anos, Ginger guardou em um lugar secreto a vergonha e o sofrimento terrível do que havia feito e pendurou a chave invisível no pescoço. A família dela não entendia seus períodos de depressão, os momentos de reflexão silenciosa e crises de choro inexplicáveis. Quando via bebês ou crianças pequenas chorando... Ginger também chorava. "Foi assim que o bebê se sentiu quando foi retirado de meu corpo?", ela se perguntava.

Pesadelos com bebês mortos atormentavam as noites de Ginger. Ela sabia que deveria contar a alguém — mas a quem?

Finalmente, Ginger contou seu segredo a um homem que trabalhava no restaurante dos pais dela. Ginger sabia que ele era cristão e que era uma pessoa confiável.

— Ginger — Sam disse —, o que você fez foi errado, mas Deus o perdoará se você pedir.

— Não mereço ser perdoada — ela retrucou, chorando.

— Não fale assim, nenhum de nós merece — ele lhe garantiu. — Este é o significado da graça: receber o perdão que não merecemos. E você também precisa perdoar a si mesma.

— Acho que nunca vou conseguir — ela resmungou por entre soluços.

— Penso que a primeira coisa que você deve fazer é contar a seus pais — disse Sam. — Enquanto não fizer isso, não vai libertar-se.

Sam segurou as mãos de Ginger e orou por ela. Embora a ferida ainda estivesse aberta e sangrando, os primeiros sinais de cura haviam começado.

Algumas noites depois, Ginger parou na porta do quarto dos pais.

— Mãe, pai, preciso conversar com vocês — Ginger disse, quase chorando.

— Entre, querida — a mãe disse, esticando o braço para acender a lâmpada do abajur.

— Não, não acenda a luz! — Ginger suplicou.

Os minutos seguintes pareceram uma eternidade. Ginger subiu na cama dos pais, acomodou-se entre eles e contou a história inteira da gravidez, do aborto e da culpa e sofrimento desde então. Eles choraram durante horas abraçados à filha.

Ginger também pediu a Deus que lhe perdoasse, e, com o passar do tempo, ela também se perdoou. Jesus eliminou a vergonha de Ginger e substituiu seus farrapos pelo manto de justiça que ela usa hoje. A chave da vergonha pendurada em seu pescoço desapareceu. Agora ela pertence ao Mestre de seu coração.

Hoje, Ginger é uma das guerreiras poderosas de Deus. É palestrante e escritora e causa grande impacto ao redor do mundo. Ela adverte as pessoas sobre uma das maiores mentiras do século 20 — que o aborto é a solução para gravidez indesejada. Ginger fala em nome do bebê que não chegou a nascer e proclama o poder redentor de um Deus amoroso que perdoa o pecado do assassinato e chega a usar uma decisão terrível para ser glorificado.

As estatísticas revelam que uma em cada quatro mulheres das igrejas de hoje já fizeram aborto. Elas necessitam desesperadamente de alguém que não se envergonhe das próprias feridas para lhes falar a respeito do perdão e do amor de Deus. Mas elas não querem ouvir isso de alguém que não sentiu a condenação na pele. “Perdão? Para você, é fácil dizer isso”, elas dizem a si mesmas, em tom de zombaria. “Você não sofreu o que eu sofri.”

No entanto, pelo fato de não se envergonhar das próprias cicatrizes, Ginger conta abertamente sua história, e as mulheres encontram esperança diante delas. Deus está usando Ginger para colar corações despedaçados e libertar os cativos.

A ORIGEM DA VERGONHA

"No princípio Deus criou os céus e a terra" (Gn 1:1). Por mais que eu já tenha ouvido essas palavras, meu coração sempre acelera com uma sensação de deslumbramento só em pensar que, antes de Deus proferir as palavras para formar o mundo, não havia... nada. Mas Deus disse então: "Haja luz" (v. 3), e houve luz. Nos seis dias seguintes Deus pintou o céu, ajuntou as águas para formar os mares e soprou uma brisa fresca para secar o solo. Ele falou, e as vegetações de todos os tipos brotaram do solo, o sol apareceu no céu de dia e a lua, de noite. Deus abasteceu os mares com seres vivos, os céus com pássaros e a terra com seres rastejantes.

No sexto dia, Deus decidiu formar uma criatura diferente de tudo o que havia criado — uma criatura feita à sua imagem. Portanto, em vez de falar como fez quando criou outras coisas, Deus curvou-se e pegou um pouco do pó da terra. E, com esse pó, os dedos de Deus formaram o homem.

No fim de cada dia, Deus olhava para o que havia feito, dizendo que "ficou bom". A única vez que Deus *não* achou bom foi quando disse: "Não é bom que o homem esteja só" (Gn 2:18).

Deus, então, fez o homem cair em sono profundo, tirou-lhe uma das costelas e criou uma auxiliadora para o homem. Sua última obra-prima, o *grand finale*, foi uma mulher. E no sétimo dia Deus descansou.

Deus deu ao homem o nome de Adão. Depois de dar nome a todos os animais, Adão deu à sua mulher o nome de Eva. Eles eram perfeitos e tinham uma vida perfeita. Sabiam que dominavam todas as criaturas da terra, sentiam segurança, confiavam em Deus como seu provedor e viviam em perfeita união entre eles e com Deus. A Bíblia diz que, no jardim do Éden, eles "viviam nus, e não sentiam vergonha" (Gn 2:25).

Adão e Eva tinham domínio sobre todo o jardim, com uma única restrição. Deus disse a Adão: "Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá" (Gn 2:16-17).

No entanto, logo depois Satanás entrou sorrateiramente no mundo utópico de Adão e Eva. Com muita astúcia, ele tentou Eva com a única restrição imposta por Deus. Fez Eva pensar que Deus estava escondendo alguma coisa dela... porque esse é seu *modus operandi* favorito.

> Primeiro, ele duvidou de Deus: "Foi isto mesmo que Deus disse: 'Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim'?" (Gn 3:1).
>
> Segundo, ele contradisse Deus: "Certamente não morrerão!" (v. 4).
>
> Terceiro, ele fez Eva duvidar da justiça de Deus: "Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal" (v. 5).

Eva acreditou nas mentiras do enganador e comeu o fruto proibido. Depois, ofereceu-o ao marido, e ele também o comeu. "Os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus; então juntaram folhas de figueira para cobrir-se" (Gn 3:7). No exato momento em que Eva mordeu o fruto proibido, o medo e a vergonha entraram no mundo, o relacionamento deles com Deus foi rompido e o espírito de ambos morreu.

Adão e Eva tentaram imediatamente cobrir sua vergonha com folhas de figueira. E, se isso não bastasse, tentaram esconder-se de Deus entre as árvores do jardim. No dia seguinte, Deus apareceu para fazer um passeio matinal com seus filhos queridos, mas não os encontrou. Por isso, chamou Adão: "Onde está você?" (v. 9).

Essa foi a primeira pergunta na Bíblia, e Deus continua a perguntar-nos hoje: "Onde está você?". Seja o que for que tenhamos feito para querer esconder de Deus o rosto, ele nos chama para fora do esconderijo e para os seus braços: "Onde está você, minha filha? Aproxime-se de mim".

> E [Adão] respondeu: "Ouvi teus passos no jardim e fiquei com medo, porque estava nu; por isso me escondi". E Deus perguntou: "Quem lhe disse que você estava nu? Você comeu do fruto da árvore da qual lhe proibi comer?" Disse o homem: "Foi a mulher que me deste por companheira que me deu do fruto da árvore, e eu comi". O SENHOR Deus perguntou então à mulher: "Que foi que você fez?" Respondeu a mulher: "A serpente me enganou, e eu comi"
>
> Gênesis 3:10-13.

Por causa dessa desobediência, Deus amaldiçoou a serpente, condenou Adão e Eva a uma vida de dificuldades e trabalho pesado e expulsou-os do jardim do

Éden para sempre. Deus, porém, tinha um plano para reatar seu relacionamento com a humanidade pecadora. Em *Um presente para todos*, Max Lucado escreveu:

> No momento em que o fruto proibido tocou os lábios de Eva, a sombra da cruz apareceu no horizonte. E entre aquele momento e o momento em que o homem com a marreta cravou o prego no pulso de Deus, o plano supremo foi cumprido.

Adão e Eva introduziram o pecado e a vergonha no mundo no jardim do Éden, mas Jesus Cristo os removeu no jardim do Getsêmani. Adão e Eva desobedeceram a Deus ao comer o fruto da árvore proibida, e Jesus Cristo deu a vida como sacrifício para erradicar tal vergonha ao ser dependurado no madeiro do Calvário. Ele pagou o preço para que pudéssemos viver com Deus por toda a eternidade.

Sinais de vergonha

Antes de começar a cantar e a dançar de alegria pelo que Jesus fez por nós, vamos voltar ao jardim do Éden por alguns instantes, para observar as características da vergonha. Desde a primeira vez que a vergonha entrou no mundo até hoje, ela parece a mesma, tem as mesmas características e o mesmo efeito sobre toda a humanidade.

1. *A vergonha se esconde*. Adão e Eva esconderam-se de Deus. A vergonha força-nos a esconder do mundo o nosso eu verdadeiro.
2. *A vergonha nega*. Adão e Eva negaram que haviam feito algo errado.
3. *A vergonha culpa*. Em vez de admitir o erro, Adão culpou Eva, Eva culpou Satanás, e Satanás limitou-se a sorrir.
4. *A vergonha tenta encobrir*. Adão e Eva tentaram encobrir seu pecado com folhas de figueira. Exibimos um rosto feliz e tentamos esconder nossa vergonha com roupas, atividades, realizações e fachadas de todos os tipos.
5. *A vergonha causa medo*. Depois que pecaram, Adão e Eva esconderam-se de Deus porque ficaram com medo do que Deus poderia fazer com eles. Quando sentimos vergonha, temos medo do que poderá acontecer se alguém descobrir a verdade.

Se você notar uma dessas características de vergonha em sua vida, saiba que Deus deseja eliminá-las. Quando Jesus morreu na cruz, seu sangue escorreu sobre os espinhos malditos e, depois, pelo chão. Que belo retrato do sangue de Jesus cobrindo toda maldição... os espinhos... que fizeram parte do castigo do homem desde o jardim do Éden.

Você se lembra do Cascão, personagem das historinhas da Mônica? Algumas mulheres andam por aí como o Cascão, envoltas o tempo todo por uma nuvem de vergonha. Deus deseja que elas saiam dessa nuvem. Satanás tenta colocar um manto de vergonha em volta de nós como a nuvem de pó do Cascão. "Se não conseguir nos tornar impuros, ele pelo menos fará tudo o que puder para nos fazer sentir impuros".[1] Mas, se continuamos a viver com vergonha e a acreditar na condenação de Satanás, e não no perdão de Deus, estamos optando por acreditar em uma mentira.

A CHAVE ESCONDIDA

Quando eu era adolescente, estudava em um colégio a poucos quilômetros de casa. O intervalo para o almoço durava menos de uma hora, mas eu preferia pegar o carro e fazer a refeição em casa, para ficar um pouco afastada da agitação dos corredores apinhados da escola.

Rocky Mount, na Carolina do Norte, era um lugar pequeno e tranquilo, com uma linha de trem que cortava o centro da pequena cidade, dividindo-a em dois condados, um time de beisebol composto de crianças inexperientes, classificado pelo *Sports Illustrated* como o pior time da liga em questão de alojamento e um restaurante *fast-food* em cada esquina para lembrar-nos que o escritório dessa rede de restaurantes se localizava no fim da rua. Quando eu era criança, dormíamos de janelas abertas, portas destrancadas e passeávamos de bicicleta por toda a cidade sem nenhuma restrição.

Os tempos, porém, mudaram no final da década de 1960 e início da década de 1970. Começamos a fechar as janelas à noite, trancar as portas até mesmo durante o dia, e as crianças não se afastavam muito de casa. Costumávamos deixar uma chave extra da casa na caixa de correio localizada no interior da

garagem. A garagem não tinha porta, portanto a caixa de correio era acessível a qualquer um, mas só nossa família e o carteiro sabiam onde guardávamos a chave.

Nos tempos de colégio, eu pegava a chave na caixa de correio todos os dias quando chegava em casa às 12h10 para almoçar. Ao sair, deixava-a no mesmo lugar até voltar às 15h15.

Um dia, ao chegar em casa após a escola, no horário costumeiro, peguei a chave e entrei. Antes de preparar um lanche, fui direto à sala de TV para ver meu programa favorito. Quando abri a porta, notei a falta do aparelho de TV.

"Pelo que sei, a TV não tinha nenhum problema", pensei. "Mas pode ser que mamãe tenha levado o aparelho para consertar."

Liguei para minha mãe em sua loja de artesanato.

— Alô. Aqui é da Bee N' Beetle. Em que posso ser útil?

— Oi, mãe. É a Sharon. Você levou o aparelho de TV para consertar?

— Não. Por quê?

— Porque ele não está aqui.

— Como assim, não está aí?

— Sumiu. A estante está vazia.

— Falta mais alguma coisa? — ela perguntou com um tom de medo na voz.

— Não sei. Vou ver.

Não foi necessário muito tempo para eu constatar a falta de outros objetos. Assim que voltei ao telefone para relatar o que vi, mamãe disse:

— Saia daí, Sharon! Rápido!

Quando a polícia chegou, descobrimos que alguém havia entrado na casa e levado muitas outras coisas. E como a tal pessoa entrou? Claro, usando a chave escondida.

Aparentemente, eu estava sendo vigiada por alguém. A pessoa sabia que eu chegava às 12h10 e saía às 12h45. Também sabia que eu voltava da escola às 15h15 mais ou menos. Portanto, entre 12h45 e 15h15, a pessoa pegou a chave na caixa de correio, entrou na casa e apoderou-se de tudo o que desejava. Depois de conseguir o que queria, o ladrão trancou a porta ao sair e recolocou a chave na caixa de correio para ficar "bem guardada".

Ao lembrar o incidente, vejo que é exatamente assim que Satanás faz quando escondemos a vergonha em nosso coração. Ele sabe onde escondemos a chave e pega-a para roubar-nos em ocasiões oportunas. Quer roubar nossa paz, nosso propósito e perspectiva de vida. E ele sabe exatamente onde encontrar a chave escondida.

Existe somente uma solução. Não esconda a chave. Entregue-a a Deus. Não há mais nada para esconder. Não há mais motivo para sentir vergonha. Em *Who Holds the Key to Your Heart?* [Quem guarda a chave de seu coração?], Lysa TerKeurst transmite-nos essa certeza:

> Tranquilize-se, meu amigo, há um lugar secreto dentro da maioria dos corações. Por detrás de uma porta de pensamentos ocultos e lembranças dolorosas também ocultas fermenta uma mágoa tão sufocante que não consegue vir à superfície. Uma simples olhada dentro do coração revela inseguranças que seria melhor deixar onde estão. Portanto, a porta é trancada e os segredos ficam escondidos até de Deus. Será?
>
> A verdade é que Deus conhece os segredos de seu coração e os quer para ele. O criador deste universo vasto e maravilhoso está esperando receber a chave do coração de sua maior criação: você. Ele quer a chave para entrar em seu coração, no coração inteiro, principalmente nas partes ocultas.
>
> Quando você retém essa chave, Satanás arranca-a à força, destranca sua vergonha e usa-a para acusar e condenar você. Ele adora manter a pessoa com a consciência tão aniquilada que ela se torna totalmente ineficaz para a causa de Cristo. A ironia é que as próprias coisas que você considera vergonhosas podem ser usadas por Deus para a glória dele.
>
> Essa é a beleza da morte e ressurreição de Cristo. O preço foi pago, e seus erros foram apagados. Não existe mais nenhum pecado grande demais para mantê-lo longe do toque da mão do Mestre. Deus ainda realiza milagres e quer a chave de seu coração.[2]

Perdoando a si mesma

Vergonha é uma emoção forte provocada por falta de perdão... de você para você. Embora o Espírito Santo nos convença do pecado para levar-nos ao arrependimento, Satanás condena-nos com nossos pecados para levar-nos a um estado de paralisia e desespero.

Audrey era uma mulher que cometeu adultério. Deus restaurou milagrosamente seu casamento e concedeu-lhe graça e perdão. O marido, os filhos e os pais de Audrey também a perdoaram, mas, dois anos depois, em uma reunião de oração, ela percebeu que jamais se perdoaria. Audrey fala de um tempo, após o jantar no Dia dos Namorados, em que um amigo íntimo orou por ela.

"Aquele Dia dos Namorados está marcado em meu coração para sempre. Após o jantar, o dr. Don começou a falar a todos nós. Enquanto orava por mim, ele identificou um sofrimento agudo, trancado no fundo de meu coração. Ele prosseguiu explicando que todos nós passamos por sofrimento, mas aquele era diferente. Resultava de uma grande perda de alguma coisa ou de alguma pessoa, mas aquilo estava trancado dentro de mim. Olhei ao redor, e todos estavam em silêncio. Decidi, então, contar a história do que acontecera dois anos antes. Meu sofrimento estava trancado porque eu não me perdoara pelo que havia feito. Estava retendo a tristeza e o sofrimento e guardando-os no coração. Externamente, poucas pessoas notavam. Deus, porém, sabia, e descobri rapidamente que estava no meio de mais uma concessão divina."[3]

Naquela noite Audrey perdoou a si mesma e foi libertada do sofrimento instalado no fundo de seu coração. Deus removeu a vergonha, e hoje ela está inquestionavelmente radiante. A Bíblia diz: "Os que olham para ele estão radiantes de alegria; seus rostos jamais mostrarão decepção" (Sl 34:5).

Jesus disse: "Portanto, se o Filho os libertar, vocês de fato serão livres" (Jo 8:36). Acabam-se os "se', os "e" e os "mas". Não se fala mais nisso. Deus perdoa-nos no momento em que pedimos. No entanto, continuamos a nos condenar a vida inteira. Trata-se de uma acusação falsa — uma acusação que Satanás, o pai da mentira, sussurra aos nossos ouvidos.

A Bíblia diz que o sacrifício purifica "nossa consciência de atos que levam à morte, para que sirvamos ao Deus vivo!" (Hb 9:14) e que "não há condenação para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8:1). "Eis que ponho em Sião uma pedra angular, escolhida e preciosa, e aquele que nela confia jamais será envergonhado" (1Pe 2:6).

Lembrando o sofrimento

Precisamos aceitar o perdão de Deus e perdoar a nós mesmas, mas nunca esqueceremos nossos erros. Sinceramente, fico feliz por isso. Se eu esquecesse os pecados e o sofrimento atrelados a meus erros, provavelmente os cometeria de

novo. Deus remove a vergonha e o castigo, mas a lembrança ajuda-nos a nunca mais trilhar aquele caminho.

Lembrar nossas fraquezas também ajuda-nos a ser mais compassivos com os outros quando caem em armadilhas sedutoras. Hoje sou muito mais misericordiosa que trinta anos atrás, quando ainda não havia cometido tantos erros. E os erros dos outros tornam-se menos visíveis a meus olhos julgadores quando os coloco sobre o pano de fundo de meu passado sombrio.

Posso repetir as palavras de John Wesley ao ver um homem sendo arrastado para o cadafalso: "Mas pela graça de Deus, ali vou eu".

Aquele que me levanta a cabeça

Nos tempos em que Steven, meu filho, era criança, eu sempre sabia quando ele havia feito alguma coisa errada. Steven abaixava a cabeça, caminhava com os ombros um pouco curvados e recusava-se a fitar-me nos olhos. Sim. Eu tinha certeza de que ele havia feito alguma coisa errada... e precisava apenas descobrir o que era.

Vejo todos os dias homens e mulheres caminhando com a mesma postura de derrota, medo e vergonha. Deus, porém, deseja colocar o dedo sob o queixo dessas pessoas para que ergam os olhos para ele. Deus deseja dizer-lhes que podem ser perdoadas e purificadas, desde que peçam a ele. Davi escreveu: "Mas tu, SENHOR, [...] me fazes andar de cabeça erguida" (Sl 3:3).

Deus tem um plano para sua vida: "'Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês', diz o SENHOR, 'planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro'" (Jr 29:11). Satanás também tem um plano: ele vem para "roubar, matar e destruir" (Jo 10:10). Por mais incrível que possa parecer, tudo se resume em uma pergunta: Em quem vamos acreditar? Na verdade de Deus que diz que somos perdoados e nos tornamos nova criação ou nas mentiras de Satanás que dizem que estamos condenados e não somos dignos do pó do qual fomos feitos? Eu decidi acreditar em Deus. Espero que você também.

1 Beth Moore. *When Godly People Do Ungodly Things*, p. 86.
2 P. 18.
3 Bob e Audrey Meisner. *Marriage Undercover*, p. 138.

9

Retirando a máscara e mostrando a face verdadeira

"Não sei se ele é pecador ou não. Uma coisa eu sei: eu era cego e agora vejo!"

João 9:25

Ainda me lembro daquele ritual das noites de sábado em minha casa, quando eu tinha seis anos. Mamãe enrolava meus cabelos loiro-acinzentados e queimados de sol em uma infinidade de bobes revestidos de esponja cor-de-rosa. Antes, ela mergulhava os dedos médio e indicador em um vidro com líquido azul, passava uma boa quantidade em uma mecha de cabelos e os enrolava com força nos bobes. Meus gritos de dor e movimentos bruscos eram acompanhados de "fique quieta" e "pare de se mexer".

Por que ela me impunha aquela tortura e me sentenciava a passar uma noite lutando para encontrar um lugar confortável onde pudesse apoiar a cabeça? Porque o dia seguinte era domingo, e devíamos estar bonitas para ir à igreja. Íamos de carro à igreja nos domingos, muitas vezes brigando durante todo o percurso, e atravessávamos a porta larga do templo com um sorriso no rosto e palavras corriqueiras.

— Como vão? — o pessoal da igreja perguntava.

— Bem — respondíamos mecanicamente. — E vocês?

— Bem, obrigado.

No entanto, não estávamos nem um pouco bem, e imagino que as pessoas sentadas nos bancos perto de nós também não estivessem.

A infelicidade reinava em minha casa. Papai bebia muito e exagerava nos sábados à noite. Mamãe era extremamente infeliz, eu vivia solitária e com medo, e meu irmão tinha acessos de fúria na maior parte do tempo. Escondíamos tudo isso muito bem.

O que faz da igreja um local onde colocamos máscaras para encobrir o que realmente se passa dentro de nós? As folhas de figueira caíram de moda. Vestimos roupas desenhadas por estilistas, dirigimos carros reluzentes e abotoamos um sorriso no rosto para ir ao baile de máscaras que chamamos "igreja".

Por que fazemos isso? Será que não queremos parecer fracos? Será que queremos parecer fortes como o rochedo de Gibraltar, mesmo quando nosso marido perdeu o emprego, nosso filho foi reprovado no colégio, nossos pais estão morrendo de câncer e acabamos de descobrir um nódulo enquanto tomávamos banho de manhã?

— Como vai?

— Bem. Graças a Deus.

Às vezes a igreja torna-se nosso palco, onde a peça encenada se intitula "Fingimento". Mas, enquanto a plateia aplaude nossa apresentação, a voz do Diretor vai desaparecendo aos poucos.

Há uma cena no livro de C. S. Lewis, *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, que, a meu ver, exemplifica o que Deus deseja que ocorra no corpo de Cristo. A Feiticeira Branca transformou grande parte dos habitantes de Nárnia em estátuas de pedra. Então, em um ato de coragem e bravura, Aslam, o leão cuja figura se assemelha à de Cristo, salta para dentro do pátio e sopra em cada uma das estátuas... devolvendo-lhes a vida. Vamos participar dessa alegria por alguns instantes...

> O pátio já não parecia um museu: era um jardim zoológico. Seres de todos os tamanhos, de todas as formas, corriam atrás de Aslam, dançando em torno dele. Desaparecera a brancura de morte: o pátio era festival de cores, com dorsos lustrosos e castanhos de centauros, chifres anilados de unicórnios, plumagens deslumbrantes, o pardo-avermelhado das raposas, cães, sátiros, meias amarelas e capuzes vermelhos de anões. E espíritos de bétulas em túnicas de prata, espíritos de faias envoltos num verde fresco e transparente, espíritos de vidoeiros vestidos de verde tão brilhante que quase parecia amarelo. Sumira o silêncio do cemitério; o pátio ressoava com um som alegre de rugidos, zurros, latidos, uivos, grunhidos, arrulhos, relinchos, gritos, canções e risos.

Receio que nossas igrejas se tenham transformado em pátios de pedras nos quais cada um tenta misturar-se e amoldar-se à imagem... não de Cristo... mas à imagem que os outros esperam ver nos frequentadores de igreja. Contudo, não

fomos criados para ser um grupo de estátuas idênticas, mas para ser pessoas com características peculiares, das mais variadas cores, extraordinariamente maravilhosas... autênticas... sem máscaras.

Enquanto eu fazia uma turnê para lançar o livro *a mulher dos sonhos de seu marido*, sentei-me na sala verde de uma emissora de televisão ao lado de um pastor de trinta anos, solteiro, que fora convidado para participar de outro segmento do programa.

— Qual é o seu tema para hoje? — ele perguntou.

— Estou fazendo entrevistas sobre meu livro *A mulher dos sonhos de seu marido* — respondi. — Entrevistei centenas de homens e pedi-lhes que apresentassem sete virtudes que todo homem deseja ver em uma mulher.

— Sério? — ele disse com súbito interesse. — E quais são?

— Que tal você me dizer?

— Bem, ela precisa ser uma mulher consagrada — ele começou a dizer. — Precisa ser uma auxiliadora.

O pastor continuou falando por alguns instantes, e limitei-me a sorrir.

— Muito bem, sua resposta está de acordo com os princípios da igreja — provoquei-o. — Agora me diga a verdade. Diga-me o que você deseja sinceramente.

— É isso aí! — gritou um colega dele do outro lado da sala. — Não foi o que você me disse no restaurante ontem à noite!

Demos boas risadas, e ele acabou contando o que realmente desejava ver em uma mulher. Isso serviu para provar mais uma vez que as máscaras que usamos na comunidade cristã escondem, muitas vezes, a verdade sobre quem realmente somos.

Somos um caos

Todos os domingos o pastor Tom Henry proferia pelo menos uma vez estas palavras durante seu sermão: "Eu sou um caos!". Tom foi um dos pastores mais transparentes que conheci. Não se importava que os outros soubessem de suas desavenças no casamento, com os filhos ou com os presbíteros da igreja. Tom

não se envergonhava de suas cicatrizes e incentivava-nos a não nos envergonhar das nossas.

A verdade é que todos nós somos um caos! Em *Messy Spirituality* [Espiritualidade caótica], Michael Yaconelli escreve:

> *Espiritualidade caótica* é uma descrição do cristianismo que a maioria de nós vive, mas que poucos admitem. É uma tentativa de transpor o muro religioso do segredo e tornar legítima uma fé inacabada, incompleta e não vivida. *Espiritualidade caótica* é a celebração de um discipulado que se acha em construção.[1]

> Nossas igrejas estão lotadas de pessoas que, por fora, aparentam estar satisfeitas e em paz, mas, por dentro, estão clamando por alguém que as ame [..] exatamente como são: confusas, frustradas, em geral assustadas, culpadas e quase sempre incapazes de comunicar-se até mesmo com a própria família. Mas as outras pessoas na igreja aparentam ser tão felizes e satisfeitas que raramente alguém tem coragem de admitir suas necessidades mais profundas diante de um grupo tão autossuficiente, conforme a média das pessoas da igreja aparenta ser.[2]

Yaconelli resume espiritualidade caótica como "a recusa a fingir, mentir ou permitir que os outros acreditem que somos aquilo que não somos".[3] "Ao contrário de Quasímodo, o corcunda de Notre-Dame, não precisamos esconder tudo o que é feio e repulsivo em nós. Jesus não vem para o superespiritual, mas para o vacilante e o enfraquecido que sabem que não têm nada a oferecer e que não são orgulhosos demais para aceitar a esmola da graça admirável."[4]

Carol Sittema é uma de minhas heroínas que optou por ser autêntica, independentemente de sua vida caótica. Deus permitiu que ela fizesse parte de nossa igreja durante alguns anos, para mostrar-nos o que significa ser uma pessoa verdadeira.

Sem máscara e sem véu

Reunimo-nos na sala da lareira do centro de vida em família para saudar Carol, a esposa de nosso novo pastor auxiliar, dr. John Sittema, vindo de Dallas, Texas. Todas as senhoras da igreja estavam ansiosas por conhecer sua nova esposa. A primeira esposa do dr. Sittema havia falecido de câncer alguns anos antes, e ele e Carol estavam casados havia apenas dois anos.

Após o jantar comunitário, Carol subiu na plataforma para contar sua história.

“Obrigada por terem comparecido para ouvir um pouco do que tenho a lhes dizer esta noite, mas devo advertir todas vocês de que esta talvez não seja a história típica de uma esposa de pastor que algumas de vocês esperam ouvir. Vou começar pelo princípio.

“Quando era estudante, minha mãe conheceu um rapaz que, segundo meus avós, era de classe inferior à deles e morava em uma região não muito respeitável da cidade. Mamãe apaixonou-se por aquele rapaz e abandonou os estudos para casar-se com ele. Logo depois que ambos disseram o ‘sim’, ele começou a beber e a bater nela. Depois que nós, os filhos, viemos ao mundo, passamos a ser os protetores de mamãe.

“Lembro-me de minha mãe entrando em nosso quarto para dormir porque estava com medo de meu pai. Em mais de uma ocasião, papai fez coisas com mamãe diante de nós que jamais deveríamos ter visto. Essas são as lembranças de minha infância. Tentávamos sobreviver naquele ambiente. Eu sentia medo e aprendi que sexo era um ato sujo que precisava ser evitado.

“Mamãe viveu com meu pai por vinte anos. Uma noite, quando ela estava grávida de sete meses, ele quase a matou de tanto surrá-la. Mas o momento crucial ocorreu quando ele se voltou contra mim e meu irmão ao tentarmos protegê-la. Foi então que ela decidiu abandoná-lo e conseguiu uma ordem judicial para impedi-lo de aproximar-se da família. Eu estava no início da adolescência e me perguntava por que mamãe esperou tanto tempo. Perdemos a casa e o sustento financeiro, mas pelo menos estávamos em segurança. Mamãe conseguiu emprego em uma loja de departamentos com um salário de trezentos dólares por mês. Não tínhamos nenhum tipo de seguro, não recebíamos nenhum tipo de auxílio e vivíamos de arroz e feijão.

“Nunca tive uma infância verdadeira. Parecia que nascera para tomar conta dos outros. No entanto, frequentava um programa chamado Y-Teens na YMCA [Associação Cristã de Moços] e fazia parte do Clube das Bandeirantes. Por isso, tive uma noção de como eram as famílias ‘normais’.

“Não sei dizer por que, mas eu sabia que era inteligente. Formei-me em 42o lugar entre setecentos alunos no colégio e decidi cursar a faculdade. Estávamos na década de 1960, quando o mundo se tornou rebelde... e eu não era exceção.

Meu irmão, que havia ingressado na Marinha, nos levou à falência. Eu me tornei *hippie*, marchava nas ruas em prol de qualquer causa que aparecesse, e minha colega de quarto era feiticeira. Tinha poderes, sabia prever o futuro e fazia feitiços. Coisas estranhas ocorriam em nosso quarto. Ela me ensinou a interpretar cartas de tarô."

(Devo fazer uma pausa neste ponto. Faça de conta que você era uma mosca na parede ouvindo a esposa do novo pastor contar sua história. Todas as senhoras da igreja haviam se acomodado confortavelmente após uma refeição agradável para ouvir uma versão doce e pura de "Jesus me ama". No entanto, estavam pasmadas diante dessa total transparência e sinceridade. Você precisaria estar lá. Mas vamos continuar.)

"Desisti da faculdade depois de três anos, mudei-me com meu namorado para uma casa abandonada em Kauai, no Havaí, e fui trabalhar em um milharal. Transformamos uma lata de lixo em fogão a lenha, tomávamos banho no riacho e comíamos abacaxis e bananas que cresciam no campo.

"Quando trabalhava no milharal, comecei a prestar atenção em uma mulher havaiana que cantava louvores a Deus enquanto realizava suas tarefas. Ela me falou de Jesus, mas eu lhe disse que "aquela era uma religião para brancos", não para mim, uma hispânica. A mulher, porém, continuou a conversar comigo e continuei a ouvi-la. Andávamos juntas por entre as fileiras de pés de milho, retirando os cabelos das espigas, enquanto ela me contava histórias da Bíblia.

"'Gostaria que você fosse à igreja comigo, Carol', ela disse um dia.

"Aceitei o convite porque aprendi a gostar daquela mulher havaiana grandalhona.

"Não me lembro bem daquele dia, a não ser que ouvi o evangelho de Jesus Cristo e chorei muito. O pastor orou por mim para que eu aceitasse Cristo no coração e aceitei. Posteriormente, alguém colocou uma Bíblia em minha caixa de correio improvisada, e, todas as vezes que a lia, as palavras pareciam saltar da página. Depois que comecei a frequentar a igreja, tentei continuar a usar as cartas de tarô que minha colega de quarto me dera, mas não consegui fazer nada com elas. Pela primeira vez, tive medo das consequências da feitiçaria em que eu me metera. Ainda não conseguia entender que a luz começava a brilhar, afastando-

me das trevas. Sentia a presença de Deus, mas não sabia explicar. Sentia a presença de alguém e tinha certeza de que esse alguém estava no mesmo cômodo que eu.

"Também, pela primeira vez, senti culpa por estar vivendo com meu namorado. Terminamos o relacionamento, e voltei a El Paso para morar com minha mãe. Ah, minha gente, como foi difícil aquele tempo! Ela ria de meus fracassos, e, quando me via lendo a Bíblia, dizia: 'Você acha mesmo que Deus a perdoou?'.

"Decidi voltar para a faculdade e terminar o curso. Enquanto estive lá, continuei a viver como *hippie* — não usava sutiã, andava o tempo todo de sandália de couro, colete curto e não depilava as pernas — bem, vocês sabem como é. Um dia, enquanto eu estava reunida com um grupo de amigos e amigas dos velhos tempos, começamos a falar sobre o livro de Apocalipse. Um rapaz bonitão aproximou-se e perguntou: 'Do que vocês estão falando?'.

"Depois que lhe contamos, ele se sentou perto de nós. Abriu a Bíblia e começou a explicar tudo aquilo que não entendíamos. O conhecimento dele sobre a Bíblia deixou-me perplexa. Posteriormente, ele me convidou para ir a uma reunião da Cruzada do *Campus*. Aceitei o convite, mas senti-me estranha no meio daquela 'gente da igreja'. Mas todos gostaram de mim e me aceitaram. Uma das líderes convidou-me para almoçar com ela, e depois de algum tempo tornou-se uma de minhas mentoras.

"Vamos, agora, avançar a fita. Eu me formei na faculdade e fui trabalhar na Cruzada do *Campus*. Comecei trabalhando com um grupo de estudantes pertencentes às minorias — negros, asiáticos e índios americanos. Alguns anos depois, conheci um rapaz que era líder de grupo em uma igreja católica. Namoramos por uns tempos, mas não deu certo. Eu estava desolada e decidi mudar-me para o sul do Texas, onde 90% da população é hispânica. Lá, conheci um homem no conjunto habitacional onde eu morava. Conduzi-o ao Senhor, começamos a namorar e casamos depois de um ano e meio. Ele se dedicou aos estudos no Seminário Teológico de Dallas, eu tinha um emprego bem remunerado em uma empresa de contabilidade, e o mundo era maravilhoso.

"A vida transcorria em um ritmo bom e constante para nós. Meu marido fazia parte da diretoria do Centro de Gravidez Inoportuna e trabalhava em uma igreja. Uma noite, porém, pouco antes de sair para uma reunião de diretoria, ele me contou uma história bombástica.

"'Carol, quando eu era criança, gostava de vestir-me como menina.'

"'Sério?'

"'Sim, gostava.'

"'E ainda gosta?'

"'Gosto.'

"Em seguida, ele atravessou a porta e partiu para a reunião.

"Não quero entrar em pormenores desagradáveis, mas, nos meses seguintes, tentei desvendar o mistério em torno do qual minha vida girava. Morávamos em uma casa bonita em um campo de golfe. Um dia, descobri no sótão as roupas femininas e as maquiagens que meu marido usava em sua vida secreta. Recorremos a aconselhamento e terapia, mas meu marido não estava disposto a enfrentar o problema nem lidar com ele. Ele vivia em uma espécie de escravidão, com certeza. E eu me tornei escrava de meu grande segredo.

"Ingressei em um programa de doze passos para filhos de pais alcoólatras por ter aprendido que me sentia atraída por pessoas carentes, mas não no bom sentido. Enquanto estive lá, vi pela primeira vez... sinceridade. Aquelas pessoas eram muito sinceras a respeito de suas lutas e feridas... suas cicatrizes. E sabem de uma coisa? Aprendi a ser sincera também.

"Algumas de vocês que estão sentadas aqui nesta noite devem estar imaginando o tipo de pessoa que veio para sua igreja. Mas, senhoras, esta é a vida real. Sou autêntica. Aprendi a ser assim.

"O divórcio só foi finalizado depois de seis longos anos. Como vocês podem imaginar, eu não queria saber de homens nem de relacionar-me com eles. Jesus era suficiente.

"Atirei-me de corpo e alma ao trabalho. Alguns anos depois, compareci ao jantar no qual o pastor John Sittema deu seu testemunho. Ele contou que ele e a esposa contraíram câncer, e enquanto ele estava sendo submetido ao tratamento de quimioterapia em uma sala, sua esposa de 25 anos morreu em outra. Mesmo

assim, ele continuou a confiar em Deus. Era muito sincero. John falou de sua ira com Deus, do sofrimento em razão da perda e do cansaço de sua alma. Eu quis conhecer aquele homem... não para casar-me com ele... apenas para conhecê-lo.

"Aliás, fui eu quem o convidou para sair. Vejam só, estou sendo sincera novamente. Tínhamos pouca coisa em comum. Ele era branco... eu era hispânica. Ele era tradicional... eu, bem, não era tradicional. Ele teve uma vida certinha... eu tive uma vida 'colorida'. Nunca vou esquecer o momento em que lhe contei a história de minha vida. Aquele homem de 1,80 m de altura ouviu tudo em silêncio e chorou.

"Bem, casamos um ano e meio depois. E aqui estou eu.

"Não tenho certeza se era isto que vocês queriam ouvir esta noite, mas é a verdade. Esta sou eu, e sinto-me feliz por estar aqui."

Que sopro de ar fresco! Tive vontade de subir na mesa e dançar, mas penso que nenhum dos membros de nossa igreja estava preparado para aquilo. Ali estava uma pessoa que não tinha medo de ser sincera. Carol não tinha e não tem vergonha de suas cicatrizes. Elas a transformaram na linda mulher que é hoje, e Deus está usando a sinceridade dela para ministrar às mulheres em todos os momentos da vida. As feridas de Carol são bonitas para Deus.

Penso que essa foi a beleza que Jesus viu na mulher samaritana ao conversar com ela à beira do poço. Ela viveu escondida por muito tempo por causa de sua vida tumultuada, mas Jesus sabia que ela teria de ser sincera para voltar a viver bem. Assim que ficou frente a frente com a verdade, e também com a Verdade, ela não mais sentiu vergonha nem teve sede. Deixou a vasilha com água perto do poço e correu ao povoado para falar de seu encontro com Jesus. Não estava mais concentrada no passado, mas no futuro.

"As pessoas quebrantadas preocupam-se em ser sinceras; preocupam-se menos com o que os outros pensam do que com o que Deus sabe — elas não se importam com a própria reputação."[5] Naquela noite, enquanto Carol revelava seu verdadeiro eu a nós, vi a glória de Deus brilhando em seu rosto.

Paulo escreveu: "E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito" (2Co 3:18).

Eu ia parar aqui, mas continue a leitura:

> Portanto, visto que temos este ministério pela misericórdia que nos foi dada, não desanimamos. Antes, renunciamos aos procedimentos secretos e vergonhosos; não usamos de engano, nem torcemos a palavra de Deus. Ao contrário, mediante a clara exposição da verdade, recomendamo-nos à consciência de todos, diante de Deus.
>
> 2Coríntios 4:1-2

Não nos envergonhamos de nossas cicatrizes e das coisas erradas que guardávamos em segredo. Não! Falamos a verdade claramente e mostramos a misericórdia de Deus em ação dentro de nós.

A MULHER DE PELÚCIA

A maioria de nós já leu ou ouviu falar de um livro clássico infantil intitulado *The Velveteen Rabbit* [O coelho de pelúcia]. Talvez você tenha ouvido essa história pela primeira vez quando estava aconchegada no colo de sua mãe ou, como eu, depois de adulta, com um filho aconchegado em *seu* colo. Esse livro é um tesouro que descobri depois de ser mãe. E, conforme ocorre com a maioria dos livros infantis, a mensagem encerra uma verdade profunda que ressoa mais aos adultos que às crianças.

A história começa com um menino que encontra um coelho de pelúcia dentro da meia na manhã de Natal. Era o mesmo coelho que ele admirara na vitrine de uma loja. O menino adorou o coelho... por pelo menos duas horas; depois deixou-o na prateleira do quarto com todos os outros brinquedos. Os outros brinquedos mais caros desprezavam o coelho porque ele era feito de material inferior. Alguns brinquedos se vangloriavam de ser modelos, em menor escala, de pessoas ou objetos verdadeiros, como soldadinhos e barcos. O coelho, porém, não sabia que havia coelhos verdadeiros. Achava que todos os outros brinquedos eram como ele, feitos com enchimento de serragem. Mas, uma noite, o coelho fez uma descoberta fascinante.

Um dos brinquedos da prateleira — o Cavalo de Couro — havia sobrevivido a todos os outros brinquedos movidos a corda. Estava surrado, mas era sábio. Por isso, o coelho lhe fez uma pergunta importante.

— O que é REAL? — o Coelho perguntou um dia, quando ambos estavam lado a lado, perto da tábua vertical da estante, antes de Nana chegar para arrumar o quarto. — Significa ter coisas que fazem barulho dentro de você e uma pequena manivela?

— Real não diz respeito a como você foi feito — disse o Cavalo de Couro. — É algo que ocorre dentro de você. Quando uma criança nos ama por muito, muito tempo, não apenas para brincar conosco, mas nos ama REALMENTE, nós nos tornamos reais.

— Isso magoa? — o Coelho perguntou.

— Às vezes — respondeu o Cavalo de Couro, porque ele sempre dizia a verdade. — Quando você é Real, não se importa de ficar magoado.

— Acontece tudo de uma vez, como quando alguém dá corda em nós — ele perguntou —, ou de pouco em pouco?

— Não acontece tudo de uma vez — disse o Cavalo de Couro. — Você se modifica. Leva um bom tempo. É por isso que não acontece com frequência com pessoas que se quebram com facilidade, ou que têm pontas agudas, ou ainda que precisam ser guardadas com muito cuidado. Em geral, quando a gente se torna Real, a maior parte dos cabelos cai, os olhos fecham e ficamos com as dobradiças soltas e muito esfarrapados. Mas essas coisas não têm nenhuma importância, porque, quando você é Real, não pode ser feio, a não ser para as pessoas que não o compreendem.[6]

O coelho de pelúcia não sabia sequer o que os coelhos faziam. Sabia apenas que deveria haver um significado maior para a vida do que ter o corpo feito com enchimento de serragem e ficar sentado em uma prateleira.

Ser uma pessoa real, autêntica. Isso é o que verdadeiramente conta. Não quero esperar que todo o meu cabelo caia e eu perca o enchimento. Quero ser autêntica neste momento. Não me importo de não ser tão reluzente quanto os outros brinquedos na estante.

Sim, às vezes é doloroso ser uma pessoa autêntica. É preciso coragem. Mas, enquanto isso não ocorrer, passaremos a vida sentadas na prateleira da estante como um pálido reflexo da liberdade e da dança jubilosa que Deus preparou para nossa vida.

JACÓ TORNA-SE AUTÊNTICO

Jacó — esse, sim, foi um sujeito que não sabia ser autêntico. Era filho de Isaque e irmão gêmeo de Esaú. Quando ele nasceu, apesar de não ser o primogênito, Deus prometeu que o mais velho (Esaú) serviria ao mais novo (Jacó). Jacó sempre foi o queridinho da mamãe, e ela queria ter certeza de que ele receberia a bênção destinada ao primogênito. Em vez de confiar na promessa de Deus, a mãe decidiu dar-lhe uma mãozinha. Esaú era um homem peludo, portanto ela

cobriu Jacó com pele de cabrito para ficar semelhante ao irmão e inventou uma forma de enganar seu marido quase cego, levando-o a abençoar Jacó em lugar de Esaú. Quando o irmão mais novo se aproximou do leito de morte de Isaque, o pai lhe perguntou:

— Você é mesmo meu filho Esaú?

— Sou — Jacó mentiu.

Então Isaque abençoou Jacó em lugar de Esaú (cf. Gn 27:1-29).

Posteriormente, quando Jacó chegou à idade de se casar, seu futuro sogro o enganou, levando-o a casar-se com Lia, de olhos sem brilho, em lugar da prometida Raquel. Ah, mas Jacó não se deu por vencido. Afinal, aprendera a arte de enganar com uma especialista no assunto — sua mãe. Jacó, por sua vez, enganou seu sogro e tomou-lhe todo o rebanho. Jacó era ardiloso e continuou a controlar a própria vida... ou assim ele pensava (cf. Gn 30:29—31:1).

Chegou, porém, um tempo na vida de Jacó no qual ele não foi capaz de controlar a própria vida. Estava voltando à sua terra natal para enfrentar o irmão Esaú... aquele de quem ele roubara o direito de filho mais velho e a herança. Será que Esaú o mataria? Será que Esaú lhe daria boas-vindas? Será que Esaú exterminaria sua família? Será que Esaú o perdoaria? Todas essas perguntas, e muitas outras, confundiam a mente de Jacó.

Na noite anterior ao encontro com seu irmão, Jacó esteve frente a frente com um ser celestial. Gênesis 32:22-31 narra sua luta com um anjo. Fazia anos que Jacó estava tentando controlar e administrar sua vida como bem queria, mas ele sabia que não tinha nenhum controle sobre o que aconteceria no dia seguinte, quando teria de enfrentar Esaú. Jacó lutou a noite toda com o anjo, tentando convencer o anjo a abençoá-lo. Mas, antes que isso acontecesse, Jacó teve de enfrentar a realidade.

Quando Isaque, seu pai, lhe perguntou: "Quem é você?", Jacó fingiu ser outra pessoa e respondeu: "Esaú". Durante a luta, o anjo deu uma chance a Jacó de reparar seu erro.

— Qual é o seu nome? — o anjo perguntou.

Dessa vez Jacó não fingiu ser outra pessoa e disse a verdade:

— Jacó (v. 27).

"Nenhum fingimento, nenhuma tentativa de causar boa impressão, nenhuma explicação, nenhuma justificativa. Jacó falou a verdade nua e crua. 'Jacó — o ardiloso, o enganador, o manipulador, o falso artista. É assim que eu sou'."[7]

Tão logo Jacó decidiu ser autêntico e deixou de tentar ser alguém que não era, Deus concedeu-lhe força e deu-lhe um novo nome. O antigo Jacó, "o malandro", passou a chamar-se Israel, "Príncipe com Deus". Ah, sim, ele manquejou pelo resto da vida. Às vezes esse é o resultado da autenticidade. Mas aquele problema teve a finalidade de lembrar Jacó de que Deus estava no controle. Era sua cicatriz.

Autenticidade produz autenticidade

Era a primeira reunião do pequeno grupo de estudo bíblico dirigido por Julie. Oito mulheres da igreja estavam reunidas em círculo para contar um pouco da história de cada uma ao grupo.

— Estou muito feliz com a presença de vocês — Julie começou a dizer. — Estamos aqui para estudar a Bíblia e dizer quem somos. Algumas já se conhecem; outras só se conhecem de nome. Portanto, nos próximos minutos, cada uma vai contar há quanto tempo frequenta a igreja e alguns detalhes sobre a família.

Uma a uma, as senhoras relataram, com entusiasmo, histórias de maridos maravilhosos, filhos bem-sucedidos e participação ativa na igreja. Chegou, então, a vez de Amanda.

Houve uma pausa desconfortável quando os olhos de Amanda se encheram de lágrimas.

— Que bom ouvir histórias maravilhosas sobre a vida de cada uma de vocês, mas a minha não vai nada bem neste momento. Meu casamento está desmoronando, meus filhos estão fora de controle, e estou aqui porque tenho a sensação de que vou sucumbir.

Julie levantou-se, atravessou a sala e abraçou sua nova amiga *autêntica*. A reunião tomou um rumo diferente, mais agradável. Novamente cada uma das senhoras contou sua vida, mas dessa vez as histórias foram diferentes. As

máscaras caíram, e elas falaram de seus problemas. A verdade quebrou o gelo e produziu torrentes de lágrimas de purificação no rosto daquelas mulheres autênticas enquanto abriam o coração para contar suas angústias.

A autora e conselheira Brenda Waggoner explica:

> Ser real, ser uma pessoa autêntica, nem sempre agrada a todos. A autenticidade não traz nenhum brilho a uma conversa amena durante o jantar, e não podemos revelar todo o nosso sofrimento a cada pessoa conhecida. Mas quem não estiver disposto a viver uma espiritualidade superficial precisa aprender a ser sincero com ele próprio e com Deus. E todos nós precisamos de alguém experiente — um conselheiro, um pastor ou um círculo de amigos confiáveis — com quem possamos nos abrir e nos expor.[8]

Em outro clássico infantil, *O mágico de Oz*, conhecemos um homem que era a antítese da autenticidade. Ele fingia ser mágico, mas, na realidade, seus truques consistiam apenas em sinos, apitos, fumaça e fogo. O mágico vivia uma mentira, e as pessoas o respeitavam e o temiam porque ele aparentava ser o que não era. Foi necessário que um cãozinho puxasse a cortina para revelar a verdade — um ancião de cabelos brancos e nada mais que algumas alavancas, botões e microfones.

Curiosamente, quando foi exposto, deixando a verdade à mostra, o "mágico" abandonou a terra de Oz e decidiu aventurar-se na vida.

Autenticidade com Deus

Podemos ser autênticos uns com os outros, mas será que somos autênticos com Deus? Deveríamos. Ele conhece nosso coração melhor que qualquer outra pessoa. A. W. Tozer escreve em *The Knowledge of the Holy* [O conhecimento do sagrado]:

> É indescritivelmente prazeroso saber que nosso Pai celestial nos conhece completamente. Nenhum boateiro pode nos incriminar; nenhum inimigo pode lançar culpa sobre nós; nenhum esqueleto esquecido no armário pode sair de lá para nos atemorizar e expor nosso passado; nenhuma fraqueza inesperada em nosso caráter pode vir à tona para afastar Deus de nós, porque ele nos conheceu completamente antes que o conhecêssemos e nos chamou para si tendo pleno conhecimento de tudo o que havia contra nós.

Deus me conhecia antes que eu me conhecesse. Davi escreveu:

> Antes mesmo que a palavra
> me chegue à língua,

tu já a conheces inteiramente, SENHOR.

Salmos 139:4

Jeremias foi um homem de Deus muito poderoso, que não teve medo de ser autêntico diante de seu Criador. Ele escreveu:

Eu sou o homem que viu a aflição
trazida pela vara da sua ira.
Ele me impeliu e me fez andar na escuridão,
e não na luz;
sim, ele voltou sua mão contra mim
vez após vez, o tempo todo.
Fez que a minha pele e a minha carne
envelhecessem
e quebrou os meus ossos.
Ele me sitiou e me cercou
de amargura e de pesar.
Fez-me habitar na escuridão
como os que há muito morreram.

Lamentações 3:1-6

Jeremias estava furioso, e sua fúria era dirigida a Deus. Em sua opinião, Deus era a causa de todos os seus problemas. Ele se sentiu preso em uma armadilha e estava com medo. Ele prossegue escrevendo:

Cercou-me de muros,
e não posso escapar;
atou-me a pesadas correntes.
Mesmo quando chamo ou grito por socorro,
ele rejeita a minha oração.
Ele impediu o meu caminho
com blocos de pedra;
e fez tortuosas as minhas sendas.
Como um urso à espreita,
como um leão escondido,
arrancou-me do caminho e despedaçou-me,
deixando-me abandonado. [...]
Por isso, digo: "Meu esplendor já se foi,
bem como tudo o que eu esperava do SENHOR".

Lamentações 3:7-11,18

Jeremias encontrava-se em situação difícil... em grande parte porque ele tinha uma percepção errada de Deus. Deus *não* o fez andar na escuridão, não fez que

sua carne envelhecesse nem lhe quebrou os ossos. Deus *não* o sitiou nem o cercou de amargura e de pesar. Mas Jeremias permitiu que sua percepção fosse distorcida pelas circunstâncias.

Embora as palavras de Jeremias tenham sido incorretas e certamente apresentassem uma descrição errada de Deus, ele foi autêntico em relação a seus sentimentos. Jeremias não sentiu necessidade de colocar uma máscara de santidade diante de um Deus onisciente. E sabe de uma coisa? Deus não o castigou porque ele foi autêntico e disse o que se passava em seu coração.

Antes de deixarmos Jeremias para trás, vamos observar o que acontece no final de suas lamentações. Ele começa a lembrar-se de todos os tempos em que Deus lhe foi fiel.

> Todavia, lembro-me também
> do que pode me dar esperança:
> Graças ao grande amor do SENHOR
> é que não somos consumidos,
> pois as suas misericórdias são inesgotáveis.
> Renovam-se cada manhã;
> grande é a sua fidelidade!
> Digo a mim mesmo:
> A minha porção é o SENHOR;
> portanto, nele porei a minha esperança.
>
> Lamentações 3:21-24

Jeremias decidiu limpar seu armário emocional e redescobriu os tesouros esquecidos lá dentro. Sua situação não mudou. Deus não mudou. Mas sua atitude e percepção de Deus mudaram, e suas emoções seguiram o mesmo rumo.

Tirando a máscara

Quando Steve e eu perdemos nosso segundo filho, fiquei arrasada. Gostaria de dizer que não abaixei a cabeça, que me submeti à soberania de Deus e que citei "Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam" a todos os que se compadeciam de meu sofrimento. Mas não fiz nada disso. Fiquei furiosa com Deus. Decepcionei-me com ele. Deitava na cama, cobria a cabeça com o cobertor e dizia a Deus que voltaria a conversar com ele dali a alguns meses... ou anos.

É doloroso contar isso, mas é a verdade.

Há, porém, uma boa notícia. Chorei durante quase três meses por aquela menininha e não conversava com Deus. Mas sabe onde ele esteve o tempo todo? Bem perto de mim.

— Nunca a deixarei, nunca a abandonarei — Deus disse.

— Mesmo que eu não queira conversar contigo? — perguntei.

— Mesmo assim.

Deus criou-nos para viver nus e não sentir vergonha. As folhas de figueira e as máscaras foram ideias do homem. Deus conhece tudo o que precisa ser conhecido — até aquilo que não conhecemos.

Em uma visita à família, um de meus amigos estava trocando de roupa em seu antigo quarto de criança. A empregada da família, que trabalhava ali havia mais de trinta anos, entrou no quarto sem avisar e pegou Andrew com as calças arriadas. Constrangido, ele tentou cobrir-se.

— Sr. Duffy — ela o repreendeu —, não fique constrangido. Eu conheço o senhor muito antes de o senhor se conhecer.

Ficamos envergonhadas porque Deus nos pega emocionalmente em situações constrangedoras, mas, filha, ele a conhece muito antes de você se conhecer. E quer saber mais? Ele a ama do jeito que você é.

1 P. 16-17.
2 Keith Miller. Citado por Michael Yaconelli. *Messy Spirituality*, p. 22-23.
3 Idem, p. 27.
4 Brennan Manning. *O evangelho maltrapilho*, p. 28.
5 Nancy Leigh DeMoss. *Quebrantar-se completamente diante de Deus*.
6 Margery Williams, p. 16-17.
7 Nancy Leigh DeMoss. *Quebrantar-se completamente diante de Deus*.
8 *The Velveteen Woman*, p. 19.

10

Resistindo ao medo da rejeição

Que diremos, pois, diante dessas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará juntamente com ele, e de graça, todas as coisas? Quem fará alguma acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica.

Romanos 8:31-33

Eu estava lecionando em um encontro de palestrantes. A plateia era composta de mulheres que sentiram o chamado de Deus para subir à tribuna a fim de falar e ensinar ou usar caneta e tinta para escrever. Duzentas e sessenta mulheres foram distribuídas em pequenos grupos de dez para "treinar" suas habilidades como palestrantes. Quando nosso grupo se reuniu pela primeira vez, as senhoras tiveram cinco minutos para compartilhar uma mensagem preparada com antecedência. No segundo dia, reunimo-nos outra vez para que todas compartilhassem outra mensagem de cinco minutos.

Patty fazia parte de meu grupo. Era uma mulher ruiva, alegre e animada, com um amor incontestável pelo Senhor. Mas, no segundo dia do seminário, notei uma mudança no comportamento de Patty. Enquanto nos despedíamos do pequeno grupo, chamei-a à parte.

— Patty, você está bem?

Imediatamente seus olhos cor de âmbar encheram-se de lágrimas.

— Preparei minha palestra para esta noite, mas acho que Deus deseja que eu fale de outro assunto.

— Que ótimo! — incentivei-a. — É muito bom falar daquilo que Deus colocou em nosso coração, mesmo que seja diferente do que planejamos. Fale o que Deus quer que você fale.

— Você não entendeu — ela disse com lágrimas nos olhos, que agora lhe escorriam pelo rosto. — Fiz amizade com três pessoas aqui. Não quero que elas

conheçam minha história. Não quero que ninguém conheça minha história!

— Ora, Patty, este é um lugar frequentado por pessoas de confiança — eu lhe garanti. — Não há nada que você possa nos contar que mude nossa opinião sobre você.

— Não tenho tanta certeza assim — ela disse.

E, nos trinta minutos seguintes, Deus concedeu-me o privilégio de sentar-me ao lado de uma de suas queridas filhas e tomar conhecimento de como ele a resgatou do abismo. Patty era um milagre vivo que respirava e caminhava — e ninguém sabia disso.

Incentivei-a a contar sua história às outras mulheres. Ela concordou em orar pelo assunto.

Naquela noite, nosso grupo entrou na sala de reuniões para fazer as apresentações de cinco minutos e comentá-las. Minha assistente havia providenciado um cronômetro e um cartão de aviso para ser erguido quando faltasse um minuto para o término da apresentação.

Patty foi a terceira mulher escalada para subir à tribuna. Levantou-se, apresentou-se ao grupo e, então, uma única lágrima desceu-lhe pelo rosto.

— Vou falar de um assunto muito difícil para mim — ela disse.

— Patty, antes que você prossiga, eu gostaria que esquecêssemos o cronômetro — interrompi. — O que vai acontecer nesta sala é muito mais importante que as técnicas que vamos aprender sobre apresentações. Deus está prestes a promover uma cura em seu coração, Patty.

A seguir, entre soluços, Patty começou a contar sua história.

"Quando eu era menina, sonhava em ser esposa e mãe depois que crescesse. Meu pai era pregador, e fui criada de maneira muito rígida. Em casa não havia televisão nem rádio, e só podíamos nadar com pessoas de nossa família imediata. Meus pais eram bastante religiosos, mas brigavam muito em minha ausência. Um dia descobri que meu pai — o homem que eu mais amava no mundo — havia tido uma aventura amorosa.

"Mamãe perdeu o marido, meu irmão e irmã perderam o pai, e eu perdi a pessoa que mais me amava neste mundo. Eu era a queridinha do papai, e perdi a pessoa mais importante de minha vida.

"Minha família, antes tão incrivelmente unida, começou a desintegrar-se. Lutávamos a mesma batalha para sobreviver, mas em campos diferentes. Eu não via meu pai com muita frequência, mas, quando completei dezesseis anos, ele deixou um presente na varanda, e consegui ver as lanternas traseiras de seu carro enquanto ele se afastava. Fiquei feliz por ele ter se lembrado de meu aniversário, mas, quando as luzes do carro desapareceram de vista, senti que a luz de minha vida começava a enfraquecer.

"Meus pais casaram novamente com outras pessoas e divorciaram-se do segundo cônjuge. Tempos depois, os dois optaram por um terceiro casamento. Não derramei uma só lágrima durante aqueles anos, mas guardei o sofrimento dentro de um armário fundo e escuro. A sensação era de que ninguém me amava, por isso saí em busca de alguém que me aceitasse e me fizesse sentir especial. Lamentavelmente, entreguei-me a outra mulher e passei a ter um relacionamento homossexual.

"Vivi na homossexualidade durante dez anos, não como simples participante, mas como defensora verbal e ativa dos direitos dos *gays* e lésbicas. Trabalhei como voluntária em um centro de atendimento por telefone a *gays* e lésbicas e ajudava os *gays* a resolverem os problemas que enfrentavam na época. Eu, a doente e angustiada, orientava os doentes e angustiados. Posteriormente, fui responsável pela publicação de um boletim, cujo objetivo era defender os direitos dos *gays* e lésbicas. Era uma vida de total imoralidade, e, mesmo assim, continuei a orar e a suplicar a Deus que não me abandonasse e mudasse meu modo de pensar. Magoei muito meus pais. Cheguei a exigir que, se minha mãe quisesse me ver, teria de permitir que levasse comigo a pessoa com quem eu estivesse vivendo no momento, inclusive para passar alguns dias em casa. Ah, quanto minha mãe deve ter me amado e como meu comportamento deve tê-la magoado! Esse estilo de vida nos consome por inteiro e nos submete a uma lavagem cerebral. Só quem passou por isso é capaz de entender. Satanás distorce nossos pensamentos até o ponto de acreditarmos mais nos amigos que na família verdadeira.

"Passei de um relacionamento a outro em busca do amor verdadeiro para curar minhas feridas em vez de recorrer a Deus. Corria atrás de outras pessoas que

também procuravam um amor verdadeiro. Os adesivos de mudança de endereço em minha correspondência começaram a se acumular de tal forma que chegaram a cobrir os envelopes. Por mais estranho que possa parecer, frequentei uma igreja para *gays*, na esperança de que Deus aprovasse aquilo, apesar de saber que era abominação a ele. Ah, como Deus foi fiel a mim!"

Nesse ponto, Patty começou a chorar convulsivamente. Aproximei-me da tribuna, passei o braço ao redor dos ombros dela e, com muito carinho, convenci-a a prosseguir.

"Mudei-me para outro estado com um dos líderes do movimento *gay* da região. Durante um de nossos 'retiros', meu grupo inteiro de 'amigos' virou-se contra mim, acusando-me de mentir sobre determinado assunto. Todos me viraram as costas e me pediram que abandonasse o grupo. Aquela foi a rejeição final. Chorando incontrolavelmente, deixei o grupo e voltei à minha cidade natal. Não me lembro de como cheguei lá. Curiosamente, ao parar na porta de casa, vi que o pneu sobressalente havia sido colocado em uma das rodas, mas não me lembro de nenhum pneu furado nem de alguém tê-lo trocado.

"Fui aceita em um centro de aconselhamento chamado Rapha, para ser submetida a tratamento intensivo. Fazia dias que não tomava banho, não comia, não dormia nem penteava o cabelo. Não reagi à terapia, e o pessoal imaginou que eu morreria. Após uma semana sem nenhuma reação, alguém entrou em meu quarto e deixou um livro, *Search for Significance* [Busca por significado] na mesinha de cabeceira. Peguei-o e comecei a ler minha vida em cada página do livro. Deus estava falando comigo e, apesar de não dar ouvidos aos conselheiros, eu ouvia as palavras do Senhor em todas as páginas. Comecei a chorar, chorar e chorar, mas aquele era um choro de cura. Estava de volta ao mundo.

"Deus precisou tirar-me a casa, o emprego e todos os meus amigos para salvar-me de mim mesma. O mal que Satanás pretendia para mim está sendo usado por Deus para o bem. Que misericórdia... que graça! Até hoje não entendo por que Deus quis me salvar, me abençoar e, agora, me usar em seu reino."

O que aconteceu depois que Patty terminou sua história? As mulheres na sala demonstraram contrariedade? Ficaram estarrecidas ou consideraram Patty uma mulher deplorável? Ao contrário. Todas se levantaram, e nós nos abraçamos em

um círculo de braços entrelaçados misturados com o brilho de lágrimas de emoção. Em seguida, louvamos a Deus pela história de redenção de Patty e pedimos a ele que a usasse poderosamente para libertar os escravos da homossexualidade.

A vida de Patty é o retrato de uma mulher que revelou a verdade de suas cicatrizes, e hoje ela ajuda outras pessoas a se livrarem das mesmas correntes que a aprisionaram por tanto tempo. Ela é uma jovem senhora bonita, tem um marido muito masculino e bem-apessoado e dois filhos encantadores. Deus está usando Patty para ajudar famílias cujos filhos optaram por viver como *gays* e incentivando-as a não perder a esperança.

Antes de Patty contar sua incrível história, posso imaginar as palavras mordazes de Satanás. "Não faça isso! Não faça isso! Elas vão odiá-la! Você se arrependerá! Quem vai querer ser sua amiga depois que souber a verdade?"

Estou muito feliz por Patty não ter dado ouvidos às mentiras de Satanás e ter resistido ao medo da rejeição. A propósito, nós não a odiamos — nós a amamos. Ela não está pesarosa — está livre. E quem quer ser sua amiga? Eu. Ela é minha amiga muito querida. Suas cicatrizes são bonitas para mim... e bonitas para Deus.

Vencedores bíblicos

Basta folhear as páginas da Bíblia para ver que vencer o medo da rejeição é um fio que corre através dos registros da História.

- Noé venceu o medo da rejeição quando obedeceu a Deus e construiu uma arca em terra seca.
- Abrão venceu o medo da rejeição quando saiu de sua terra natal sem saber para onde ia.
- Jacó venceu o medo da rejeição quando voltou à sua terra natal para rever o irmão, a quem ele enganara.
- José venceu o medo da rejeição quando não aceitou o assédio sexual da mulher de Potifar.
- Moisés venceu o medo da rejeição quando enfrentou o faraó e exigiu a libertação dos israelitas.

- Josué venceu o medo da rejeição quando ordenou ao exército que marchasse ao redor de Jericó em silêncio durante sete dias.
- Rute, a moabita, venceu o medo da rejeição quando recolheu espigas de trigo na plantação de um judeu.
- Samuel venceu o medo da rejeição quando o povo decidiu que queria um rei em lugar de Deus para governá-lo.
- Davi venceu o medo da rejeição quando se ofereceu para matar Golias.
- Sadraque, Mesaque e Abede-Nego venceram o medo da rejeição quando se recusaram a curvar-se diante da estátua que o rei Nabucodonosor mandou erigir para adoração.
- Ester venceu o medo da rejeição quando se apresentou diante do rei para implorar pela vida de seu povo.
- Todos os profetas venceram o medo da rejeição quando transmitiram ao povo a mensagem do julgamento de Deus.

Quando viramos a última página do Antigo Testamento e lemos o Novo Testamento, vemos exemplos semelhantes de coragem. Jesus, seus discípulos, Paulo e a nova igreja cristã em expansão — todos enfrentaram e venceram o medo da rejeição. Esta foi a atitude de Paulo: "Porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro" (Fp 1:21). Não importa o que os outros pensem. "Se Deus é por nós, quem será contra nós? [...] Quem fará alguma acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica" (Rm 8:31,33).

A maior de todas as rejeições ocorreu, claro, quando nosso Senhor e Salvador foi pendurado em uma cruz romana. "Foi desprezado e rejeitado pelos homens" (Is 53:3). Jesus, porém, venceu o medo da rejeição e foi glorificado. Ele sabia que a crucificação era iminente. Pouco antes de ser preso, Jesus orou com os discípulos: "Pai, chegou a hora. Glorifica o teu Filho, para que o teu Filho te glorifique" (Jo 17:1). Jesus não mencionou a rejeição e a morte na cruz que enfrentaria dentro de pouco tempo. Ele orou para que Deus fosse glorificado. Aquele era o maior desejo em sua mente e em seu coração. Da mesma forma, creio que vencemos o medo da rejeição quando o maior desejo em *nossa* mente e em *nosso* coração é glorificar a Deus.

O apóstolo Paulo enfrentou rejeição em todos os lugares por onde andou. Em sua primeira carta aos Tessalonicenses, ele escreveu:

> Apesar de termos sido maltratados e insultados em Filipos, como vocês sabem, com a ajuda de nosso Deus tivemos coragem de anunciar-lhes o evangelho de Deus, em meio a muita luta. Pois nossa exortação não tem origem no erro nem em motivos impuros, nem temos intenção de enganá-los; ao contrário, como homens aprovados por Deus para nos confiar o evangelho, não falamos para agradar pessoas, mas a Deus, que prova o nosso coração.
>
> 1Tessalonicenses 2:2-4

Quer estejamos falando do evangelho, quer estejamos falando das cicatrizes de nosso passado, sempre haverá alguém que não nos aceitará. E certamente não estamos acima dos profetas do Antigo Testamento nem dos discípulos do Novo. Nem todos gostaram do que ouviram, mas aqueles homens de Deus venceram o medo e andaram na fé. Graças a eles temos o evangelho em nossas mãos.

O HOMEM QUE DISSE "NÃO"

Os homens e mulheres na Bíblia, na maioria, tiveram seus nomes mencionados na Palavra de Deus porque disseram "sim" a Deus. Houve, contudo, alguns personagens mais pitorescos que poderiam fazer parte do livro dos recordes por causa de sua tendência de dizer "não". Jonas foi um deles.

No começo do livro de Jonas, lemos que Deus lhe ordenou que fosse pregar o arrependimento ao povo corrompido de Nínive... um tema não muito agradável, imagino eu.

Jonas não gostou nem um pouco da atribuição, por isso fugiu da rejeição inevitável e entrou em um navio com destino oposto... Társis.

Jonas, porém, aprendeu uma lição que a maioria de nós aprende ao longo dos anos — não podemos fugir de Deus. Deus enviou um vento muito forte para agitar as águas do mar e sacudir violentamente o navio. Depois de atirar a maioria da carga ao mar para aliviar o peso do navio, a tripulação perguntou entre si se a tempestade não seria julgamento de um deus irado.

— Quem é você e de onde vem? — perguntaram a Jonas.

— Eu sou hebreu, adorador do SENHOR, o Deus dos céus, que fez o mar e a terra.

— O que você fez para provocar ira em seu Deus?

Jonas contou as homens que estava fugindo de Deus e assumiu a culpa pela tempestade.

— Peguem-me e joguem-me ao mar, e ele se acalmará. Pois eu sei que é por minha causa que esta violenta tempestade caiu sobre vocês (cf. Jn 1:8-12).

Você já pensou que sua desobediência pode causar tempestades capazes de prejudicar todos que a rodeiam? Jonas e a tripulação do navio sofreram na pele esse fenômeno. Embora não quisesse matar um homem "inocente", a tripulação não teve escolha, a não ser jogá-lo ao mar. Assim que Jonas foi jogado ao mar, a tempestade acalmou.

Esta história parece uma lenda... mas é verdadeira. Deus enviou um grande peixe para engolir Jonas e vomitá-lo na praia três dias depois. Dessa vez Jonas não teve medo da rejeição e obedeceu ao Senhor de amor. No fim da história, a cidade inteira de Nínive ouviu com atenção as palavras de Deus proferidas por intermédio de Jonas, arrependeu-se de seus pecados e recebeu graça e perdão. Não há nada como passar três dias dentro da barriga de um grande peixe para corrigir nossa atitude.

A MULHER QUE DISSE "SIM"

Eu estava fazendo uma série de palestras em um retiro para mulheres perto de Little Rock, Arkansas. O louvor e a adoração eram dirigidos por um trio maravilhoso: três mulheres cheias de energia, espiritualmente maduras e espontâneas.

Perto do final da segunda sessão, eu disse que não devemos sentir vergonha de nossas cicatrizes, mas usar nosso passado para ajudar outras mulheres a conhecer o poder de cura de Jesus em nossa vida. Ao término da palestra, uma das mulheres da equipe de adoração afastou-se do grupo que se reunira perto de uma cruz de madeira no centro do palco, mas fui capaz de ver lágrimas brilhando em seus olhos castanho-escuros.

— Marita —, eu disse em voz baixa conduzindo-a a um banco vazio —, o que se passa em seu coração neste momento?

— Sharon — ela respondeu —, aquilo que você disse sobre não sentir vergonha de nossas cicatrizes mexeu muito comigo. Acho que Deus está me dizendo que escondo a verdade há muito tempo.

— Que verdade?

— Veja, eu canto nesta equipe de louvor — ela explicou. — Viajo por todo o país ministrando a outras pessoas. Mas ninguém conhece minha história. Bem, algumas pessoas conhecem parte dela. A maioria pensa que frequento uma linda igrejinha e tive uma vida impecável.

— E não foi assim?

— Não, não foi assim.

— Você me contaria como foi?

Nos minutos seguintes, Marita revelou uma história oculta de desgosto, traição e sofrimento.

"Divorciei-me... duas vezes. O homem com que estou casada é meu terceiro marido. A maioria das pessoas pensa que é o primeiro e único.

"Fui criada no noroeste de Arkansas. Cresci na igreja, e meus pais eram cristãos firmes como rocha. Quando fui para a faculdade, conheci um rapaz maravilhoso que me tratava como princesa. Estudávamos em uma faculdade cristã e fazíamos parte de um grupo que cantava músicas cristãs. Admito que não estava morrendo de amor por ele, mas ele fazia tudo o que eu queria. Aparentemente, era o par perfeito para mim. Quando ele me pediu em casamento, achei que seria tolice dizer não. Ele era tudo o que eu havia sonhado.

"Na véspera do casamento, ele disse que não me queria ver. Achei estranho, mas não dei importância.

"Nosso casamento foi como um conto de fadas. Eu com um vestido branco esvoaçante, os homens trajando *smokings* e as damas de honra com vestidos cor-de-rosa deslumbrantes. Meu avô realizou a cerimônia. Tudo foi perfeito. Mas eu não sabia que os votos feitos por meu marido eram uma farsa.

"Assim que chegamos ao local da lua-de-mel, meu marido de poucas horas virou-se para mim e disse: 'Marita, eu não deveria ter casado com você. Não a amo e nunca a amei. Os planos do casamento já estavam muito avançados para eu desistir'.

"A princípio, entrei em choque. Mas readquiri rapidamente o bom senso. Comecei a gritar e a bater no peito dele.

"'Como pôde fazer isso?', gritei. 'Por que se casou comigo? Por que não desistiu? O que eu faço agora?'

"Quase não me lembro do resto da lua-de-mel. Eu era uma mulher arrasada.

"O casamento não durou muito. Não voltamos à faculdade. Meu marido assumiu a função de ministro de música de uma igreja. Nos doze meses seguintes, mudou de emprego várias vezes e dependia de mim para sustentar nossa pequena família. Não demorou muito para assinarmos os papéis do divórcio, e voltei a morar com meus pais.

"Eu tinha vinte anos e era uma mulher divorciada. Nunca pensei que aquilo pudesse acontecer comigo. A raiva e a amargura tornaram-se minhas companheiras constantes. Tive uma vida que agradava a Deus e casei-me com um homem que ele aprovou. E era essa a minha recompensa?

"Durante aquele tempo, conheci um homem no trabalho que se aproximou de mim como amigo. Era dez anos mais velho que eu e tinha dinheiro suficiente para cobrir-me de presentes. A atenção dele tirou-me da escuridão em que eu vivia, e sua promessa de um futuro brilhante encheu-me de esperança. Um ano após o divórcio, casei-me novamente.

"A vida foi boa... por uns tempos. Mas, de repente, o marido número dois foi preso por peculato. O promotor exigiu que ele desaparecesse da região, caso contrário enfrentaria um processo criminal. Pegamos todos os nossos pertences e mudamos para uma cidade a duas horas de distância de nossa cidade natal.

"Depois que foi preso, Dan começou a beber em demasia. Uma noite, meu maior medo tornou-se realidade, e ele me surrou a ponto de deixar-me com hematomas. Um vizinho ouviu os gritos e chamou a polícia. Não registrei queixa contra ele. Sharon, dali em diante a situação piorou. Na noite em que ele me apontou uma arma, saí de casa.

"Embora nós dois tivéssemos recorrido a um conselheiro após aquele incidente, ele não concordou em parar de beber. Finalmente, pedi o divórcio.

"Durante o ano seguinte, dormi.

"Mudei-me mais uma vez para a casa de meus pais e, nos doze meses seguintes, eu trabalhava e dormia. Aquela era minha vida. Tenho certeza de que a situação constrangia e envergonhava meus pais, mas eles nunca disseram nada. Foram maravilhosos e trataram-me com carinho durante toda aquela terrível provação."

— Marita — perguntei —, quantos anos você tinha na época?

— Vinte e cinco.

— Bem, sei que agora você tem um marido maravilhoso. Como se conheceram?

— Daryl e eu estudamos juntos desde a primeira até a sexta série — Marita prosseguiu. — Um amigo da igreja dele contou-lhe que eu estava de volta. Ele disse que sempre me amou, desde que eu tinha doze anos, mas eu não sabia.

Pela primeira vez vi o brilho de um sorriso dançar nos olhos de Marita. Sabia que a história teria um final feliz.

— Daryl e eu namoramos dezoito meses, e ele me pediu em casamento várias vezes, porém eu estava coberta por uma capa de medo. Havia fracassado duas vezes! Mas, depois de algum tempo, eu disse "sim". Estamos casados há 25 anos e temos dois filhos maravilhosos, um de 22 anos e outro de dezesseis.

— E, então, Marita, agora que me contou sua história, o que acha que Deus deseja fazer com ela? — perguntei.

— Não tenho certeza — ela respondeu —, mas acho que ele não deseja que eu continue a escondê-la. A maioria das pessoas não sabe sequer que me divorciei uma vez, muito menos duas. Mas estou começando a ver que Deus pode usar minha história. Há muitas mulheres angustiadas nesta igreja, e penso que sou capaz de mostrar a elas que há esperança. Passei a vida inteira preocupando-me com o que as outras pessoas pensam. E mais, preocupava-me com o que elas poderiam pensar de Deus se soubessem que ele me permitiu passar por tanto sofrimento. Acho que estive tentando proteger Deus e a mim.

Depois daquela conversa, incentivei Marita a orar para saber o que ela deveria fazer com sua história de redenção. Alguns meses depois, voltei a ter notícias dela.

— Sharon — Marita disse com voz animada do outro lado da linha do telefone. — Contei minha história esta noite.

— Sério? Como foi?

— Sou conselheira de um grupo de jovens senhoras casadas, e estamos estudando o livro *A batalha de toda mulher*. No livro, há a história de uma mulher que abandonou o passado e optou pela vitória. Em vez de ler a história daquela mulher, contei outra. No final, revelei que a mulher da história era eu. Todas do grupo se comoveram muito. Uma disse: "Que grande amor você sente por Deus. Admiro sua atitude positiva durante todos estes anos. É incrível saber que você sofreu tanto e, mesmo assim, continuou a manter um sorriso no rosto e no coração". Eu lhe disse que o sorriso é prova do perdão de Deus.

— Como se sente agora? — perguntei.

— Livre.

Continuei a manter contato com Marita para saber como Deus a está usando para restaurar casamentos e consertar corações partidos. Ela não se preocupa em ser rejeitada pelas pessoas de seu círculo de influência — preocupa-se em ser aceita por Deus.

Deus está usando Marita. Deus está usando suas cicatrizes. A gratidão de Marita vai muito além das palavras.

O FRASCO DE ALABASTRO

A gratidão de Marita vai muito além das palavras... por isso ela canta. A história da mulher que lavou os pés de Jesus com as próprias lágrimas (cf. Lc 7:36-50) relaciona-se com a de Marita. Posso ver aquela mulher tentando atravessar a multidão nas ruas empoeiradas de Cafarnaum.

— Vocês o viram? Alguém o viu? — ela pergunta. — Disseram que Jesus está na cidade. Sabem onde ele está?

— Sim — alguém responde em tom de zombaria —, mas o que ele haveria de querer com uma mulher como você?

— Onde ele está? — ela insiste. — Por favor, diga-me. Onde ele está?

— Jantando na casa de Simão, mas você não é bem-vinda lá.

A mulher levanta a barra do manto e corre para a casa do fariseu, um homem muito conhecido na cidade. Ela abre com força a porta de madeira e seu olhar se fixa em Jesus, seu Salvador, reclinado à mesa. Os homens a encaram. Alguns conhecem sua reputação; outros já pagaram por seus serviços.

Com passos lentos, sem fazer conta dos gracejos dos homens reunidos ao redor da mesa, ela caminha em direção a Jesus — sem desviar os olhos dele. Com muito cuidado, ajoelha-se diante dele e estende as mãos para segurar-lhe os pés. Lágrimas começam a brotar dos olhos dela como pingos de chuva. Aos poucos, o rio de lágrimas penetra na lama e poeira dos pés de Jesus. Em um gesto de causar escândalo, ela tira os grampos de seus cabelos negros, e eles caem em cascata sobre os ombros e as costas. Ela pega os cachos e, com muito carinho, enxuga os pés de Jesus. Enquanto isso, lágrimas de gratidão e adoração descem por seu rosto marcado pelo tempo enquanto ela cobre de beijos os pés do Salvador.

Um silêncio toma conta do recinto no momento em que a mulher, conhecida como pecadora, pega um frasco de alabastro com perfume e derrama o conteúdo nos pés do Mestre amado. Uma fragrância de graça e misericórdia enche a sala e impregna a pele das pessoas inocentes que ali estão.

Aquela mulher tinha muitas cicatrizes, porém não mais se envergonhava delas. Estava livre! Que maravilha Deus ter decidido usá-la para ungir seu Filho. Ela resistiu ao medo da rejeição e adorou o seu Senhor.

11

Rejeitando a mentira da desqualificação

E quando você se converter, fortaleça os seus irmãos.

Lucas 22:32

No instante em que ouvi o primeiro choro de meu filho, sabia que estava prestes a embarcar em uma das jornadas mais incríveis de minha vida — e estava certa. Ser mãe tem sido a tarefa mais gratificante, frustrante, empolgante, exaustiva, espantosa, assustadora, emocionante, cansativa, estimulante, comovente, prazerosa, difícil, desgastante, extenuante, frenética, inspiradora, cativante e recompensadora que já tive. Quando Steven nasceu, eu não tinha ideia de quanto amor poderia ser embrulhado em um pacote tão pequenino. Com o passar dos anos, Steven dedilhou as cordas de meu coração da mesma forma que um anjo dedilha as cordas de uma harpa dourada para encher o espaço celestial com uma linda música.

A música, contudo, nem sempre foi tão melodiosa. Às vezes parecia que aquelas cordas estavam sendo tocadas pelo garfo de um diabinho. Questionei minha aptidão para ser mãe, duvidei de minhas habilidades e perguntei-me se estaria desqualificada para trabalhar em um ministério que incentiva e equipa mães para criar a geração seguinte para Cristo.

Quando Steven nasceu, eu me tornei aluna da arte de ser mãe. Observava as outras mães que se saíam bem, ouvia o que os filhos adultos diziam sobre os erros e acertos de suas mães, lia livros de história para saber o que as mães de homens e mulheres bem-sucedidos faziam para incutir valores piedosos nos filhos, estudava a Bíblia em busca da sabedoria de Deus e orava fervorosamente para que Deus extraísse o melhor possível de meus erros.

Steven estava na nona série quando entreguei meu manuscrito de *Being a Great Mom, Raising Great Kids* [Sendo uma ótima mãe, criando ótimos filhos]. O livro era o ponto culminante de anos de pesquisas, estudos e experiências. Na ocasião, eu era presidente do Proverbs 31 Ministries, uma organização internacional de rádio, revista, material *on-line* e palestras para levar a paz, a perspectiva e o propósito de Deus às mulheres atarefadas de hoje. Steven era um ótimo filho. Eu me sentia ótima mãe. Tudo ia bem com o mundo.

No entanto, no dia seguinte àquele em que empacotei as páginas datilografadas e coloquei-as no correio para enviá-las à editora, meu mundo rodou no próprio eixo.

O telefone tocou.

— Oi, mãe, é Steven.

— Por que você está me ligando no meio do dia? — perguntei. — Está tudo bem?

— Não — ele respondeu. — Estou na sala do diretor. Fui pego furtando.

Não me lembro do que aconteceu a seguir. Só sei que me vi sentada na sala do diretor do colégio, imaginando quem seria aquele menino usando as roupas de meu filho. Cabisbaixo diante da mesa do diretor, Steven confessou tudo para mim.

— Durante várias semanas — ele começou a dizer —, peguei saquinhos de batatas fritas da cantina no intervalo. Não paguei por eles. Simplesmente passei a mão.

— Por que você fez isso?

— Não sei. Acho que queria saber se conseguiria passar a mão nos saquinhos de batata sem ser pego.

Naquele momento achei que eu fosse tudo, menos uma ótima mãe, e que Steven fosse tudo, menos um ótimo filho. Ele pegou uma semana de suspensão, e eu passei um mês em prisão domiciliar. Prisão domiciliar é modo de dizer. Eu podia sair, mas com certeza não queria.

Dúvida, confusão, raiva, insegurança, incerteza, mágoa e constrangimento foram responsáveis por manter-me em casa. "Quem era eu para aconselhar alguém a ser boa mãe? Quem era eu para dirigir um ministério internacional?

Quem era eu para falar diante de milhares de mulheres todos os anos? Quem era eu para levar ao ar um programa de rádio internacional?"

Achei que teria de abandonar minha posição e meu ministério porque era... *desqualificada*.

O QUE NOS QUALIFICA A SER DESQUALIFICADAS?

Algumas de vocês devem estar pensando: "Gente, isso não é nada! E daí se seu filho furtou alguma coisa da cantina da escola? Eu furtei objetos de meu local de trabalho. Vendi o corpo por dinheiro. Cheirei *crack* e cocaína. Fiz um aborto. Menti para meu marido. Colei nas provas do colégio...".

Podemos cair na armadilha de comparar cicatrizes e tentar decidir quem cometeu o ato mais grave. "Meu sofrimento é pior que o seu. Minha vida foi mais traumática que a sua. Meu pecado é mais grave que o seu." Seja qual for o tamanho ou a gravidade da cicatriz, Satanás continua a sussurrar a mesma mentira... *desqualificada*.

Talvez você imagine que não merece servir ao Senhor em razão dos atos que cometeu no passado. Mas quer saber? Em primeiro lugar, você nunca *mereceu* servir a Deus. Não há quem mereça. Se pensarmos em termos de quem merece e de quem não merece servir a Deus, estaremos dando muito valor a nós no processo da redenção. É como se estivéssemos dizendo que temos parte nisso. Ouça, minha irmã, é Deus quem ocupa o primeiro lugar, e é Deus quem ocupará o último lugar.

Sim, Steven cometeu um pecado, mas posso garantir a você que minha reação foi tão errada quanto seu pecado.

A professora de doutrinas bíblicas Beth Moore diz estas palavras a respeito da desqualificação causada por pecados cometidos no passado:

> Não vou discutir que o tipo de serviço talvez necessite ser mudado, mas recusar aos servos verdadeiros o direito de servir é quase o mesmo que destruí-los. Eu preferia ser aquela pessoa [..] em julgamento a ser a pessoa audaciosa que impõe tal sentença de morte ao arrependido (cf. Tg 2:12-13).
>
> Nem mesmo penso que aqueles que nunca foram sinceramente consagrados e terminaram caindo na própria rebeldia deveriam ser impedidos de servir após um completo arrependimento e uma busca incessante para alcançar o bem-estar espiritual. O fracasso dessas pessoas pode muito bem estar sendo

usado por Deus para peneirá-las e transformá-las em servos verdadeiros que se dispõem a lavar os pés de seus semelhantes.

Os verdadeiros arrependidos são, em geral, tão purificados e humilhados pelo infortúnio que se dispõem a fazer qualquer coisa! Se as pessoas que se dizem arrependidas continuam arrogantes e relutantes em aceitar responsabilidades, provavelmente não provaram do fruto do arrependimento. Falta-lhes muito ainda para estar preparadas. Mesmo assim, não desista de ampará-las! Ajude-as, fale a verdade com amor e ore para que se arrependam verdadeiramente![1]

Se o pecado nos desqualifica de prosseguir em nosso ministério, deveríamos então ficar escondidas em casa. Pense um pouco na vida de alguns homens e mulheres da Bíblia. Davi não foi desqualificado por Deus para ser rei de Israel por ter cometido adultério e assassinato. Raabe não foi desqualificada para ser aceita na nação israelita por ter sido prostituta no passado. Gideão não foi desqualificado para ser o líder do exército de Deus por ter-se escondido como um covarde em um tanque de prensar uvas. Saulo (cujo nome Deus mudou para Paulo) não foi desqualificado para ser um defensor da causa de Cristo e evangelista aos gentios por ter perseguido a igreja antes de seu encontro com Jesus. Pedro não foi desqualificado para ser um dos fundadores da igreja cristã por ter negado Jesus três vezes.

Preste atenção. Se nossos erros e fracassos do passado nos desqualificassem para o ministério, nenhuma de nós passaria no teste. O rei Davi escreveu: "Se tu, Soberano SENHOR, registrasses os pecados, quem escaparia? Mas contigo está o perdão para que sejas temido. [...] Ponha a sua esperança no SENHOR, ó Israel, pois no SENHOR há amor leal e plena redenção" (Sl 130:3-4,7). Não encontrei nenhum exemplo na Bíblia de pessoas arrependidas que foram desqualificadas para futuros serviços.

Satanás usa nossos erros e fraquezas do passado contra nós para nos sentirmos desqualificadas. Também usa o que outras pessoas nos fizeram para nos sentirmos incapazes ou rejeitadas.

Michael Yaconelli escreve:

Nem todos escolheram o passado que tiveram. Muitas pessoas carregam cicatrizes de violência física, mental ou psicológica, e acordam todos os dias com as lembranças aterradoras de um tempo em que agiram sob coerção, e agora se encontram irremediavelmente presas, sem saber se enfrentam o passado ou fogem dele. A triste realidade da vida moderna aponta para o número crescente de pessoas cujas violências sofridas no passado as convenceram de que não têm nenhum valor. Em geral são elas próprias

que decidiram ser desqualificadas para a possibilidade de obter a graça de Deus. Essas pessoas se consideram casos perdidos, objetos manchados sem condição de ser limpos, prisioneiras que não podem ser libertas.[2]

Tamar era filha do rei Davi e irmã de Absalão. E, apesar de seu nome significar "Palmeira", símbolo de vitória e honra, a vida daquela mulher tornou-se símbolo de derrota e desespero. Um dia, quando Tamar menos esperava, seu meio-irmão Amnom estuprou-a violentamente e, depois, expulsou-a como se ela fosse um trapo sujo. Tamar foi uma mulher que se sentiu desqualificada pelo que lhe havia sido feito.

Após a agressão, Absalão cuidou de Tamar e protegeu-a em sua casa. Com o passar do tempo, ele se vingou e matou o estuprador, mas ela nunca mais se sentiu como princesa. Passou o resto dos dias nas trevas e desolação. (Leia a história de Tamar em 2Samuel 13.)

O pai de Tamar não fez nada para devolver a filha ao lugar a que ela tinha direito. Mas, minha amiga, o Pai celestial fez isso por você! Enviou seu Filho, Jesus, para trocar suas roupas esfarrapadas por um manto real.

[Deus] enviou-me [Jesus] para cuidar dos que estão
    com o coração quebrantado,
anunciar liberdade aos cativos
    e libertação das trevas aos prisioneiros, [...]
para consolar todos os que andam tristes,
e dar a todos os que choram [...]
    uma bela coroa em vez de cinzas,
o óleo da alegria em vez de pranto,
e um manto de louvor
    em vez de espírito deprimido.

Isaías 61:1-3

Se houver alguma coisa que você fez no passado ou que lhe fizeram, Satanás usará os fatos e a experiência para forçá-la a sentir-se desqualificada. Deus, contudo, disse que você foi qualificada no momento em que creu em Jesus Cristo, seu Filho. As cicatrizes poderão marcá-la, mas não poderão desqualificá-la.

"Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos" (Ef 2:10).

Entendeu a mensagem? Deus planejou a obra para você antes de seu nascimento. Você acha que os planos de Deus para sua vida poderiam ser anulados em razão de alguma coisa que lhe aconteceu no passado? Claro que não, minha querida. Nenhum plano de Deus pode ser frustrado (cf. Jó 42:2).

Deus "nos *tornou dignos* de participar da herança dos santos no reino da luz. Pois ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, a saber, o perdão dos pecados" (Cl 1:12-14, grifos do autor). É ele quem nos torna dignas. Não eu. Nem você. Nem ninguém. Só Deus.

Satanás é meticuloso em tomar notas quando se trata de nossos erros no passado, mas Deus é especialista em apagá-los. Não duvide! É verdade, ele chega a destruir a lista!

Raabe soluciona uma situação difícil

Alguns anos atrás, viajei a New Orleans, Louisiana, para participar da convenção da Christian Booksellers Association [Associação dos Livreiros Cristãos]. Por que motivo o comitê escolheu New Orleans nunca vou saber, mas devo dizer que aprendi muito enquanto estive lá.

Uma tarde, decidi conhecer a famosa Bourbon Street. Aparentemente, havia uma festa de rua em andamento. De repente, eu me vi ombro a ombro no meio de uma massa humana — uma multidão pulando, gritando, dançando, festejando e embebedando-se. Segurei a bolsa com força de encontro ao peito e procurei sair dali! Bombardeados por uma mistura de cenas, sons e odores, meus olhos foram atraídos para uma sacada. Apesar de ser dia claro, várias "damas da noite" estavam debruçadas, seduzindo os homens embaixo para participar de seu prazer sensual — cobrado por hora.

As "damas" usavam corpete sem alça, meia-calça presa com cinta-liga e camisola curta de renda. Com sapatos de salto de quinze centímetros, brincos pendurados nas orelhas e boca pintada com batom vermelho, elas estavam dependuradas na sacada de um aparente prostíbulo, exibindo o corpo com palavras sedutoras para atrair suas presas.

Eu nunca tinha visto um prostíbulo. Agora tenho uma ideia melhor de como deveria ser a casa de Raabe. No Antigo Testamento, pouco antes de conquistar, capturar e tomar posse da terra prometida, os israelitas enviaram espiões para verificar as defesas de Jericó. Enquanto estiveram lá, entraram na casa de uma prostituta, provavelmente porque ninguém desconfiaria se visse estrangeiros entrando ali. Os soldados fizeram uma visita oficial à casa de Raabe em busca dos espiões, mas ela os escondeu sob talos de linho para ficarem protegidos até o momento de partir. Antes do alvorecer na manhã seguinte, Raabe fez uma declaração de fé:

> "Sei que o SENHOR lhes deu esta terra. vocês nos causaram um medo terrível, e todos os habitantes desta terra estão apavorados por causa de vocês. Pois temos ouvido como o SENHOR secou as águas do mar vermelho perante vocês quando saíram do Egito, e o que vocês fizeram a leste do jordão com seom e Ogue, os dois reis amorreus que vocês aniquilaram. Quando soubemos disso, o povo desanimou-se completamente, e por causa de vocês todos perderam a coragem, pois o SENHOR, o seu Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra. Jurem-me pelo SENHOR que, assim como eu fui bondosa com vocês, vocês também serão bondosos com a minha família".
>
> Josué 2:9-12

Os espiões disseram a Raabe que amarrasse um cordão vermelho na janela e levasse toda a sua família para dentro de casa. Quando o exército chegou para destruir a cidade, os soldados viram o cordão vermelho e resgataram Raabe e sua família.

Que história emocionante! Nós também temos um cordão vermelho! É Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus, cujo sangue vermelho nos salva, protege e liberta. E sabe de uma coisa maravilhosa? Além de ser salva da destruição, Raabe passou a fazer parte da família de Deus e foi usada para sua glória. Ela se casou e teve um belo filho judeu chamado Salmom. Talvez você não tenha ouvido falar dele, mas aposto que ouviu falar de Boaz, filho de Salmom e Raabe; ou de Obede, seu neto; ou de Jessé, seu bisneto; ou de Davi, seu trineto.

Independentemente do que fizemos ou de onde viemos, quando nos aproximamos de Cristo e amarramos o cordão vermelho na janela de nosso coração, Deus nos salva, nos acolhe e nos usa para sua glória. Infelizmente, muitas pessoas acreditam que estão perdoadas, mas não se sentem à altura de ser usadas. Permanecem do lado de fora, como um mendigo espreitando a janela de

uma grande mansão onde se realiza um banquete. Seu estômago se contorce de fome quando o pai corta uma fatia do peru assado, deixando à mostra a carne suculenta. Sua boca se enche de água ao ver o molho fumegante sobre as batatas e os biscoitos sendo passados de mão em mão.

No entanto, eles não veem a cadeira vazia — aquela com seu nome escrito no espaldar.

Você foi introduzida na família de Deus e convidada a sentar-se à mesa do banquete do Pai. Não fique olhando através da janela. Entre e sente-se no lugar que lhe pertence. Ele está à sua espera.

"E Raabe vive entre os israelitas até hoje" (Js 6:25b).

Manobras estratégicas

Você notou a ocasião exata em que Steven cometeu aquele furto no início deste capítulo? Estou absolutamente certa de que não foi por acaso que ele foi parar na sala do diretor um dia depois que entreguei meu manuscrito do livro sobre aconselhamento aos pais. Posso imaginar Satanás planejando e esquematizando o tempo todo.

— Muito bem, turma — ele deve ter dito —, vamos tentar o filho de Sharon a fazer alguma coisa errada, a cometer um ato terrível. Vamos deixá-lo agir à vontade por algumas semanas, mas depois, assim que ela enviar aquele livro detestável sobre como criar filhos piedosos, vamos dar um jeito para que ele seja pego. Isso a deixará arrasada! Ela vai abandonar aquela droga de ministério, vai parar de falar de Jesus o tempo todo e ficar de boca fechada! Vão atrás dela, já!

— E o que vamos fazer com o garoto? — um dos demônios deve ter perguntado.

— Não estou preocupado com ele. O garoto é apenas um artifício que estamos usando para pegá-la. É o seu ponto mais fraco. Vamos atingi-la pegando o garoto.

Isso a deixa furiosa? Eu fico furiosa.

Tal qual um exímio manipulador, o tempo de Satanás agir é sempre impecável. Da mesma forma que os japoneses, que bombardearam Pearl Harbor

em uma manhã preguiçosa de domingo, em dezembro de 1941, nosso inimigo tenta pegar-nos desprevenidas, quando menos esperamos.

Provavelmente todas nós lemos o relato do jejum e das orações de Jesus no deserto por quarenta dias antes de iniciar seu ministério de três anos aqui na terra. Quando Jesus estava no ponto mais fraco fisicamente falando, Satanás, o oportunista, tentou-o com comida e poder. Jesus revidou com sua espada poderosa — a Palavra de Deus. Depois de considerar-se derrotado, Satanás retirou-se furtivamente para aguardar um pouco. A Bíblia diz: "Tendo terminado todas essas tentações, o Diabo o deixou até *ocasião oportuna*" (Lc 4:13, grifos do autor). Ele disse: "Vou voltar!".

Entenda isso. O objetivo de Satanás é nos deter, calar e paralisar. É ele quem diz que somos desqualificadas por causa de nossas cicatrizes. Deus, porém, diz que, quando somos fracas, aí é que somos fortes.

Um telefonema a um amigo

Conforme mencionei neste capítulo, quando Steven foi suspenso do colégio, eu estava em dúvida se deveria abandonar o ministério no qual trabalhava. Aquela não era uma decisão que eu poderia tomar sozinha, e senti que necessitava do conselho de um cristão. Liguei para Rod, o pastor da mocidade e dos pais dos jovens (famílias dos estudantes), e expliquei a situação.

— Rod, acho que devo pedir demissão — eu lhe disse. — Quem sou eu para aconselhar pessoas na educação dos filhos?

— Sharon — ele começou a dizer —, vou lhe contar uma história. Uma noite, por volta de 24h30m, recebi um telefonema daqueles que nos dão um frio na boca do estômago. Era um amigo da igreja dizendo que nosso filho mais velho e três amigos haviam sido abordados pela polícia e estavam prestes a ser presos por destruição de propriedade particular. Peguei o carro e dirigi-me imediatamente ao local. Deparei com quatro viaturas da polícia, luzes pisca-pisca e quatro garotos algemados e encolhidos no fundo de uma das viaturas. O policial explicou que os garotos, em um ato de atrevimento, passaram por cima da calçada com um jipe e subiram a ladeira íngreme do clube de natação. Os pneus

deixaram marcas profundas no asfalto. Um vizinho chamou a polícia e insistiu em registrar queixa contra eles. E lá estava eu, o pastor da mocidade de uma das maiores igrejas da cidade, com quatro de meus alunos do colégio, um deles meu filho, algemados e fichados na polícia. Os pais dos outros garotos e eu tentamos convencer a polícia a não registrar queixa contra eles, mas os policiais não podiam fazer nada. Se o vizinho quisesse registrar queixa, eles teriam de levar o caso adiante. Os quatro garotos foram levados à delegacia, onde tiraram as impressões digitais deles e os fotografaram. Foram colocados em uma cela até serem libertados para ficar sob custódia dos pais. Os garotos desculparam-se publicamente no comitê da vizinhança, escreveram uma carta explicando sua conduta, consertaram o asfalto e trabalharam algumas horas a serviço da comunidade. Assim como você — Rod prosseguiu —, pensei em abandonar minha posição no ministério. Todos me conheciam na comunidade, e eu era pastor daqueles garotos, um exemplo a ser seguido. Minha família também deveria ser um exemplo.

— É exatamente assim que me sinto — eu disse.

— Fui conversar com o pastor sênior — Rod continuou. — Expliquei a situação e perguntei se deveria afastar-me do cargo. Ele respondeu: "Definitivamente não" e disse que oraria por nossa família. Desconfio que a experiência de criar três filhos adolescentes influenciou o conselho do pastor. Não protegi meu filho das consequências, mas não o abandonei. Acompanhei os garotos e supervisionei o serviço quando consertaram o asfalto.

Rod ajudou-me muito naquele dia. Não se envergonhou de suas cicatrizes e fez-me entender que o erro de um filho não desqualifica o pai ou a mãe para o ministério... nem desqualifica o filho.

Rod mencionou três coisas que lhe vieram à mente enquanto via as luzes das viaturas da polícia piscando em volta dele naquela noite: sua reputação, a reputação do filho e a reputação de Cristo. Curiosamente, essas são as três áreas em que vejo Satanás atacando cada uma de nós para nos desqualificar. Sugiro que permaneçamos ao lado da luz de Cristo, permitindo que o calor de seu amor derreta o gelo e comece a fluir no ministério para o qual ele nos chamou e equipou.

O MENINO QUE NÃO TINHA PERNAS

Era o terceiro jogo do ano da equipe principal de futebol do colégio Colonel White High, em Dayton, Ohio. Depois que o time do Colonel White saiu do vestiário no intervalo, os árbitros chamaram os treinadores na beira do gramado. O árbitro principal, Dennis Daly, avisou:

— O número 99 não vai mais poder participar deste jogo. Ele não está usando chuteiras, nem proteção nos joelhos e nas pernas.

— Ele não tem pernas! — exclamou o treinador Earl White.

— Sinto muito — disse Daly. — Faz parte das regras.

O cronista esportivo Rick Reilly contou a história de Bobby Martin em um artigo no *Sports Illustrated*: "Metade no tamanho, o dobro de um homem". Bobby Martin jogava na linha de defesa e iniciava as jogadas de ataque. Bobby Martin nasceu sem pernas. Mas a falta das pernas foi compensada por sua grande coragem. Bobby corre apoiado nas mãos e é muito mais rápido que seus colegas que correm com os pés. Ele treina halterofilismo e espera fazer parte da equipe de atletismo na modalidade de lançamento de pesos.

Ao sentar-se no banco, Bobby disse:

— O árbitro poderia ter visto que não tenho pés nem joelhos. Como posso usar chuteiras se não tenho pés?

— Faz parte das regras — disseram.

Reilly escreveu: "Como alguém pode tirar um garoto sem pernas de um jogo só por ele não estar usando chuteiras? Como alguém pode tirar um garoto sem braços de um jogo só por ele não estar usando munhequeiras? E se alguém aparecesse com chuteiras e protetores para joelhos e pernas, onde Bobby os usaria? Nas orelhas?

"Será que existe coisa pior que um adorador de apitos pretensioso e arrogante que não é capaz de deixar de lado seu precioso manual de regras e enxergar a situação que está à sua frente? Mesmo que a 'situação' seja um garoto de noventa centímetros de altura e cinquenta quilos de peso, 45 dos quais pertencem a seu coração?"

Reilly também citou um apresentador de entrevistas no rádio que concordou com o árbitro. “A regra diz que o jogador deve usar chuteiras e protetores, ponto final”, o apresentador disse. “Ele não pode jogar. É deficiente físico. Há certas coisas que os deficientes físicos não podem e não devem fazer, entre elas jogar futebol.”

O treinador White tentou explicar aos árbitros que Bobby havia passado no exame físico e obtido autorização dos médicos para jogar. Mas os árbitros mantiveram a decisão: “Basta ler as regras”.

Dias antes do jogo da semana seguinte, o treinador White recebeu uma carta da Ohio High School Athletic Association, dizendo que os árbitros estavam errados e que Bobby poderia continuar a jogar.[3]

Vamos voltar à pergunta de Reilly: “Será que existe coisa pior que um adorador de apitos pretensioso e arrogante que não é capaz de deixar de lado seu precioso manual de regras e enxergar a situação que está à sua frente?”. Não sei o que você pensa, mas tenho visto alguns homens e mulheres religiosos, adoradores de apitos presunçosos e arrogantes, que não são capazes de deixar de lado seu precioso manual de regras e enxergar na frente deles um filho de Deus arrependido, quebrantado e redimido. Há árbitros religiosos tentando manter o pecador arrependido fora do campo. Há fariseus modernos que preferem ver pessoas como Tamar afastadas dos olhares do público, vivendo na escuridão.

Amigas, Deus não nos chama para permanecer no banco de reservas no jogo da vida. Ele nos chama para participar do jogo! E quanto àqueles árbitros que tentam dizer que somos desqualificadas? Nosso treinador tem uma carta no bolso. O Criador do universo diz que fomos aprovadas nos testes físico e espiritual, e estamos habilitadas para jogar.

1 *When Godly People Do Ungodly Things*, p. 118-119.
2 *Messy Spirituality*, p. 69-70.
3 Rick Reilly. "Half the Size, Twice the Man", *Sports Illustrated*, 3 de out. de 2005, p. 90.

12

Revelando a verdade

E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito.

2Coríntios 3:18

Nunca imaginamos que aquilo poderia acontecer conosco. Nunca, nem em nossos sonhos mais tresloucados pensamos que seria possível. Por que nós? Tudo ia bem conosco. Tínhamos tudo: um casamento "perfeito", três lindos filhos, um ministério frutífero e gratificante na televisão e, acima de tudo, um grande amor por Jesus. Para nós, a vida era uma jornada emocionante, cheia de propósitos e alegria. Nosso caminho estava traçado e parecia seguro. Previsão: mar calmo pela frente. A infidelidade não era sequer uma nuvem no horizonte, nem mesmo a mais remota sombra em nossos pensamentos. Ou assim pensávamos. Sem que soubéssemos, a infidelidade já estava a caminho, movendo-se lentamente abaixo de nosso radar, pronta para dar o bote e pegar-nos desprevenidos.

Audrey

Audrey e Bob tinham um casamento excelente e um ministério em expansão. Ela havia sido criada em um lar piedoso, e seus pais eram tementes a Deus. Audrey tinha firmes convicções, graças a essa educação cristã que lhe proporcionara a estabilidade da qual jamais duvidou. Audrey e Bob estavam casados havia dezesseis anos e tinham três filhos maravilhosos. Mas houve um fato inesperado que abalou para sempre aquele mundo *perfeito*.

"Eu deveria ter pressentido alguma coisa", Audrey disse, "mas não foi o caso. Tenho muita confiança em minha imunidade, mas foi ela que me deixou completamente vulnerável a uma infecção. Meu orgulho por ter um casamento 'excepcional' cegou-me a percepção".

Tudo começou aos poucos, como uma pequena nuvem se formando a distância. Audrey conheceu um homem que a cobriu de atenção, admiração e uma enxurrada de palavras de apreço. Depois de uns tempos, Audrey passou a depender dos elogios e da segurança que sentia ao ouvi-los. Tão logo a porta de seu coração foi aberta para a entrada do "anzol", o pecado desviou-a lentamente,

mas com firmeza, do caminho da justiça, levando-a seguir o caminho das mentiras e falsas ilusões. Ela fez uma pequena concessão, depois outra, e mais outra, com a confiança e a presunção de que poderia manobrar seu mundo secreto.

Aquilo que começou como uma aventura "inocente" transformou-se em uma aventura amorosa emocional. Logo depois, a troca de carícias transformou-se em relacionamento íntimo. Audrey imaginava conhecer a voz do inimigo, mas sucumbiu às suas mentiras sedutoras. "Não há nada de mal nisso", Satanás sussurrou. E, antes de perceber, Audrey já havia mergulhado nas águas profundas e escuras da falsa ilusão e adultério.

"Só conheci o sofrimento verdadeiro", Audrey explicou, "quando confessei o adultério e me vi frente a frente com a expressão de repulsa da pessoa que eu mais amava. O movimento das ondas de descrença, horror e raiva ameaçava envolver completamente minha vida e sufocá-la. Naquele momento, comecei a conhecer o sofrimento — meu e de Bob — e pela primeira vez entendi a magnitude de meu pecado".

Quando Audrey confessou o adultério a Bob, a reação dele foi de susto, descrença e horror. Sua vida aparentemente perfeita começava a esfarelar-se a seus pés.

"Eu sabia que havia cometido um erro", Audrey admitiu. "Foi por isso que o confessei a Bob. Se continuasse calada, ninguém saberia — a não ser Deus e eu. Mas eu precisava me libertar; queria me libertar. A confissão foi minha única alternativa. A purificação de meu pecado foi a única saída daquele labirinto no qual me encontrava."

Como Bob se sentiu? Vamos deixar que ele mesmo nos conte.

"No momento em que Audrey me contou que havia cometido adultério, a sensação foi a de ter levado um soco no estômago. Minha primeira reação foi a de não acreditar: 'Não, isto não pode estar acontecendo. Acho que não ouvi direito. Não entendi bem as palavras dela; é claro que ela não disse o que ouvi'. Quando a realidade bateu fundo em mim — quando me dei conta no íntimo de que aquilo era *verdade* —, fiquei completamente arrasado. Como pôde acontecer? O que Audrey havia feito comigo? Conosco? Com nosso casamento?

Com nossos filhos? Com nosso futuro? De repente, perdi o chão. Nada mais fazia sentido. A cena toda parecia ter sido extraída de um filme surrealista. Quanto mais perguntas surgiam, mais minha raiva aumentava. Eu precisava fazer alguma coisa, e rápido, mas não sabia o quê. Finalmente, saí da sala, deixando Audrey sozinha com a bomba que acabara de jogar em nosso casamento. Precisava de tempo para ficar sozinho e fazer... o quê?"

Bob poderia ter abandonado Audrey e nunca mais voltar para ela. Mas alguma coisa dentro dele lhe deu forças para lutar por seu casamento. Pouco depois, eles procuraram um conselheiro cristão e começaram a juntar os pedaços quebrados do casamento. Foi terrivelmente doloroso — o mesmo que juntar cacos de vidro com pontas afiadas. A repercussão do pecado de Audrey precipitou-a em uma "arena de morte e destruição",[1] e foi necessário um milagre de Deus para tirá-la de lá.

Durante o processo de cura, Bob e Audrey comprometeram-se a orar um pelo outro todos os dias. São conhecidas as estatísticas de que um em dois casamentos nos Estados Unidos (50%) termina em divórcio, mesmo entre os que frequentam a igreja com regularidade. Há, porém, um fato pouco conhecido: de acordo com uma pesquisa Gallup, no caso dos casais cristãos que oram juntos todos os dias, o índice de divórcio cai para 1 em 1.152 — isto é, 0,011%.[2]

A jornada de Bob e Audrey rumo à cura e reconciliação não foi nada fácil. Ao longo do caminho, tiveram de lidar com uma gravidez resultante do adultério de Audrey, três mudanças de residência e o sofrimento dos filhos que percorreram a jornada com eles. Enfrentaram desprezo em público de outros cristãos, acusações de serem desqualificados para o ministério e condenação daqueles que não aceitaram a graça e o perdão que Deus lhes concedeu. Mas decidiram não esconder suas lutas.

Bob e Audrey apareceram no programa de televisão fundado pelo pai dela, *It's a New Day* [Um novo dia]. Foi um momento muito duro para o casal, mas eles escancararam a porta de seu maior sofrimento para que o mundo pudesse vê-lo. Sim, houve emoções conflitantes. A maioria alegrou-se com o que Deus havia feito para levar Audrey ao arrependimento, para levar Bob a perdoá-la e para levar o casamento de ambos a um lugar de restauração e cura. Mas, da mesma

forma que o irmão mais velho não aceitou a volta do filho pródigo, algumas pessoas não aceitaram Bob e Audrey. Houve aquelas que acharam que Audrey estava desqualificada para voltar a servir a Deus. Outras sentiram inveja da felicidade do casal depois de um trauma tão grande como aquele. E houve ainda quem achou que Audrey não merecia ser perdoada e restaurada.

Conforme eu disse antes, o irmão mais velho não se alegrou com a volta do filho pródigo. Foi convidado para a festa, mas recusou-se a comparecer.

Será que valeu a pena expor as cicatrizes diante do público? Eles respondem com um sonoro "sim"!

Deixei de mencionar quando e onde conheci Bob e Audrey. Estávamos voando em uma ponte aérea para uma entrevista na televisão onde eles iam contar sua história de redenção e restauração. Eu a chamo de *Nova carta escarlate de Deus... P de perdão*. A história deles é um testemunho de esperança para outras pessoas, a fim de que possam sobreviver ao adultério ou a outros problemas importantes no casamento.

Hoje, Bob e Audrey Meisner viajam por todo o país fazendo palestras para casais e vendo Deus restaurar um casamento após outro. A família deles está bem e intacta. O casal responde a perguntas difíceis como estas: De que maneira vocês reativaram o amor perdido? Como salvaram um casamento devastado pela infidelidade e traição? Como protegeram o casamento dos ataques de um inimigo implacável? Como um casamento pode sobreviver e, acima de tudo, prosperar dentro de uma cultura de desespero silencioso que não tem uma pista sequer da natureza do amor verdadeiro?

O casal ensina homens e mulheres a explorar o amor verdadeiro em sua fonte sobrenatural, não porque leu livros sobre o assunto, mas porque esteve no fundo do poço do desespero e saiu de lá. O casal sentiu a dor da infidelidade e o toque de cura daquele que é sempre fiel. (Para saber mais sobre a história de Bob e Audrey, leia o livro deles, *Marriage Undercover* [Casamento encoberto].)

Revelando a verdade

Um dia, ao folhear o jornal da cidade, deparei com o calendário de eventos para a semana. Pela primeira vez, examinei com cuidado a lista para ver o que estava ocorrendo em minha linda cidade. De repente, a dura realidade atingiu-me, e comecei a enumerar os eventos. Só naquela semana estavam programadas reuniões de 146 grupos de apoio. Havia de tudo, desde Alcoólatras Anônimos e Codependentes Anônimos até Recuperação de Compulsão por Comida. E, ao lado, li a seguinte observação: "Se você procura um grupo de apoio não relacionado aqui, ligue para...". Mais uma vez surpreendi-me com a quantidade de pessoas desesperadas que necessitam de encorajamento e apoio. Elas recorrem a qualquer lugar para consegui-los. Infelizmente, o povo está buscando ajuda fora da igreja porque poucos de nós estão dispostos a admitir que têm ou tiveram um problema.

Se quisermos revelar uma cicatriz, precisamos deixar o orgulho de lado, tirar a máscara e ser autênticas. O processo inclui morrer para o orgulho egoísta que nos convence a aparentar ser mais felizes, mais saudáveis e mais santas do que realmente somos. Jesus disse:

> "Digo-lhes verdadeiramente que, se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, continuará ele só. Mas se morrer, dará muito fruto. Aquele que ama a sua vida, a perderá; ao passo que aquele que odeia a sua vida neste mundo, a conservará para a vida eterna".
>
> João 12:24-25

Quando pegamos a semente de nosso testemunho e a plantamos no solo do coração ferido de outra pessoa, ela produz uma colheita de cura para aqueles que dela mais necessitam — aquelas almas feridas que se sentem como se fossem as únicas que enfrentaram tal fracasso ou sofrimento.

Em *Quebrantar-se completamente diante de Deus*, Nancy Leigh DeMoss faz o seguinte comentário a respeito do grão:

> Posso pegar o grão de trigo e limpá-lo, colocá-lo em uma linda peça de porcelana na mesa de minha sala de jantar, iluminá-lo, tocar música para ele, orar por ele, mas o que acontecerá? Absolutamente nada! Ele ficará sempre ali "sozinho". O que precisa ser feito com aquele grão para que produza fruto? Precisa cair na terra e morrer. [...] Então, depois que estiver "morto", ele criará raízes, e os primeiros brotos da nova vida finalmente germinarão.

Ela prossegue explicando:

Apesar de toda essa nossa conversa sobre adoração, união, reconciliação, amor e poder de Deus, passamos por cima do ingrediente essencial que torna isso possível. Creio que uma volta a essa verdade — a necessidade de quebrantamento e humildade — seja o ponto de partida para sentirmos o avivamento de que tanto precisamos em nossa vida, em nossa casa, em nossas igrejas.

Quando revelamos a verdade escondida como se fosse um tesouro embaixo da terra, sempre há alguém que irá zombar e ridicularizar. E, lamentavelmente, muitas dessas pessoas são membros da igreja, aquelas que carregam a Bíblia embaixo do braço — "religiosos ávidos de poder".[3]

QUANDO NOS MANTEMOS EM SILÊNCIO

O que acontece conosco quando não abrimos a boca para falar de um sofrimento do passado? Uma coisa é certa. Ele não desaparece. Veja o que o rei Davi disse a respeito do próprio silêncio:

> Enquanto eu mantinha escondidos os meus pecados,
> o meu corpo definhava de tanto gemer.
> Pois dia e noite
> a tua mão pesava sobre mim;
> minhas forças foram-se esgotando
> como em tempo de seca.
> Então reconheci diante de ti o meu pecado
> e não encobri as minhas culpas.
> Eu disse: Confessarei as minhas transgressões ao SENHOR,
> e tu perdoaste a culpa do meu pecado.
>
> Salmos 32:3-5

Estudos revelam que contar um segredo, seja a um amigo, seja a uma pessoa querida, seja a um estranho, faz bem à saúde. "A autorrevelação, conforme tem sido constatado repetidas vezes, melhora o sistema imunológico e reduz a vergonha e a culpa",[4] diz o dr. James W. Pennebaker, psicólogo e autor de *Abra o seu coração*. Há também um *site* para o qual as pessoas podem enviar seus segredos em cartões postais anonimamente.

Quando estamos verdadeiramente arrependidas e quebrantadas, quando reconhecemos nosso erro com humildade, não nos interessa saber se alguém conhece nossas cicatrizes, porque não temos nada a perder. E aquelas pessoas que ouvem nossa história de redenção têm muito a ganhar. Brennan Manning

escreveu: “Viver pela graça significa reconhecer a história inteira de minha vida, o lado bom e o ruim. Ao admitir o meu lado escuro, aprendo quem sou e o que a graça de Deus significa”.[5]

Uma nota de advertência a esse respeito. Embora a confissão seja “boa para lavar a alma”, como muitos dizem, não devemos sair por aí contando o que quisermos e a quem quisermos. Apesar de você poder dizer: “Estou feliz por ter tirado este peso de dentro de mim”, depois de abrir-se emocionalmente com alguém, é possível que tenha transferido o peso para essa pessoa. Tome cuidado com o que fala e com quem fala.

Com que se parece o amor

Em retiros para mulheres, é comum eu ser abordada por jovens ou senhoras fustigadas pelo sofrimento da vergonha e derrota. O manto invisível de vergonha dessas mulheres é tão pesado que elas o arrastam pelo chão com o corpo curvado para a frente. Frases como: “Se você soubesse”, “Eu jamais poderia contar a alguém”, “O que fiz foi horrível demais” e “Sou um fracasso total” são repetidas com frequência. Apesar de a ferida ter sido aberta muitos anos atrás, para elas o trauma acabou de acontecer.

Gina era uma dessas mulheres. Absolutamente encantadora, ela era de baixa estatura e tinha olhos cor de chocolate, um lindo sorriso e cabelos bem arrumados. Mas, ao término da reunião principal, enquanto estávamos embaixo da cruz de madeira onde pregamos nossos fardos e erros do passado, notei que aqueles grandes olhos castanhos estavam vermelhos de chorar e que havia um manto de vergonha amassado aos pés dela.

— Gina, você gostaria de falar sobre seu problema? — perguntei, enquanto as outras mulheres saíam do local.

— Não posso — ela respondeu chorando. — Estou muito envergonhada.

— Gostaria de me contar?

— Sim — ela prosseguiu. — Quero contar a alguém. Quero contar a você, mas estou com receio. Nunca contei a ninguém.

— Vamos sair daqui — eu disse, conduzindo-a a duas cadeiras de balanço com vista para as Grandes Montanhas Esfumaçadas.

Durante a hora seguinte ou mais, Gina contou sua história.

Quando ela estava no colégio, sua mãe casou-se pela segunda vez. Não demorou muito para que o padrasto começasse a molestá-la sexualmente. A mãe de Gina não via o que se passava ou recusava-se a admitir a verdade. Gina entendeu que a única saída seria fugir, portanto fugiu de casa. Sem dinheiro. Sem ter um porto seguro onde abrigarse. Sem nenhuma âncora. Sem amigas ou amigos.

— Eu não tinha para onde ir — ela contou. — Não tinha dinheiro suficiente para alugar um apartamento. Mas, um dia, conheci uma mulher que parecia preocupar-se comigo. Ensinou-me uma forma de ganhar dinheiro, mais dinheiro do que eu conseguiria juntar se ganhasse salário mínimo trabalhando em uma empresa. Apesar de eu tê-la rechaçado a princípio, ela disse que, em pouco tempo, eu me acostumaria.

— O que ela queria que você fizesse? — perguntei, temendo o pior.

— Prostituição — ela respondeu chorando. — Não me acostumei. E, todas as vezes que me envolvia naquilo, uma parte de mim morria. Foram apenas algumas vezes, e não por muito tempo, mas nunca consegui esquecer a vergonha. Eu me sentia suja. Hoje sou casada, tenho dois filhos e uma vida maravilhosa, mas continuo a sentir-me suja. Faz muito tempo, mas parece que foi ontem. Ninguém sabe. Meu marido não sabe. Ele sempre me diz que tenho muito valor. Se soubesse, morreria de desgosto.

Conversamos por um bom tempo sobre o perdão de Deus, que Jesus não condenou a mulher surpreendida em adultério, mas perdoou-a e lhe disse que se afastasse da vida de pecado. Falei do perdão de Deus oferecido a nós na cruz — uma ficha limpa. Gina sabia disso, mas tinha dificuldade de aceitar no coração que poderia ser tão fácil assim.

Depois que conversamos, perguntei:

— Você está satisfeita por ter me contado?

— Estou — ela respondeu. — Principalmente porque você está olhando para mim do mesmo jeito que olhou antes de conhecer minha história.

Ah, minha querida, o mesmo ocorre com Jesus. Ele olha para nós com o mesmo amor, antes e depois. E creio que nos surpreenderemos ao ver que muitas pessoas olharão para nós com o mesmo amor e compaixão quando revelarmos as cicatrizes do passado. É Satanás quem nos diz que seremos condenadas, porque ele não quer que sejamos livres.

Poderá haver algumas almas piedosas que nos julgarão ou condenarão, mas quer saber? Isso não fará a menor diferença. "Quem fará alguma acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica" (Rm 8:33). Irmã, você já foi justificada, santificada e purificada. Tudo o que precisa fazer agora é crer no poder de Deus e fortificar-se!

Veja como Jesus trata os que têm espírito de condenação:

> Jesus, porém, foi para o monte das Oliveiras. Ao amanhecer ele apareceu novamente no templo, onde todo o povo se reuniu ao seu redor, e ele se assentou para ensiná-lo. Os mestres da lei e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher surpreendida em adultério. Fizeram-na ficar em pé diante de todos e disseram a Jesus: "Mestre, esta mulher foi surpreendida em ato de adultério. Na Lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. E o senhor, que diz?" Eles estavam usando essa pergunta como armadilha, a fim de terem uma base para acusá-lo. Mas Jesus inclinou-se e começou a escrever no chão com o dedo. Visto que continuavam a interrogá-lo, ele se levantou e lhes disse: "Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra nela". Inclinou-se novamente e continuou escrevendo no chão. Os que o ouviram foram saindo, um de cada vez, começando pelos mais velhos. Jesus ficou só, com a mulher em pé diante dele. Então Jesus pôs-se em pé e perguntou-lhe: "Mulher, onde estão eles? Ninguém a condenou?" "Ninguém, Senhor", disse ela. Declarou Jesus: "Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado".
>
> João 8:1-11

A MULHER QUE CONTOU TUDO

Lembra-se da mulher à beira do poço? Ela, que escondia suas cicatrizes, passou a exibi-las como se fossem letras luminosas piscando o tempo todo: PERDOADA! PERDOADA! Vamos até o poço para relembrar a história dela.

Depois de ter passado algum tempo ministrando na Judeia, Jesus decidiu voltar à Galileia, sua terra natal. A maioria dos judeus respeitáveis atravessava o rio Jordão e seguia pela margem do lado leste só para não passar pela desprezível Samaria. Os samaritanos eram uma raça mista porque se casaram com gentios, e os judeus não queriam saber deles. Jesus, no entanto, sabia que era "necessário

passar por Samaria" (Jo 4:4), não por causa da geografia, mas porque seu Pai o enviara em missão divina.

Jesus partiu antes dos discípulos e chegou ao poço de Jacó enquanto os Doze foram à cidade para comprar comida. Cansado e com sede, ele se sentou à beira do poço. Pouco tempo depois, uma samaritana chegou para buscar água para o dia. Conforme era costume, as mulheres do povoado iam buscar água de manhãzinha ou no fim do dia, para evitar o calor do sol. Aquela mulher, porém, não queria misturar-se com as outras mulheres, ou melhor, as outras mulheres não queriam misturar-se com ela. Estava cansada de ser encarada com olhos penetrantes, de ser vaiada e dos olhares enviesados que lhe lançavam. Para ela, era mais fácil suportar o sol escaldante que o desprezo dos habitantes do povoado. Por isso, ela chegou ao poço ao meio-dia. Estava envergonhada de suas cicatrizes... e com razão.

Assim que se preparou para mergulhar o balde no poço, Jesus pediu-lhe:

— Dê-me um pouco de água.

A mulher surpreendeu-se ao ouvir Jesus fazer aquele pedido.

— Como o senhor, sendo judeu, pede a mim, uma samaritana, água para beber (cf. Jo 4:7-9)?

Se não era comum um viajante sedento pedir um pouco de água fresca, era um escândalo um judeu conversar em público com uma mulher, principalmente com uma samaritana. Nenhum rabino judeu bebia no mesmo copo de um samaritano ou samaritana.

A reação da mulher às palavras de Jesus parecia ter uma dose de sarcasmo, mas ele se propôs a levar sua missão adiante. Estava mais interessado em ganhar a alma da mulher que ganhar a discussão.

> Jesus lhe respondeu: "Se você conhecesse o dom de Deus e quem lhe está pedindo água, você lhe teria pedido e ele lhe teria dado água viva [...]. Quem beber desta água terá sede outra vez, mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Ao contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna"
>
> João 4:10,13-14

Água viva. Nunca mais terá sede. O simples fato de não ter mais de ir ao poço e enfrentar os cochichos dos habitantes do povoado foi suficiente para atrair o

interesse da mulher. Jesus, porém, tinha mais a oferecer a ela do que água para matar a sede física — tinha algo para matar a sede de sua alma.

> A mulher lhe disse: "Senhor, dê-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem precise voltar aqui para tirar água". Ele lhe disse: "Vá, chame o seu marido e volte". "Não tenho marido", respondeu ela. Disse-lhe Jesus: "Você falou corretamente, dizendo que não tem marido. O fato é que você já teve cinco; e o homem com quem agora vive não é seu marido. O que você acabou de dizer é verdade".
>
> João 4:15-18

Jesus conversou com a mulher como se ela fosse importante. E ela era.

A Luz do mundo revelou que conhecia sua escuridão interior. Ela ficou atônita ao ver que Jesus sabia tudo a seu respeito, como se conhecesse cada dia de sua vida. Ela acreditou quando ele disse que era o Messias. Durante a vida inteira ela desejou encontrar a felicidade. Passou de um homem a outro, mas seu coração continuou tão vazio quanto o pote que carregava nos braços. Naquele dia, contudo, ela conheceu a única pessoa que poderia satisfazer todos os seus anseios. Voltou correndo à cidade, em plena luz do dia, para contar a todos sobre o homem que sabia tudo sobre sua vida (v. 29). Ela não mais se envergonhava de suas cicatrizes. Exibiu-as e levou o povoado inteiro a Cristo.

Margaret Lee Runbeck disse certa vez: "Não há poder mais temível na terra que a verdade". Isso se aplica a Jesus, porque ele é *a Verdade*, e a nós, quando revelamos a verdade.

Comece com um

Talvez você sinta o chamado de Deus para contar certas situações de sua vida a outras pessoas. Por onde começar? Posso dar uma sugestão? Comece com algumas amigas de confiança — amigas que a amam em qualquer circunstância.

Deus nunca planejou que vivêssemos isoladas. Conforme vimos, quando criou o homem, ele disse: "Não é bom que o homem esteja só" (Gn 2:18). Da mesma forma, não é bom que qualquer uma de nós passe a vida sozinha. Precisamos uns dos outros. Desde que criou o homem e a mulher, Deus desejou que vivêssemos em comunhão uns com os outros e com ele.

Há uma cena cômica no filme *Crocodilo Dundee*. Ele está participando de uma festa em Nova York com sua nova amiga, Sue. Ela apresenta Dundee a um

psiquiatra, e Dundee se confunde com a função do médico.

— Não há psiquiatras na Austrália? — Sue pergunta.

— Não — ele responde. — Só temos companheiros (expressão australiana que designa "amigos").

Os relacionamentos surgem naturalmente para nós, portanto devemos aproveitar a capacidade que Deus nos concedeu de cultivar amizades e compartilhar nossos problemas e curas. Melissa Healy escreveu em um artigo:

> As mulheres guardam os segredos das outras, incentivam umas às outras a trocar confidências, conspiram entre si nas aventuras da vida. Entre risos, lágrimas e um rio inesgotável de conversas, elas se sustentam e melhoram a vida umas das outras. Atualmente o poder da amizade entre mulheres está começando a revelar seus segredos à ciência. Para as mulheres, a amizade não apenas estabelece regras, mas também protege. Ela amortece as adversidades das transições da vida, diminui a pressão sanguínea, melhora o sistema imunológico e promove cura. Talvez isso ajude a explicar um dos mistérios da ciência médica: por que as mulheres, em média, são menos propensas a sofrer infartos e têm uma expectativa de vida mais longa que os homens...
>
> Sem dúvida, as amizades — o sentimento de estar ligado a um grupo de apoio mútuo — exerce grande influência na saúde de ambos os sexos, de acordo com os pesquisadores. Homens e mulheres que dizem viver em solidão morrem mais cedo, adoecem com mais frequência e enfrentam as transições com maior desgaste físico e lágrimas do que os que dizem ter um grupo de apoio de amigos ou familiares.[6]

Healy cita uma frase de Suzanne Dragge, de 82 anos: "Com as mulheres, você pode escancarar sua alma. Você não faz isso com seu marido, e seu marido não faz isso com você". Ela e sua amiga Connie Smith, de 85 anos, somam as ofertas da igreja, brincam uma com a outra e pescam juntas há quase uma década. "Dou graças a Deus pelas amigas", diz Suzanne.[7]

Da mesma forma que Deus criou amizade entre Rute e Noemi, Maria e Isabel, e Jônatas e Davi, ele também nos dá amigas com quem compartilhamos a vida. Não é bom que o homem ou a mulher esteja só.

Quando me lembro de minhas maiores decepções na vida, a carga torna-se mais leve depois que me abro com uma amiga de confiança e vejo uma esperança de natureza divina oculta em minhas lágrimas. É nos olhos de uma amiga não julgadora que vejo o reflexo da compaixão e do amor de Cristo.

Alguém que amo muito caiu na armadilha da sedução do pecado sexual. Eu queria ser uma amiga com quem ela pudesse abrir a alma. No decorrer de um

almoço, fui o porto seguro para ela expor suas feridas e, assim eu esperava, iniciar o processo de cura até transformar-se em uma bela cicatriz.

Poucos dias depois, ela me escreveu um bilhete. Vou compartilhá-lo com você, não para receber um tapinha de congratulações no ombro, mas para mostrar que, quando somos um porto seguro para a cura de alguém, somos representantes de Cristo neste mundo implacável:

> Querida e amada Sharon,
>
> Na quarta-feira, tive o privilégio de almoçar com o próprio Cristo. Seu ser, seu espírito, amor e caráter almoçaram comigo, ouviram minha alma faminta e depauperada e disseram: "Eu a amo — incondicionalmente. Não há NADA que você possa fazer para que eu a rejeite e deixe de considerá-la minha amiga preciosa".
>
> Fui ao encontro dele quebrantada, vazia e carente. Saí dali alimentada, nutrida e fortalecida em sua verdade, e amada com um amor que NUNCA esquecerei.
>
> Sharon, eu louvo a Deus nas alturas por ele habitar em você, por seu amor que transpira através de você e por sua verdade que é sincera, sem rodeios e imutável. Ah, querida serva de nosso Senhor Jesus Cristo, esta filha dele lhe é muito grata.
>
> Eu a amo.

Você tem uma amiga que a ama e a amará em qualquer circunstância? Tem alguém com quem pode ser totalmente sincera? Talvez tenha, mas nunca tentou ser transparente com essa pessoa. Se você está escondendo as cicatrizes nos lugares mais ocultos de seu coração, e, mesmo assim, elas estão ameaçando vir à tona, eu a incentivo a contar sua história.

> Quando atravessamos a vida segurando, agarrando, apertando e tentando desesperadamente apegar-nos a coisas que deveriam ser naturalmente libertas, nós sofremos. Ficamos amarrados. Tornamo-nos emocionalmente sufocados e trancados no sofrimento. Perdemos a liberdade de movimento na vida e nos sentimos paralisados.[8]

C. S. Lewis disse certa vez: "Todo o nosso ser é, pela própria natureza, uma vasta necessidade; incompleto, em fase de preparação, vazio e, ao mesmo tempo, abarrotado, gritando por aquele que pode desatar coisas que estão atadas e atar coisas que continuam soltas". Deus usa muitas vezes usa os amigos e as amigas para pintar a beleza das cicatrizes sobre a palheta de nossa vida. Eles fazem sobressair as sombras, as cores e os matizes que, aparentemente, estavam esquecidos.

Sinceridade

Sheila Walsh era um rosto conhecido para aqueles que viam programas cristãos na televisão. Gravou muitos discos e foi uma das entrevistadoras do programa *Clube 700*. Mas, durante sua participação no *Clube 700*, ocorreram alguns problemas. Sheila começou a desconcentrar-se e a esquecer as perguntas durante as entrevistas e teve de aceitar que estava sofrendo de grave depressão clínica. Ela se internou em um hospital psiquiátrico em Washington, D.C., e aprendeu a ser autêntica.

Enquanto esteve no hospital, Sheila assistiu a um culto no qual as palavras do pastor pareceram ter se dirigido a ela.

"Há algumas pessoas aqui hoje", ele começou a dizer, "que se sentem como mortas. É como se já estivessem sete palmos embaixo da terra olhando para o próprio caixão fechado. Esta manhã Jesus deseja libertar você. Basta entregar a chave e passá-la por um pequeno buraco, onde verá um minúsculo feixe de luz".[9]

Durante aqueles dias e semanas no hospital, Sheila descobriu muitas verdades acerca de sua verdadeira identidade, principalmente que ela não era definida por seu passado, mas por um Deus amoroso que a chamava de filha. Mas será que estava pronta para revelar suas cicatrizes a uma plateia que a conhecia desde muito tempo? Sim, estava.

Sheila voltou ao *Clube 700* mais uma vez, não como entrevistadora, mas como entrevistada. Houve questionamentos se Sheila contaria aos espectadores sobre sua internação no hospital psiquiátrico e sobre a luta para vencer a depressão, mas ela disse: "Aquela era verdade nua e crua, e eu precisava contar a verdade da melhor maneira possível".

Ela contou sua história ao lado de seus colegas entrevistadores Pat Robertson, Ben Kinchlow e Terry Meeuwsen. Nos meses seguintes, Sheila recebeu e leu mais de 5 mil cartas de espectadores contando suas histórias. Espantou-se ao ver cartas e mais cartas recheadas de histórias de pessoas esforçando-se para vencer a própria depressão ou a de uma pessoa querida. Sheila não se envergonhou e não se envergonha de suas cicatrizes, e Deus as está usando para levar paz e propósito a outras pessoas com cicatrizes.

Em *Honestly* [Sinceramente], Sheila incentiva-nos a sair das sombras e encarar a verdade:

> Quando você sai das sombras e entra na tempestade, poderá ficar à mercê do vento por uns tempos, mas Cristo é o Senhor do vento e das tempestades, e você estará vivo de verdade — não apenas um arremedo da pessoa que Deus planejou que fosse. Há muito mais na vida que simplesmente sobreviver! Deus deseja que você viva, não que atravesse mais um dia. Se quisermos nos curar sozinhos, lutaremos em vão, porque somente aquele que nos fez conhece o caminho da restauração.[10]

Apronte-se para voar

É difícil mostrar nossas cicatrizes, principalmente se estiveram escondidas sob anos e anos de dissimulação. O barco não foi feito para ficar ancorado no porto, a águia não foi feita para viver no ninho e o pássaro não foi feito para continuar a ser ovo. E você, minha amiga, não foi feita para ser um tesouro enterrado na areia.

Em *Cristianismo puro e simples*, C. S. Lewis observa:

> Pode ser difícil para um ovo transformar-se numa ave; mas seria muitíssimo mais difícil aprender a voar sem deixar de ser ovo. Atualmente, nós somos como ovos. O problema é que ninguém pode continuar sendo um simples ovo para sempre. Ou o pássaro quebra a casca ou o ovo gora.

Respeitando a vida dos outros

Antes de iniciarmos a jornada da revelação da verdade e usarmos nossas cicatrizes para levar a mensagem de cura a outras pessoas, há um filtro importante através do qual nossas histórias precisam passar — o filtro do amor. "Façam tudo com amor", Paulo diz em 1Coríntios 16:14. Portanto, vamos ficar firmes e ouvir.

Vamos voltar à mensagem do capítulo dois por uns instantes. "Lembre-se, a história de nossa vida não é um livro sozinho na prateleira de uma estante." Não há nenhuma parte de nossa história que não afete ou envolva outra pessoa. Vivemos em comunidade e nos relacionamos com outros seres humanos. A Bíblia nos instrui a respeitar os outros (cf. Lv 19:3; 1Pe 2:17; 3:15). Deus não gostaria que "ministrássemos" à custa de outra pessoa. Se o motivo não for amor, não glorifica a Deus.

Por exemplo, há muita coisa de meu passado que conto aos outros e há muita coisa que não conto. Não porque me envergonho delas, mas porque ofenderia a honra de alguém. O que *eu* menciono acerca de minha infância foi lido e aprovado por mamãe. Mas, repito, há outras facetas e lutas que *não quero* tornar públicas porque a informação ofenderia profundamente a honra de alguém.

Em muitos livros meus, mulheres e homens contaram trechos de sua vida com a finalidade de encorajar, equipar e fortalecer outros. Em geral mudo o nome das pessoas; volto a repetir, não porque elas se sintam envergonhadas, mas porque estão mencionando particularidades de alguém (do pai ou da mãe, por exemplo), e isso seria um desrespeito.

Os três filhos de Noé

Logo depois que criou o mundo, Deus ficou muito frustrado.

> O SENHOR viu que a perversidade do homem tinha aumentado na terra e que toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era sempre e somente para o mal. Então o SENHOR arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e isso cortou-lhe o coração.
>
> Gênesis 6:5-6

Por isso, ele decidiu fazer a humanidade desaparecer da face da terra por meio de um dilúvio. Os únicos poupados foram Noé, sua esposa e seus três filhos: Sem, Cam e Jafé e as respectivas esposas.

Após quarenta dias e quarenta noites de chuva e de 354 dias de espera até que as águas baixassem, Deus enviou um sinal para que o pequeno grupo de sobreviventes saísse da arca. A missão desse grupo era espalhar-se pela terra, ser férteis e multiplicar-se.

Uma das primeiras coisas que Noé fez foi plantar uma vinha. Certo dia, ao comemorar os frutos de seu trabalho, ele bebeu além da conta do fruto de sua plantação. Noé embriagou-se e perdeu a consciência dentro de sua tenda... completamente nu. Cam entrou na tenda, viu a nudez do pai e correu para contar aos irmãos.

— Ei, rapazes — ele deve ter dito — venham aqui e vejam nosso pai. Ele perdeu a consciência de tanto beber e está nu como no dia em que nasceu!

Apesar de Cam ter zombado do pai e exposto seu pecado, os outros dois filhos entraram pé ante pé na tenda para cobri-lo. Para não desonrar o pai, os dois levantaram a capa sobre os ombros e entraram de costas na tenda, porque não queriam constrangê-lo ainda mais. Então, cobriram cuidadosamente sua nudez (cf. Gn 9:20-23).

Quando despertou do efeito do vinho e soube que o filho caçula havia exposto e divulgado sua nudez, Noé amaldiçoou o rapaz e seus descendentes. No entanto, abençoou os outros dois filhos (v. 24-27).

Moisés desceu do monte Sinai com aquilo que se tornou conhecido como os dez mandamentos. Encaixado entre "Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo" (Êx 20:8) e "Não matarás" (v. 13), está o quinto mandamento: "Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o SENHOR, o teu Deus, te dá" (v. 12). Paulo lembra-nos que esse é o primeiro mandamento com promessa (cf. Ef 6:2).

O dr. Neil Anderson tem aconselhado muitos homens e mulheres, ensinando-lhes os passos para o arrependimento. O primeiro passo é escrever os nomes das pessoas que os ofenderam. "De cem pessoas que completaram a lista em meu consultório", disse o dr. Anderson, "95% escrevem o nome do pai ou da mãe como número um e dois. Três dos quatro primeiros nomes da maioria da lista são de parentes próximos".[11]

É comum as cicatrizes de nosso passado terem sido infligidas por membros da família. Esse é mais um motivo para respeitar a vida das outras pessoas quando contamos nossas histórias.

A professora de doutrinas bíblicas Beth Moore menciona frequentemente o fato de ter sido violentada na infância. No entanto, ela fala de maneira geral, sem nunca mencionar o nome de quem a violentou. "A violência que eu sofria não era constante porque o agressor não tinha acesso contínuo a mim", Beth contou em uma entrevista para a *Today's Christian Woman*. "Mas por certo foi suficiente para provocar grande confusão em mim durante uma época em que estava tentando descobrir quem eu era."[12]

Quando contamos nossa história, não temos de revelar todos os detalhes, principalmente aqueles que poderiam expor o pecado de outra pessoa.

Seria interessante você saber que, todas as vezes que conto a história de alguém em um livro, eu imprimo o texto, envio-o à pessoa em questão e peço permissão para publicar. Às vezes revisamos a história e eliminamos alguns detalhes. Quase sempre esses detalhes são fatos que poderiam prejudicar um membro da família.

Paulo exorta-nos mais uma vez: "Façam tudo com amor" (1Co 16:14). Se expusermos o pecado de outra pessoa para nos promover e fizermos isso com uma pequena dose de amargura ou raiva, não deveremos chamar nosso trabalho de ministério.

Pedro disse: "Tratem a todos com o devido respeito", (1Pe 2:17). Se você for contar sua história em público, lembre-se de respeitar a vida dos outros e deixe-se sempre ser guiada pelo amor. O que passar disso terá cheiro de vingança.

Dito isto, vamos embarcar na aventura de revelar a verdade, não nos envergonhar de nossas cicatrizes e compartilhar a esperança e a restauração proporcionadas por Jesus Cristo.

1 Bob e Audrey Meisner. *Marriage Undercover*, p. 26.
2 Idem, p. 68.
3 Brennan Manning. *O evangelho maltrapilho*, p. 141.
4 *Real Simple*, set. de 2005, p. 47.
5 Citado por Carol Kent. *When I Lay My Isaac Down*, p. 159.
6 "Friendship's Healing Power", *The Charlotte Observer*, 30 de mai. de 2005, Section E, p. 1.
7 Idem, p. 3.
8 Pam Vredevelt. *Letting Go of Disappointments and Painful Losses*, p. 17.
9 Sheila Walsh. *Honestly*, p. 48.
10 Idem, p. 102.
11 *Victory Over the Darkness*, p. 203.
12 Citado por Jane Johnson Struck em "Beth Passion", *Today's Christian Woman*, set./out. de 2005, p. 32-33.

13

Liberando o poder de nossas cicatrizes

Eles o venceram
pelo sangue do Cordeiro
e pela palavra do testemunho
que deram.

Apocalipse 12:11

A manchete dizia: "Mancha na vida de oficial da Marinha — Acusação de assassinato a tiros em Orlando".

> Jason Kent era um dos tripulantes da equipe de navegação da Academia Naval dos Estados Unidos. Seu amor pela água foi responsável por levá-lo esta semana ao oceano Pacífico em sua primeira missão como oficial a bordo de um navio ancorado em Honolulu. Mas é provável que o jovem tenente não retorne mais ao mar. Ele está passando seus dias na prisão do condado de Orange aguardando julgamento por assassinato em primeiro grau.
>
> Kent, um oficial e cavalheiro, não diz uma só uma palavra sobre o disparo da arma que matou o ex-marido de sua esposa.[1]

Carol e Gene Kent são o protótipo de uma vida cristã radiante. A vida de Carol sempre girou em torno de amar o marido, criar o filho nos caminhos do Senhor e ensinar as mulheres a falarem com confiança sobre seu relacionamento com Jesus Cristo, em seus seminários *Speak Up with Confidence*.

O filho do casal, Jason (também conhecido como J.P.), era o sonho de toda mãe. Nas palavras de Carol, ele era um rapaz "focado, disciplinado, compassivo, dinâmico e incentivador, que queria dedicar a vida a assuntos importantes, um jovem adulto cujo maior desejo era servir a seu Deus e a seu país como militar na Marinha dos Estados Unidos".[2]

Jason Kent amava as pessoas. Tirou notas excelentes no colégio, recebeu prêmios em atividades esportivas na universidade e foi presidente da National Honor Society. Além de trabalhar como voluntário para a Habitat for Humanity,

foi mentor de alunos jovens e doava sangue todas as vezes que a Cruz Vermelha necessitava. Jason recebeu faixa preta em caratê e foi líder do grupo da mocidade em sua igreja. Era a alegria da casa. Nunca causou problemas nem deu nenhum motivo de preocupação aos pais por má conduta. Foi aluno da Academia Naval dos Estados Unidos em Annapolis, Maryland, estudou com afinco e tirou boas notas. Era disciplinado, tanto no físico como na mente, e sonhava em fazer parte da Força de Operações Especiais da Marinha dos Estados Unidos.

No entanto, em 23 de outubro de 1999, alguma coisa mexeu com a cabeça daquele rapaz, e o mundo de Carol e Gene mudou para sempre. J.P. puxou o gatilho de uma arma e matou um homem em uma loja de conveniência de um estacionamento.

O que se passou na cabeça de Jason? Ninguém sabe ao certo. Quando se casou com uma mulher divorciada, Jason ganhou duas enteadas maravilhosas. Houve alegações de abuso, e, vários meses antes da tragédia, Jason descobriu que o pai biológico das meninas estava tentando visitá-las sem a supervisão de outra pessoa. Jason achou que precisava proteger as meninas.

Carol e Gene abateram-se profundamente. Questionaram a maneira com que criaram o filho e o relacionamento deles com Deus. O mundo inteiro de Carol e Gene foi abalado, como se nenhuma parte da vida deles estivesse apoiada em solo firme. Carol sentia-se "perdida no mar em meio a uma onda de medo e desespero".[3]

Em *When I Lay My Isaac Down* [Quando sacrifico meu Isaque], Carol conta-nos a história de sua jornada de quatro anos que começou com um telefonema informando sobre a prisão de Jason, seguida de comparecimento ao tribunal de júri que condenou seu filho à prisão perpétua sem chance de liberdade condicional, até o dia de hoje, quando ela tenta ajuntar os cacos de sua vida despedaçada. No final, Carol e Gene concluíram que precisavam sacrificar seu Isaque.

> Sacrificar nosso Isaque é a decisão mais difícil que temos de tomar na vida. Parece uma decisão arriscada, estranha, impraticável, assustadora e ridícula. Mas no fundo do coração sabemos que é a correta. Curvamo-nos em atitude de adoração diante do Deus que nos ama mais do que amamos nosso Isaque e abrimos as mãos. E, durante esse processo, descobrimos que somos muito amados.[4]

Carol enfrentou uma encruzilhada em seu ministério e profissão, bem como na vida pessoal. Ela era palestrante internacional. E o que fazer com seu ministério? Teria condições de levá-lo adiante? Deveria desistir?

Carol adverte-nos: "Uma das táticas mais destruidoras do Inimigo é paralisar-nos por meio de nossas feridas emocionais e psicológicas — infligir-nos tanta dor e vergonha que nos desesperamos a ponto de nunca mais conseguir 'sair do lugar e andar'".[5] Carol e Gene saíram do lugar e andaram. Não foi fácil lutar contra a depressão e o desespero, enfrentar perdas terríveis e decidir seguir a Cristo em qualquer situação. Eles continuam a abrir mão todos os dias de tentar controlar o destino da vida do filho — eles sacrificam seu Isaque. E os Kent descobriram o poder de suas cicatrizes.

Carol explica:

> Há uma base comum de entendimento, perdão, aceitação e cura quando somos autênticos uns com os outros. Quando contamos as histórias verdadeiras de nossa vida, daquilo que enfrentamos durante a caminhada, destruímos barreiras e criamos lugares seguros para nos arriscar a revelar a verdade. A intimidade nos relacionamentos pessoais produz vida quando não mais nos escondemos por trás da máscara da negação, do constrangimento, da culpa e da vergonha. Somos o que somos — pessoas que atravessam dias bons e pessoas que atravessam dias muito maus. Deixamos de fingir que tudo está "bem" e que a vida é maravilhosa. Quando compartilhamos nossas histórias, descobrimos uma forma de relacionamento sem fachada e sem a necessidade de impressionar ninguém. Somos apenas autênticos. Isso nos dá uma tremenda liberdade...
>
> Eu costumava me perguntar que proveito haveria em recapitular os detalhes e reviver o sofrimento de uma experiência indesejada. Mas descobri que recebemos um poder tremendo quando ousamos abrir a boca para falar de nossas histórias pessoais com sinceridade e vulnerabilidade. Ao fazer isso, lembramos aos outros que a vida é uma jornada imprevisível para todos nós. Acontecem coisas ruins, e o Inimigo tenta destruir nosso espírito e senso de propósito na vida. Quando somos capazes de lembrar que estamos engajados em uma batalha espiritual — não com armas e ódio, mas com esperança, fé e alegria —, ratificamos nossa verdadeira segurança em Deus e nosso amor por ele em meio aos sofrimentos. A recompensa repleta de graça é que nos vemos envolvidos por um amor imutável, íntimo e incomensurável que continua a conduzir-nos para o centro da maior de todas as aventuras.[6]

Carol e Gene continuam a dirigir o *Speak Up Speaker Services*, mas agora também têm outra paixão... a *Speak Up for Hope*, uma organização sem fins lucrativos que se destina a falar em nome daqueles que não têm o direito de se pronunciar nas prisões de nosso país. O casal descobriu e liberou o poder de suas cicatrizes a fim de dar esperança aos desesperançados, coragem e força aos

exaustos, cura a casamentos que se romperam por causa da prisão de um membro da família e estabilidade material aos filhos dos prisioneiros.

A economia de Deus

O que lhe vem à mente quando você ouve a palavra "poder"? O Dicionário *Webster* define "poder" como "capacidade ou faculdade, controle, influência controladora, autoridade". No grego, a língua original do Novo Testamento, a palavra é *dunamis* e significa "aquilo que manifesta o poder de Deus".[7] É dela que se origina a palavra "dinamite".

Na Bíblia, Jesus disse aos discípulos que eles receberiam poder quando o Espírito Santo se tornasse vivo neles e por meio deles (cf. At 1:8). "Mas eu lhes afirmo que é para o bem de vocês que eu vou. Se eu não for, o Conselheiro não virá para vocês; mas se eu for, eu o enviarei" (Jo 16:7). Na mente dos discípulos, isso não fazia sentido. Por que seria melhor Jesus partir? Como teriam mais poder depois que ele fosse embora?

Por certo não foi dessa maneira que os discípulos imaginaram o reinado de Jesus. Até Pedro, quando Jesus previu seu sofrimento, morte e ressurreição iminentes, disse: "Nunca, Senhor! Isso nunca te acontecerá!" (Mt 16:22).

Os discípulos não entenderam a economia de Deus: os primeiros serão os últimos, achamos nossa vida se a perdemos, recebemos quando doamos, somos poderosos quando estamos fracos, somos exaltados quando nos humilhamos diante de Deus.

Jesus inicia seu primeiro sermão registrado na Bíblia com uma lista aparentemente contraditória:

> "Bem-aventurados
> os pobres em espírito,
> pois deles é o Reino dos céus.
> Bem-aventurados
> os que choram,
> pois serão consolados.
> Bem-aventurados os humildes,
> pois eles receberão a terra por herança".
>
> Mateus 5:3-5

Em *Quebrantar-se completamente diante de Deus* , Nancy Leigh DeMoss comenta o seguinte acerca das palavras de Jesus sobre os pobres em espírito:

> Jesus veio para introduzir uma forma radicalmente diferente de refletir a respeito da vida. Na língua grega, na qual o Novo Testamento foi escrito, há duas palavras que Jesus poderia ter escolhido para falar de alguém considerado "pobre". A primeira sugere alguém que vive abaixo da linha da pobreza, alguém que tem sempre de economizar aqui e acolá para sobreviver, alguém que ganha dinheiro, mas muito pouco. Não foi essa a palavra que Jesus escolheu. Ele usou outra palavra, que significa mendigo — uma pessoa totalmente sem recursos. Esse mendigo não tem esperança de sobreviver, a menos que alguém lhe estenda a mão e o levante.
>
> O que Jesus está dizendo? Bem-aventurados os mendigos — aqueles que reconhecem que são espiritualmente pobres e falidos. Eles sabem que não têm nenhuma chance de sobreviver sem a intervenção da graça e misericórdia de Deus.

Reflita nestes versículos da Bíblia, aparentemente incoerentes:

- "Quem quiser tornar-se *importante* entre vocês deverá ser *servo*, e quem quiser ser o primeiro deverá ser *escravo*; como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mt 20:26-28, grifos do autor).
- "*Deem*, e lhes *será dado*: uma boa medida, calcada, sacudida e transbordante será dada a vocês. Pois a medida que usarem também será usada para medir vocês" (Lc 6:38, grifos do autor).
- "Então lhes disse: 'Quem recebe esta criança em meu nome, está me recebendo; e quem me recebe, está recebendo aquele que me enviou. Pois aquele que entre vocês for o *menor*, este será o *maior*'" (Lc 9:48, grifos do autor).
- "Mas Deus escolheu o que para o mundo é loucura para envergonhar os sábios, e escolheu o que para o mundo é fraqueza para envergonhar o que é forte. Ele escolheu o que para o mundo é insignificante, desprezado e o que nada é, para reduzir a nada o que é, a fim de que ninguém se vanglorie diante dele" (1Co 1:27-29).
- "Mas ele me disse: 'Minha graça é suficiente para você, pois o meu *poder* se aperfeiçoa na *fraqueza*'" (2Co 12:9, grifos do autor).
- "*Humilhem-se* diante do Senhor, e ele os *exaltará* " (Tg 4:10, grifos do autor).

Temos a tendência de pensar que as cicatrizes atrapalham nosso serviço a Deus, mas são elas que nos tornam capazes de servir a ele. Por meio de nossa fraqueza, ele nos torna fortes. Por meio de nossa morte, ele nos torna vivas. Por meio de nossas feridas, ele nos torna sãs. É assim que Deus libera seu poder.

Voltando ao ponto inicial do círculo

Lemos em Êxodo, no Antigo Testamento, que o povo escolhido de Deus trabalhava como escravo para os poderosos egípcios. Ao ver que o povo hebreu se tornava cada vez mais numeroso, o faraó decidiu obrigá-lo a trabalhar como escravo para os egípcios na esperança de subjugá-lo. Durante quatrocentos anos o povo hebreu trabalhou sob o chicote dos egípcios, até o dia em que Deus ouviu seu clamor e decidiu libertá-lo da escravidão.

Os israelitas, ou hebreus, testemunharam muitos milagres de Deus para libertá-los: o rio de sangue, o mau cheiro das rãs, o enxame de moscas, a coceira causada pelos piolhos, a morte dos rebanhos, o sofrimento por feridas purulentas, a tempestade de granizo, a destruição provocada pelos gafanhotos, o cobertor de trevas e a morte dos primogênitos; mas essas pragas que Deus infligiu aos egípcios não atingiu seus escolhidos. Eles maravilharam-se ao ver Deus dividir as águas do mar Vermelho para que pudessem atravessá-lo em terra seca, espantaram-se ao ver Deus enviar o maná do céu e alegraram-se ao ver Deus extrair água de uma rocha para matar-lhes a sede. Deus supriu todas as necessidades daquele povo durante quarenta anos.

Quando, porém, chegou a hora de entrar na terra prometida, os israelitas foram assaltados pela dúvida. Moisés enviou doze espiões para fazer o reconhecimento do local — para ver se a terra manava leite e mel. Na volta, eles relataram o seguinte:

> "Entramos na terra à qual você nos enviou, onde há leite e mel com fartura! Aqui estão alguns frutos dela. Mas o povo que lá vive é poderoso, e as cidades são fortificadas e muito grandes. [...] Vimos também os gigantes, [...] diante de quem parecíamos gafanhotos, a nós e a eles".
>
> Nm 13:27-28,33

No entanto, nem todos os espiões relataram a mesma coisa. Dois homens, Josué e Calebe, garantiram ao povo que Deus já lhes dera a terra prometida. Tudo o que tinham de fazer era marchar e tomar posse do que já era deles.

Infelizmente, o povo acreditou no relatório pessimista dos dez espiões em vez de acreditar nas promessas de Deus. Por causa dessa falta de fé, Deus castigou o povo e não permitiu que aquela geração inteira entrasse na terra prometida. Apesar de ter se livrado da escravidão, os hebreus passaram o resto de seus dias vagando pelo deserto da falta de fé. Lamentavelmente, é lá que muitos cristãos vivem hoje — salvos da punição do pecado, mas vagando no deserto por causa da falta de fé.

Anos depois, assim que a geração inteira de hebreus incrédulos morreu, Deus deu a seus filhos outra chance de entrar na terra prometida. Somente dois homens da geração anterior, Josué e Calebe, receberam permissão para entrar. Dessa vez, a nova geração de hebreus acreditou que Deus cumpriria sua promessa.

A primeira parada do povo, pouco antes de entrar na terra prometida, foi em um lugar chamado Gilgal, a oeste do rio Jordão. A palavra "Gilgal" significa "círculo". Deus levou seu povo escolhido ao ponto inicial do círculo. Finalmente os hebreus puderam deixar o Egito para trás e entrar na terra que Deus lhes prometera. A falta de fé de seus pais os manteve fora, mas a fé daquele povo o colocou dentro da terra prometida.

Muitas vezes, antes de entrarmos em nossa terra prometida, Deus leva-nos ao ponto inicial do círculo. Em geral, ele usa aquilo que nos feriu para nos levar à terra prometida do ministério. Quando não nos envergonhamos de nossas cicatrizes, Deus leva-nos ao nosso Gilgal e nos conduz a uma terra onde há fartura de oportunidades.

Uma vítima de abuso emocionalmente curada trabalha em um abrigo de mulheres maltratadas, oferecendo esperança.

Uma mulher que conhece a cura e o perdão por um aborto feito no passado oferece ajuda a mulheres em um centro de gravidez inoportuna, apresentando escolhas certas.

Uma ex-dependente de drogas estende a mão a mulheres viciadas em cocaína e oferece liberdade.

Uma ex-prostituta ajuda mulheres que estão tentando quebrar as correntes do pecado sexual e oferece uma vida de pureza.

Uma mãe que perdeu um filho consola outras mães cujas feridas ainda estão abertas após uma perda e sofrimento semelhantes.

Uma vítima de estupro aconselha mulheres devastadas por violência sexual.

Há somente uma pessoa capaz de impedi-la de entrar em sua terra prometida — você. Não a pessoa que a ofendeu, a violentou, a desprezou ou a abandonou. Apenas você. Deus leva-nos ao ponto inicial do círculo e pergunta: "Está pronta para entrar na terra prometida?". Adoro esta citação de Samuel Chadwick: "É maravilhoso ver o que Deus é capaz de fazer com um coração quebrado quando ele recolhe todas os pedaços".

Face a face com a esperança

Quando Melissa nasceu, seus pais encheram-se de alegria para recepcionar a chegada da primogênita ao mundo. No entanto, quando o médico informou que dois dedos de cada pé eram ligados por uma membrana, as lágrimas de alegria da mãe misturaram-se com lágrimas de apreensão.

— Não se preocupe — o médico disse —, os patos têm os dedos ligados por membrana e vivem naturalmente.

— Minha filhinha não é um pato! — a mãe de Melissa retrucou, chorando.

Melissa não se lembra muito de ter tido problemas na primeira infância por causa dos pés. Mas, quando estava com sete anos, brincando no *playground*, um garotinho apontou para os pés dela e disse: "Ih!", para todos ouvirem. Daquele dia em diante, Melissa nunca mais deixou que alguém visse seus pés.

— Eu escondia minha deformidade — Melissa contou-me. — Ninguém via meus pés. Se alguém tivesse a chance de dar uma olhada, a reação era sempre a mesma... *ih!*

Às vezes Melissa sentia-se como se fosse uma aberração exibida em circos. Quando alguém via de relance sua deformidade, a exclamação chamava a atenção

de todos. “Posso tocar em seus dedos?”, as pessoas perguntavam. “Como você convive com isto?”, outras indagavam. Era mais fácil manter os dedos dos pés escondidos.

Melissa cresceu e transformou-se em uma linda mulher, mas continuou a esconder o defeito nos pés. Não se sentia bem quando alguém os via, exceto seu marido.

Quando cada um dos quatro filhos de Melissa nasceu, ela contou os dedos dos pezinhos do bebê para ver se não faltava nenhum e se eram... separados. Não foi surpresa quando sua primeira filha, Blake, nasceu. Ela também tinha dois dedos de cada pé ligados por membrana, e grande parte da insegurança de Melissa veio à tona enquanto carregava sua querida filhinha no colo.

Alguns anos depois, Melissa teve o terceiro filho, Dylan. Ele tinha todos os dedos dos pés e eles eram separados, mas apresentava uma anomalia diferente. Logo abaixo da moleira, Dylan tinha uma massa de tecido estranha, mais ou menos do tamanho de um dólar de prata. A superfície era áspera, inchada e coberta por pequeninos nódulos nada atraentes.

— O que é essa marca na cabeça de Dylan? — Melissa perguntou.

— Chama-se aplasia congênita da cútis — o médico respondeu. — É semelhante a um tecido cicatrizado.

— O cabelo vai crescer para cobrir o defeito?

— Não, não vai.

— O que pode ser feito?

— Sugiro que consultem um cirurgião plástico. Ele poderá girar o couro cabeludo e retirar o tecido. O menino ficará com uma pequena cicatriz, como se fizesse parte do cabelo.

Melissa e o marido decidiram que o cirurgião plástico seria uma opção maravilhosa... e Dylan ficou imensamente grato a eles.

Agora, queridas amigas, vem a parte boa.

Melissa faz palestras e é uma de minhas amigas. Viajou recentemente para falar em um evento de mulheres em Valley Forge, Pensilvânia. O tema foi “Mudança radical: edição da alma”. Durante uma das apresentações de Melissa, ela sentiu-se compelida a falar de seus pés.

— Todas nós temos alguma coisa que nos causa vergonha — ela começou a falar.

Antes de abordar o tema sobre segredos escondidos no coração, Melissa falou de seus dedos dos pés ligados por membrana e da aplasia congênita da cútis de Dylan.

Enquanto falava, ela fixou o olhar em uma mulher que parecia prestes a saltar da cadeira. À medida que ela prosseguia, o rosto da mulher tornava-se mais brilhante. Melissa sabia que havia dito alguma coisa que falara diretamente ao coração daquela mulher. Após a palestra, a mulher foi a primeira a correr até Melissa.

— Você não vai acreditar! — a mulher exclamou. — Eu também tenho dois dedos de cada pé ligados por membrana. Não conheço ninguém com esse problema, e o escondi a vida inteira. Quando você começou a falar de seus pés, Deus começou a levar minha vergonha embora. Nunca mais vou me envergonhar de meus pés!

Em seguida, as duas mulheres sentaram-se no chão, tiraram os sapatos e compararam os dedos dos pés. As outras que se reuniram ao redor delas acharam graça ao ver aqueles pés descalços.

Quando as risadas cessaram, outra mulher, mãe de quatro filhos, aproximou-se de Melissa.

— Você não vai acreditar — ela disse —, mas eu também nasci com aplasia congênita da cútis. Não conheço mais ninguém com esse problema.

A mulher explicou, então, que dois de seus quatro filhos também tinham aplasia congênita da cútis. Ela e o marido estavam pensando na possibilidade de uma cirurgia para corrigir o problema.

— Talvez você não saiba por que foi enviada para cá — a mulher explicou —, mas eu sei. Deus enviou-a por minha causa. Venho lutando há muito tempo, tentando descobrir o que fazer com meus filhos. Recebo muitos conselhos, mas sempre penso: "Você não entende". Deus enviou-a para cá neste fim de semana porque queria que eu ouvisse a palavra de alguém especial. E, de certa forma, ele está dizendo, acima de tudo, que me entende.

Com lágrimas nos olhos, ela prosseguiu.

— Obrigada por compartilhar sua história conosco. Você poderia ter escondido esses defeitos. Mas Deus usou-os para trazer-me esperança.

— Obrigada por me contar isto — Melissa disse. — Deus a ama muito. Ele me fez viajar centenas de quilômetros para falar a você.

— A propósito — a mulher disse, sorrindo em meio a lágrimas —, minha filha também tem os dedos dos pés ligados por membrana.

Sinto arrepios só em pensar nessa história. Havia tantas pessoas para falar àquele grupo de mulheres na Pensilvânia, mas Deus escolheu Melissa. Ela não se envergonhou dos defeitos, deformidades e anormalidades ocorridos em sua vida, e mudou a vida de outras pessoas. Do alto da cabeça de seu filho até os dedos de seus pés, Deus usou cada parte de Melissa para levar a esperança e cura de Jesus àquelas preciosas mulheres.

Ah, como amo este versículo: "Que o Deus da esperança os encha de toda alegria e paz, por sua confiança nele, para que vocês transbordem de esperança, pelo poder do Espírito Santo" (Rm 15:13). Ele é o Deus da esperança! Quando confiamos as cicatrizes a ele, nossa esperança transborda sobre os que estão à nossa volta até encharcá-los. Esse é o poder de nossas cicatrizes.

Os filhos do Rei

Os anjos pairaram por toda a nossa igreja naquela manhã de domingo. Foi um dia especial para o grupo de dez garotos conhecidos como Filhos do Rei. Eles dirigiram o culto cantando uma canção especial, mas havia um pormenor: muitos deles não eram capazes de cantar harmoniosamente, nem de andar sozinhos ou controlar os movimentos dos braços e das pernas. Permanecemos em silêncio enquanto aquele grupo inusitado de dirigentes do culto caminhava com passos trôpegos para posicionar-se no palco. Todos aqueles filhos de Deus tinham uma deficiência física visível. Os garotos enfileiraram-se no palco. Atrás de muitos deles havia um adulto para ampará-los, tanto física como emocionalmente. Kristen, uma jovem senhora com síndrome de Down, apareceu para liderar os garotos e sentou-se diante deles com confiança, força e paixão.

Ao ouvir o som da música de fundo, os Filhos do Rei começaram a "cantar" com as mãos por meio de linguagem de sinais. "Avante", suas mãos proclamavam. Com movimentos exagerados e louvando a Deus sem inibição, Kristen cantou com os braços e as mãos para aquele que a amava muito.

Uma menina em particular chamou-me a atenção. Ela não conseguia fazer os sinais sozinha. Seus braços e pernas eram muito fracos e incontroláveis. Vi quando a menina se apoiou na mulher atrás dela e soltou os braços e as mãos. Enquanto o grupo "cantava" por meio de sinais, a mulher começou a movimentar as mãos da menina para acompanhar os outros. Beth apoiou-se na mulher e deixou o controle por conta dela.

Naquele momento, Deus falou a meu coração. "É isso que eu quero que você faça. Apoie-se em mim, deixe o controle por minha conta e permita-me movimentar sua vida em uma sinfonia de adoração".

Todas nós temos deficiências. Elas variam de pessoa para pessoa, mas Deus deseja que cada uma de nós faça como Beth fez naquela manhã de domingo. Apoie-se em Deus, deixe o controle por conta dele e permita que ele a movimente no ritmo de sua canção.

Cicatrizes? Todas nós temos. É a maneira pela qual as vemos que muda o nosso coração. É a maneira pela qual decidimos usá-las que muda o mundo.

Não houve quem não tivesse chorado naquele templo de dois mil lugares. Embora fossem ainda muito novas, aquelas crianças tão preciosas tinham muitas feridas e cicatrizes, mas encorajaram todas as pessoas presentes a "avançar". Suas deficiências eram visíveis, mas todos nós sentados nos bancos do templo também tínhamos deficiências invisíveis a olho nu, porém verdadeiras.

Há cicatrizes bonitas em sua vida que precisam ser reveladas? Eu gostaria de saber o que Deus deseja realizar por seu intermédio. Há quanto tempo ele está esperando que você retire a capa protetora? Não se envergonhe de suas cicatrizes, porque será por meio delas que o mundo conhecerá o Salvador, aquele que cura, o Senhor.

Este não é um epílogo, minha amiga. É uma missão. Não é o fim de nossa jornada juntas, mas apenas o começo. Jesus disse: "Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas" (Mc 16:15). Seu *mundo* talvez seja sua

vizinhança. Poderá ser o outro lado do globo terrestre. Mas, aonde quer que Deus a levar, oro para que você não se envergonhe de suas cicatrizes, mas que revele a verdade do poder de cura, redenção e restauração de Deus em sua vida. Suas cicatrizes são bonitas para Deus.

1 Henry Pierson Curtis. “Blemish for Navy Officer”, *The Orlando Sentinel*, 6 de nov. de 1999, p. 1.
2 Excerto de *When I Lay My Isaac Down*, de Carol Kent, p. 16-17, com a autorização de NavPress <http://www.navpress.com>. Todos os direitos reservados.
3 Idem, p. 24.
4 Idem, p. 72.
5 Idem, p. 125.
6 Idem, p. 175, 178-179.
7 W. E. Vine, Merrill Unger, William White Jr. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e Novo Testamento*.

Bibliografia

ANDERSON, Neil. *Victory Over the Darkness*. Ventura: Regal Books, 1990.

BAUM, Frank L. *O mágico de Oz*. São Paulo: Hemus, 2004.

CLARK, Dan. *Puppies for Sale and Other Inspirational Tales*. Deerfield Beach: Health Communications, Inc., 1997.

CLOUD, Henry e TOWNSEND, John. *Limites*. São Paulo: Vida, 1999.

DAVIS, Ron Lee. *Mistreated*. Portland: Multnomah Press, 1989.

DEMOSS, Nancy Leigh. *Quebrantar-se completamente diante de Deus*. Belo Horizonte: Betânia, 2006.

DOBSON, James. *Quando Deus não faz sentido*. São Paulo: Bom Pastor, 2006.

ETHRIDGE, Shannon. *A batalha de toda mulher*. São Paulo: Mundo Cristão. 2006.

FORWARD, Susan. *Pais tóxicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

GIRE, Ken. *Janelas da alma*. São Paulo: Vida, 2003.

GOYER, Tricia. *Vida interrompida*: *entendendo o que é ser mãe na adolescência.* Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

HURNARD, Hannah. *Pés como os da corça nos lugares altos*. São Paulo: Vida, 1998.

JAYNES, Sharon. *A mulher dos sonhos de seu marido.* São Paulo: Mundo Cristão. Eugene: Harvest House Publishers. [no prelo].

JAYNES, Sharon. *Being a Great Mom, Raising Great Kids*. Chicago: Moody Publishers, 2000.

KENT, Carol. *When I Lay My Isaac Down*. Colorado Springs: NavPress Publishing Group, 2004.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Edart, 2008.

LEWIS, C. S. *Cristianismo puro e simples*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Milagres*. São Paulo: Vida, 2006.

_____. *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa.* São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LUCADO, Max. *Um presente para todos*. São Paulo, Quadrangular, 2001.

LITTAUER, Florence. *Silver Boxes*. Dallas: W Publishing Group, 1989.

MANNING, Brennan. *O evangelho maltrapilho*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

MARR, Diane Dempsey. *The Reluctant Traveler*. Colorado Springs: NavPress Publishing Group, 2002.

MEISNER, Bob e Audrey. *Marriage Undercover*. Huntsville: Milestones International Publishers, 2005.

MEYER, Joyce. *Beauty from Ashes*. Tulsa: Harrison House, 1994.

MOORE, BETH. *The Patriarchs*. Nashville: Lifeway Press, 2005.

_____. *When Godly People Do Ungodly Things*. Nashville: Lifeway Press, 2003.

PENNEBAKER. James W. *Abra o seu coração*. São Paulo: Gente, 2006.

SEAMANDS, David. *A cura das memórias*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

TERKEURST, Lysa. *Who Holds the Key to Your Heart?* Chicago: Moody Publishers, 2002.

TOZER, A. W. *The Knowledge of the Holy*. New York: Harper Collins, 1978.

VINE, W. E.; UNGER, MERRILL; WHITE JR., William. *Dicionário Vine*: *o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

VREDEVELT, Pam. *Letting Go of Disappointments and Painful Losses*. Sisters: Multnomah Publishers, Inc., 2001.

WAGGONER, Brenda. *The Velveteen Woman*. Colorado Springs: Chariot Victor Publishing, 1999.

WALSH, Sheila. *Honestly*. Grand Rapids: Zondervan Publishers, 1996.

WARREN, Rick. *Uma vida com propósitos*. São Paulo: Vida, 2003.

Webster's Dictionary of the English Language. New York: Lexicon Publications, Inc., 1990.

WILLIAMS, Margery. *The Velveteen Rabbit*. New York: Doubleday & Company, Inc., s/d.

YACONELLI, Michael. *Messy Spirituality*. Grand Rapids: Zondervan Publishers, 2002.

YANCEY, Philip. *Onde está Deus quando chega a dor?* São Paulo: Vida, 2005.

Zondervan NIV Commentary. Grand Rapids: Zondervan Publishers, 1994.

ZODHIATES, Spiros et. al, eds. *The Complete Word Study Dictionary: New Testament*. Chattanooga: AMG Publishers, 1992.

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:
opiniao-do-leitor@mundocristao.com.br
Acesse nosso *site*: <www.mundocristao.com.br>

O Guia de Estudo deste livro está disponível em nosso *site*:
www.mundocristao.com.br, na página de detalhes do produto.